

ASSEMBLEIA DO M.F.A.

A UNIDADE É POSSÍVEL

• Poder popular ou fascismo, a opção que a História julgará

A Assembleia do M. F. A., que teve início às 14 horas, de hoje, na Escola Prática de Engenharia, em Tancos, vai ter, certamente, um papel decisivo no evoluir da actual crise político-militar. Ela é, talvez, a derradeira oportunidade para os homens que arriscaram a própria vida no derrubamento do fascismo — e empenharam a honra na construção de uma sociedade verdadeiramente socialista — de ficarem na História do nosso povo como revolucionários e patriotas.

Defender a Revolução, fazendo-a ao mesmo tempo avançar, é a tarefa imediata para os militares revolucionários que querem efectivamente o apoio e a companhia dos explorados e oprimidos de Portugal.

Informações obtidas, esta manhã, junto de fontes dignas de confiança, dão conta da real possibilidade de uma plataforma de unidade que poderá

superar divergências, afinal secundárias e congregar os homens que afirmam pretender, de facto, uma revolução popular, ao serviço dos trabalhado-

res. Não citamos nomes, não damos números, nem votações. São grandes e iminentes os perigos que ameaçam o «25 de Abril». A hora é de unidade. Assim o entendem todos os oficiais, sargentos e praças a quem cabe fazer frente e já, à besta fascista que se aproxima ameaçadora.

Entretanto, a reunião de delegados do Exército composta por elementos afectos aos chamados «nove», iniciada a meio da manhã em Tancos, na Escola Prática de Engenharia, decidiu-se pela participação na Assembleia do M. F. A.

A Assembleia, cujo início estava previsto para as 9 horas, terá sido atrasada algumas horas em virtude de um pedido dos brigadeiros Charais e Pizarat Correia, respectivamente comandantes das Regiões Mili-

tares do Centro e Sul, ao Chefe do Estado. Tal pedido veio na sequência das diligências que Costa Gomes terá empreendido junto do general Carlos Fabião no sentido de este tentar convencer os delegados do Exército, que apoiaram na reunião de terça-feira em Tancos a proposta de adiamento da Assembleia do M. F. A., em modificarem a sua posição e comparecerem na Assembleia.

O general Costa Gomes manteve, por sua vez, durante a manhã, vários contactos com elementos militares, tendo em vista a Assembleia do M.F.A. Assim o Chefe de Estado avisou-se inicialmente com o major Manaças (do secretariado

da Assembleia) e com o capitão Barbosa Pereira. Seguidamente o Presidente da República recebeu os membros do Conselho da Revolução, comandantes Contreras e Martins Guerreiro e o capitão Macedo. O almirante Pinheiro de Azevedo esteve presente em todos os encontros.

COMUNICADO DO GENERAL FABIÃO

O Chefe do Estado-Maior do Exército, general Carlos Fabião emitiu hoje um comunicado a propósito da «divulgação nos órgãos de Informação, dum comunicado anónimo

Continua na pág. 20

SANEAR À ESQUERDA É DIVIDIR

Assinado por mais de oitenta individualidades, em que se contam professores universitários, médicos, engenheiros, arquitectos, advogados, escritores, pintores, actores, etc., de todos os pontos do país (Norte, Centro e Sul) foi, esta manhã, enviado ao Presidente da República, o seguinte telegrama:

«Perante campanha movida por meia dúzia de Estados capitalistas e seus serventuários internos contra a revolução portuguesa e seus mais destacados dirigentes militares nomeadamente vossa excelência, general Vasco Gonçalves, almirante Pinheiro de Azevedo, comandante Ramiro Correia, almirante Rosa Coutinho, brigadeiro Corvacho e outros, vimos manifestar nossa repulsa contra tal campanha.

Entendemos que se deve defender nossa independência nacional repelindo toda a intromissão de Governos estrangeiros e não cedendo às pressões de seus serventuários internos.

Quaisquer alterações no Governo ou na direcção militar do País devem visar o fortalecimento da unidade das forças revolucionárias, da unidade M. F. A./Povo, da unidade das forças que optaram claramente pelo socialismo sem concessões à social-democracia.

Fazer concessões à social-democracia afastando do processo revolucionário militares destacados na luta pela revolução portuguesa, traduz-se em quebrar o ímpeto revolucionário, fomentar indisciplina nas Forças Armadas, desmobilizar o povo português, dividir a classe operária, reprimir as forças progressistas, pôr em perigo a independência nacional e a independência dos povos de Angola e Timor».



MANIFESTAÇÃO CONTRA O "D.N."

Pág. 18

Extinta a Direcção-Geral da Administração Escolar

Pelo Decreto-Lei 489/75 é extinta a Direcção-Geral da Administração Escolar, sendo criadas em sua substituição a Direcção-Geral do Equipamento Escolar e Direcção-Geral de Pessoal e Administração. Pa-

ra aquela, transita a Direcção dos Serviços de Programação e Instalações; para esta, a Direcção de Serviços de Pessoal, Divisão de Administração e Finanças e Repartição Administrativa.

Estas medidas surgem levando em linha de conta que a «política de austeridade enunciada pelo Governo Provisório não

se compadecia com transformações que acarretassem acréscimos de encargos para o Estado», havendo pois, «a precaução de proceder somente aos reajustamentos-ditados pelas necessidades pressentidas e decorrentes da prática anterior — que se não traduzissem numa sobrecarga adicional do erário público.

Assembleia da Força Aérea

APOIO AO C.E.M.F.A. SITUAÇÃO DE IMPASSE

Apoio ao chefe de Estado-Maior e discordância com a nomeação do general Vasco Gonçalves para o cargo de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, parece terem sido as as mais importantes decisões da Assembleia da Força Aérea que ontem se reuniu em Sintra, sob a presidência do general Moraes e Silva, com uma constituição completamente diferente da anterior devido ao afastamento de cerca de 39 oficiais revolucionários. Os trabalhos duraram até altas horas da madrugada e ter-se-iam caracterizado por análises exaustivas mas de fraco conteúdo político. Não foi

permitida a entrada na Base dos representantes dos órgãos de Informação. Os jornalistas foram no entanto informados que seria enviado um comunicado, distribuído pela 2.ª Divisão do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Conforme noticiámos ontem nos últimos dias diversos sectores da Força Aérea aprovaram moções condenando as posições assumidas pelo chefe do Estado-Maior deste ramo das Forças Armadas, e a sua directiva que afastou da Assembleia um elevado número de oficiais revolucionários. Posteriormente em plenários

Continua na pág. 20

DOMINGO, SAMORA E GRAÇA



... Eis que um dia, durante a luta de libertação de Moçambique, Jocina, mulher de Samora Machel, foi ferida de morte.

O tempo foi passando, surgiu a independência do território — e Samora sempre duro na aplicação da justiça: «Tu és camarada, tu

não és camarada, já estás... E nada mais de traição, hein?»

Pois agora, já com o país livre, Samora, 42 anos, vai casar-se. Com quem? Com Graça Simbine, estudante da Universidade de Lisboa nos fins da década de 60. De 28 anos, Simbine é ministro da Educação e Cultura.

Só isso? Não: em tempos foi agente clandestina do Movimento de Libertação de Moçambique.

Sobre o assunto, eis na íntegra o comunicado do Comité Central da Frelimo:

«Sob proposta do Comité Político-Militar, o Comité Central da Frelimo aprovou o casamento do presidente da Frelimo, camarada Moisés Machel, com a camarada Graça Simbine.

«O Comité Central felicitase por considerar que tal casamento se integra plenamente nos objectivos que a Frelimo atribui à união ma-



triomonal, permitindo-se, ao mesmo tempo, que estes dois responsáveis aumentem a sua contribuição à causa do povo e da Revolução.

«O casamento terá lugar no dia 7 de Setembro.»

Domingo, enfim, de alegria.

Nacional

EM BRAGANÇA

O BOM-SENSE EVITOU DESACATOS

BRAGANÇA, 5 — Promovida pelos futuros alunos do 1.º ano do Magistério Primário, teve ontem lugar nesta cidade uma manifestação que poderia ter tido consequências graves se alguns dos presentes mais sensatos não tivessem impedido os manifestantes de assaltar e ocupar imediatamente o Colégio S. João de Brito, onde se encontram instalados os militares da Campanha Maio-Nordeste, recentemente reforçados por elementos do Concon.

O facto de terem concorrido a este concurso mais de 400 candidatos — número até agora nunca atingido — está, certamente, na origem dos acontecimentos de ontem, já que candidatos e alunos, temendo que a ocupação do edifício por forças militares venha a atrasar o início dos estudos ou a impossibilitar a execução do seu programa, resolveram levar a cabo uma manifestação destinada a pedir a sua imediata evacuação. Por volta das 22 horas, futuros alunos e finalistas começaram a agrupar-se na Praça da Sé com o evidente apoio da população da cidade que, pouco depois, começou a integrar-se na manifestação. Às 23 horas, a multidão era já vasta e alguns dos presentes começaram a sugerir que os manifestantes ocupassem imediatamente o edifício do colégio expulsando, para esse efeito, os militares que lá se encontravam instalados. Demovidos dos seus propósitos pe-

las palavras sensatas do major Albuquerque, comandante do Batalhão de Caçadores 3 que prometeu a evacuação dos militantes do Copcon dentro de dois ou três dias e a saída dos restantes tão depressa quanto possível, os manifestantes acalmaram mas revelaram-se incrédulos.

REUNIÃO NO B.C. 3

Por decisão dos organizadores foi resolvido eleger uma comissão mista de alunos e de representantes da população da cidade que se dirigiu para o B.C. 3 onde se encontravam os comandantes da G. N. R., da P. S. P. e da força do Copcon, este último, pelo menos aparentemente, renitente em comparecer à reunião. Em grande parte devido à dificuldade que houve em estabelecer contacto telefónico com o Porto e com Lisboa, a reunião prolongou-se até às 2.30 de hoje sem que o assunto ficasse definitivamente resolvido. A comissão exigiu que o Governador civil, que a informou de do Augusto Gomes, informasse as autoridades de que o edifício é necessário para a escola e ficou de ir ao Governo Civil hoje, às 11 h, tomar conhecimento da decisão tomada. Às 10.30 de hoje, a Comissão avisou-se com o dr. Narciso Pires, secretário do Governador Civil, que a informou de que o assunto estava em vias de solução a contento de todos e que teria uma resposta definitiva antes, ainda das 12 h.

ANGOLA

LEONEL CARDOSO CHEGA A LUANDA

Chegou a Luanda o novo Alto-Comissário da República Portuguesa em Angola, almirante Leonel Cardoso.

Numa entrevista concedida ao diário luandense «O Comércio», o almirante Leonel Cardoso disse que faria tudo o que fosse possível para restabelecer a paz no território para o que, caso se tornasse necessário, as tropas portuguesas estariam na disposição de intervir.

As declarações do novo Alto-Comissário surgem na altura em que parece ter sido quebrada qualquer possibilidade de entendimento entre a UNITA e o MPLA, depois do encontro havido em Lisboa entre os dois movimentos ter aberto, em princípio, vias de colaboração.

Ontem foram noticiadas novas encaramenções entre a UNITA e o MPLA. Este último movimento publicou um comunicado anunciando que as suas forças rechacaram um avanço das tropas da UNITA no Alto Chipaca, no leste de Angola, e fizeram abortar uma tentativa daquele movimento para ocupar Cubal e Ganda, no sul.

INFILTRAÇÕES MILITARES NO SUL

Sobre a presença de forças estrangeiras no sul de Angola, repetidamente denunciada pelo MPLA nas últimas duas semanas, o Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgou, ontem à noite, em Lisboa, a seguinte informação:

«1. O Governo da República da África do Sul comunicou,

em 12 de Agosto, ao Governo Português, a deslocação de um pelotão de cerca de 30 militares sul-africanos para junto da estação de bombagem de água no Calueque, próximo da fronteira de Angola com a Namíbia, (Sudoeste Africano). A referida deslocação visava, no entender daquele Governo, a necessária protecção dos trabalhadores sul-africanos que ali diariamente operam a bombagem, havendo sido invocada a imperiosa necessidade de assim assegurar, conforme os termos dos acordos em vigor entre Portugal e a África do Sul, a manutenção do fornecimento de água considerada vital para a subsistência da população Ovambo daquela zona.

Nessa ocasião, desde logo foram expressas ao Governo de Pretória as nossas reservas quanto à acção assim empreendida sem prévio conhecimento ou concordância por parte das autoridades portuguesas.

Entretanto, e uma vez que no momento presente se verifica já a presença portuguesa no mesmo local foi solicitado ao Governo sul-africano a retirada da força militar cuja deslocação para ali fora ditada apenas por circunstâncias de emergência.

A embaixada da República da África do Sul em Lisboa res-

pondeu já a esse pedido com o assentimento das autoridades sul-africanas que, em cooperação com as nossas autoridades, adoptarão as medidas apropriadas que a situação local determine.

2. Por outro lado, na semana em curso, a atenção do Governo da África do Sul foi chamada para certas indicações de que, a partir do território da Namíbia (Sudoeste Africano), estavam ocorrendo, no distrito do Cunene, no sul de Angola, infiltrações de mercenários e forças ainda não perfeitamente identificadas.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros, nesta outra diligência diplomática junto do Governo da República da África do Sul, não deixou nomeadamente de sublinhar a séria apreensão que tais factos lhe causavam, e bem assim as graves consequências que deles poderiam advir tanto para o desenrolar do actual processo de descolonização em Angola, como para a paz e segurança naquela região da África Austral.

Em resposta, as autoridades sul-africanas acabam de dirigir ao Ministério dos Negócios Estrangeiros uma nota reiterando a sua política de não ingerência, de acordo com a qual o Governo de Pretória não permite que mercenários ou outras tropas operem a partir do

seu território ou de território sob seu controlo».

ATAQUE A CAMPO MILITAR SUL-AFRICANO

EAST LONDON, ÁFRICA DO SUL, 4 — (R) — «Guerrilheiros atacaram, há três semanas, com mísseis de fabrico soviético, um campo militar sul-africano, instalado na fronteira da África do Sul» — revelou o ministro da Defesa, Pieter Botha, no Congresso do Partido Nacionalista, no poder.

Os jornalistas presentes receberam instruções para submeterem à apreciação do ministro a cobertura do discurso antes da sua publicação. Botha, que inicialmente proibira a divulgação da passagem sobre o ataque, concedeu mais tarde a sua autorização.

A agência sul-africana «SAPA», numa breve notícia, cita o ministro como tendo dito que o campo, que não identificou, tinha sido abandonado algum tempo antes do ataque, facto que os guerrilheiros ignoravam.

«Não houve vítimas do nosso lado. Os mísseis que encontramos ali eram do tipo mais moderno fornecido pela Rússia» — teria declarado Botha.

A MARCONI ENTROU EM GREVE TOTAL

A Marconi entrou no quarto dia de paralisação, que hoje atinge as 16 horas consecutivas.

Os serviços com excepção dos de carácter urgente, foram encerrados às 8 da manhã, mantendo-se esta situação até à meia-noite, se entretanto a administração da companhia não apresentar resposta satisfatória às reivindicações dos 1 300 trabalhadores, constantes de uma proposta de acordo colectivo. Nesse caso, a paralisação prosseguirá imediatamente, das 0 às 24 horas. Na prática, entrou-se já, portanto, na greve total.

Pelo teor de um comunicado do Ministério dos Transportes e Comunicações fica-se com a impressão de que o Governo, que detém praticamente a totalidade do capital (nacionalizado) da empresa, não tenciona, para já, oferecer qualquer contributo para a realização do conflito, que se arrasta há mais de 16 meses, tendo dado origem a duas greves no espaço de menos de trinta dias.

Com efeito, o Governo limita-se a manifestar a sua esperança em que «os trabalhadores coloquem acima de quaisquer outros interesses os da Revolução e os da estabilidade do seu emprego, parando a greve que está a prejudicar o público, e iniciem rapidamente negociações com a administração a fim de se chegar a um acordo nas cláusulas em que a proposta dos trabalhadores e a contraproposta da empresa são diferentes».

Esta inércia apenas fará com que a greve se prolongue e os prejuízos aumentem, não porque os trabalhadores não estejam interessados na Revolução, mas porque, devido à sua inserção própria na luta de classes, a entendem de forma diferente dos patrões.

No seu extenso comunicado, o Ministério dos Transportes e Comunicações apresenta a sua versão do conflito, versão que, em vários pontos, é contestada pelos trabalhadores.

O primeiro ponto de discor-

dância é o que diz respeito à participação dos trabalhadores na luta. Assim, enquanto o Governo alega que apenas «cerca de 162 trabalhadores dos 1 300 que tem a companhia decidiram recusar a proposta de negociação da administração e iniciar uma greve que levará rapidamente à paralisação da empresa», um dos elementos da Comissão Coordenadora da Luta reafirmou-nos que «ainda na reunião de ontem se confirmou que a esmagadora maioria dos trabalhadores está de acordo com a luta que encetámos». Recorde-se que a decisão de entrar em greve foi tomada num plenário realizado no dia 20 de Agosto.

As cláusulas mais importantes em que não se verificou acordo entre as duas partes respeitam a salários (os trabalhadores reivindicam uma massa salarial de 44 mil contos, a administração oferece 20 mil), ao horário de trabalho (proposta — 40 horas, contraproposta — 45 horas semanais), ao trabalho feminino e à retroactividade.

A aplicação retroactiva a 1/1/75 da nova tabela salarial foi prometida aos trabalhadores pelo III Governo Provisório, o mesmo que sugeriu a transformação do caderno reivindicativo em proposta de A. C. T. Sobre este ponto, a administração alega que «o facto de os trabalhadores só terem entregue a sua proposta em 23 de Junho (...) determina, face ao disposto no Decreto-Lei n.º 292/75, que o seu carácter retroactivo só possa ser referido a esta última data». Por esse facto, a administração aumentou o volume da massa salarial para 29 900 contos, entendendo que «desta forma os trabalhadores não serão prejudicados pelo facto da nova tabela salarial começar a vigorar apenas em 23 de Junho, já que parte daquele aumento correspondente ao que receberiam a mais entre 1 de Janeiro e esta data». Igual entendimento não têm os trabalhadores, que reivindicam

o cumprimento da promessa do III Governo Provisório, que perante eles se vinculou por escrito.

Continua o comunicado do Governo: «Os salários actuais dos trabalhadores da Marconi (portanto, antes da distribuição dos 29 900 contos) são, na sua maioria, já mais elevados que os praticados nas outras empresas do mesmo sector».

Os trabalhadores contra-põem que apenas em algumas categorias os salários são elevados. Variam entre 4 000\$00 e 40 800\$00 (este o ordenado da administração), não beneficiando a maioria do pessoal da excessiva abertura deste leque. E afirmam: «O leque dos trabalhadores, é, até, bastante reduzido».

De seguida, o comunicado do Ministério dos Transportes e Comunicações enumera várias regalias dos trabalhadores da Marconi: subsídio de 45\$00 por refeição, subsídio de 400\$00 por mês; assistência médica quase totalmente gratuita, pois é paga pela empresa, o mesmo em relação à assistência medicamentosa; prémio de antiguidade à data da reforma, equivalente a um mês de vencimento por casa 5anos de serviço efectivo; pensão de reforma complementar para 100 por cento ao fim de 40 anos de serviço, ou a correspondente proporcionalmente aos anos de serviço; bolsas de estudo pagas pela empresa, aos filhos estudantes dos trabalhadores; em 1975, cada trabalhador recebeu 19 806 escudos de participação nos lucros do exercício de 1974; em 1975, a empresa ainda pagou, a título de gratificação, o primeiro 1 por cento do imposto profissional, relativo ao ano de 1974, que atingiu o valor global de 1 526 contos».

Perante esta descrição, os trabalhadores alegam: «Desde o 25 de Abril, não tivemos aumento, e a única conquista que obtivemos, os 30 dias de férias, não está sancionada pela administração. Quem é que tem privilégios?»

Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários

AV. VISCONDE DE VALMOR, 30, 2.º, Dt.º — LISBOA 1

Comunica-se a toda a população, a todos os trabalhadores do sector dos Transportes Rodoviários e às entidades competentes, que decorrem no Ministério do Trabalho, as negociações para o contrato vertical do referido sector — a nível nacional —.

A entidade patronal mais uma vez se serve de todas as manhas e manobras ao seu alcance para tentar boicotar as negociações. As cláusulas de despedimento e horário de trabalho estão a ser negociadas há seis dias e os patrões nada adiantaram. Porém, a força dos trabalhadores já alcançou uma vitória — a Renovação do Decreto n.º 372-A/75 —, mas mesmo com a renovação a entidade patronal não quer aceitar a proibição dos despedimentos sem justa causa, chegando a afirmar que a sobrevivência das casas deles estará nesta cláusula.

Que dirão os trabalhadores!!!

Camaradas, o capital esta a recuperar e a tomar poder, os trabalhadores terão que mostrar a sua força.

Vamos lutar por NÃO aos despedimentos sem justa causa.

Todos os Delegados Sindicais; Comissões de Trabalhadores e trabalhadores do sector rodoviário, se devem dirigir ao seu Sindicato com urgência, que algo de importante te será dito.

— UNIDOS VENCEREMOS

— VIVA A FORÇA DA UNIDADE

Os Sindicatos dos Rodoviários:

AVEIRO — BEJA — BRAGA — BRAGANÇA — CASTELO BRANCO — COIMBRA — ÉVORA — FARO — GUARDA — LEIRIA — LISBOA — PORTALEGRE — PORTO — SANTARÉM — SETÚBAL — VIANA DO CASTELO — VILA REAL e VISEU.

Os Sindicatos Livres dos Profissionais Rodoviários e Empregados de Garagens
AVEIRO — BRAGA — LISBOA e PORTO

Federação dos Sindicatos dos Operários Metalúrgicos e Metal-Mecânicos
Federação dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes
Sindicato dos Cobradores:
LISBOA e PORTO

Federação dos Electricistas
Sindicato dos Marceneiros e Profissões Similares
Sindicato da Construção Civil
Sindicato dos Profissionais de Enfermagem:
— COIMBRA — LISBOA e PORTO

Lisboa, 4 de Setembro de 1975

P'LOS SINDICATOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
José de Oliveira Madanços

post scriptum

Senhor general: «Pode ser que...»

Tal como o leitor do «Diário de Lisboa» que antontem se manifestou também eu senti uma premente necessidade de escrever uma carta aberta a um dos mais importantes homens do nosso 25 de Abril de 1974: Otel Saraiva de Carvalho.

E senti essa necessidade porque sou talvez um dos milhares (muitos? minoria?) de portugueses que estão já desesperados com a actual situação e que temem já o pior para também muitos milhares de portugueses: a guerra civil.

Não sou por efeito, alarmista, e essa hipótese (que alguns «iluminados» e «rechonchudos» políticos da nossa praça já previam há muitos meses, talvez a querer empurrar para lá os nossos militares) só começou a ganhar vulto no meu espírito face a alguns acontecimentos mais recentes.

E foi por isso que me decidi a escrever esta. Pode ser que...

Caro senhor general Otel Saraiva de Carvalho:

Tal como já escreveu outro português como eu o tratamento mais familiar em relação a si já começa a custar a muitos de nós. E até nem sei se o senhor gosta. Sabe no fundo o defeito talvez fosse nosso. Estávamos habituados a outro tipo de discursos, com farda n.º 1 e colarinhos de goma e de repente (mudou tanta coisa em 25 de Abril) parece-nos o senhor a falar de camuflado e ainda por cima com palavras que nós percebíamos. E a gente gosta de perceber aquilo que ouve. Vai daí começámos a chamar-lhe Otel. E a fixar aquilo que o senhor dizia. Ai é que começou tudo o resto. E que, sabe, as pessoas têm memória senhor general e algumas muito boa memória. E depois sentem-se enganados. Eu sou um desses. Ou talvez possa ser que...

A gente lembra-se portanto das coisas que o senhor disse e do modo como as disse. Ao princípio a malta pensava que o senhor era comunista (ligado ao PCP entenda-se); isso assustou alguns, não a mim. Até achei graça: nunca tinha visto um general comunista cá no burgo. Naquele tempo a esquerda era encarnada pelo PCP e encarnada do PCP. Depois a gente viu que não: o senhor era da «esquerda revolucionária» (talvez com afinidades com as Brigadas). Tanto fazia, que depois nos encontraríamos todos! E do mesmo lado!

Em 11 de Março o senhor disse que se fosse preciso daria armas ao Povo para defender a Revolução (com «R» maiúsculo que é das coisas que mais respeito): e agora? A qual povo? Ao de Famalicão, de Braga, de Leiria? Ao de Lisboa? Ao povo de Évora, Beja, Caseres, Boleizão?

E agora qual Revolução? A revolução dos noventa-fra-nada ou a Revolução dos outros que é a minha?

Mas depois, logo depois o senhor «cortou-se». Lembra-se da sua opinião sobre os CDR e CRTSM? Então, senhor general, em que ficamos? Arma-se o povo ou o povo fica armado... em parvo (como era costume aliás!)?

A seguir veio o Campo Pequeno. Os amargos de boca que lhe devem ter custado aquela entrevista. Mas a gente ainda pensou: temos «diestro»! Alguns, porque outros começaram logo a dizer que não passava de «boca». E veio uma manifestação. Uma das muitas. A Belém, lembra-se? A malta a gritar «Otelol», «Otelol» e o senhor general ainda só Otel a dizer à malta aquilo da República socialista de Portugal. E a malta ainda a acreditar, a querer acreditar.

Depois foi a ida a Moçambique ao Samora Machel. Foi outra entrevista só-mais-uma mas daquelas que mais me marcou: o abraço do Machel que lhe havia dito: «Quando fores general não te deixes enredar, mantém-te revolucionário». Fixou bem senhor general? Será que o Samora sabia as hipóteses futuras? Será que o senhor general sabe o que foi o Chile?

Até que surgiu a grande hipótese: Cuba! Cuba que funciona como o crivo do sentimento dos verdadeiros revolucionários. Cuba que é para nós os que sentimos a Revolução de 25 de Abril qualquer coisa como olhar para o povo irmão mais velho. Cuba de Fidel e Guevara símbolo do poder de libertação dos homens. Cuba que nos faz chorar de alegria tanto como o Chile nos fez chorar de raiva e tristeza. E a gente cá a ver os abraços de Fidel, a sentir os abraços de Fidel a ouvir o seu discurso e a sentir renascer a esperança.

E o senhor voltou. E a malta ainda o foi esperar. E então não é que saiu o Campo Pequeno II? Alto! Ai eu já desconfiei: da primeira era «diestro» agora cheirava-me já a «espontâneo», assim a modos que Muleta Negra. E confirmou-se: veio a célebre ida ao Porto onde o senhor disse, no regresso, que não gostavam de si (a gente só ouve as «bocas» mas parece que não gostam!) E já tinham começado os incêndios, os assaltos. E o senhor «ficou-se»! Pois é os cravos pois é a liberdade.

E o senhor se calhar pensou: ou mudo eu ou eles; mas eles são mais...

E então a gente começou a ser (e a ler!): que o senhor assinou não-sei-quê, que não assinou-mas-gostava e, por fim, o senhor general que já gostava tanto de falar deu em escrever. Vai daí enquanto o peixe fritava para o almoço escreveu ao general Vasco Gonçalves: mas de caminho comprou papel químico e mandou cópias a mais gente.

Aos jornais (Perdão a certos jornais!!! Aos independentes!!!).

Mais essa é que não valia senhor general. Que o senhor escreva cartas (tem tempo o que se calhar falta a Vasco Gonçalves) ainda vá lá — mas com coisas!!!

E pronto a gente agora já tem a certeza. De tudo Nem o Campo Pequeno III nos ilude! Ou será que...?

Para terminar esta que já vai muito longa só mais umas coisas em jeito de pergunta:

1.º O senhor acha que se houvesse outro 11 de

Continua na pág. 8

O REGIME PERUANO À PROVA

LIMA — Na sala chamada de «3 de Outubro» do palácio presidencial — austero edifício de que o conquistador Francisco Pizarro fez, há mais de quatro séculos, o coração de Lima — reuniram-se a 29 de Julho de 1975 todo o poder e toda a glória do Peru, a fim de celebrar o 151.º aniversário da proclamação da independência do país. Em filas de cadeiras bem alinhadas tomaram lugar as mais altas autoridades militares, civis e religiosas, desde o cardeal Landazuri, arcebispo de Lima, ao general Leónidas Rodríguez, comandante do exército da capital, do presidente do Supremo Tribunal, ao general Graham, o mais próximo colaborador do presidente da República, dos directores dos jornais recentemente «socializados» aos secretários-gerais dos Ministérios. De pé, ao fundo da sala, contrastando, pelo à vontade do seu vestuário com os uniformes impecáveis dos oficiais e os factos sombrios das personalidades civis, os militantes sindicais representavam, de forma algo mítica, «o povo peruano».

As 17 horas precisas abrem-se as portas da sala. Caminhando lentamente e com dificuldade, apoiado em muletas, o presidente Juan Velasco Alvarado avança para a tribuna. Os ministros, uns vinte oficiais generais, tomam lugar na tribuna à direita e à esquerda de Alvarado, segundo uma ordem que se sente meticulosamente regulada por considerações de função, hierarquia, antiguidade. Impossível ler o quer que fosse nesses rostos fechados, e menos ainda no do primeiro-ministro, o general Morales Bermúdez, que se senta imediatamente à direita do presidente.

Terminado o hino nacional — que aqui é cantado de mão no peito —, todos se sentam. Só o presidente da República se mantém de pé. Ficará, de resto, de pé durante todo o tempo que vai durar a leitura do seu discurso. Uma tal atitude será o aspecto mais comentado da mensagem presidencial, nas casas particulares, nos Ministérios, nas casernas, já que a Imprensa, onde o assunto é quase tabu, não se lhe referir. Apesar da sua enfermidade, uma perna amputada em Março de 1973, em consequência de uma ruptura de aneurisma, o «Chino» esteve de pé durante uma hora e meia. E quando ele quis interromper durante um momento, os aplausos, levantou ambas as mãos simultaneamente: os rumores relativos a uma hemiplegia são pois infundados. Sim, respondem os inquietos ou os alarmistas, mas não viam como ele transpirava?

Desde a amputação, e mais ainda, desde um novo alerta, bastante grave, ocorrido no princípio do ano, o futuro do «Governo revolucionário das Forças Armadas» — isto é, o do país — parecia ligado à saúde do general Velasco. Terá sido por essa situação se haver tornado insuportável, que um pronunciamento institucional o afastou a 2 de Agosto do palácio de Pizarro?

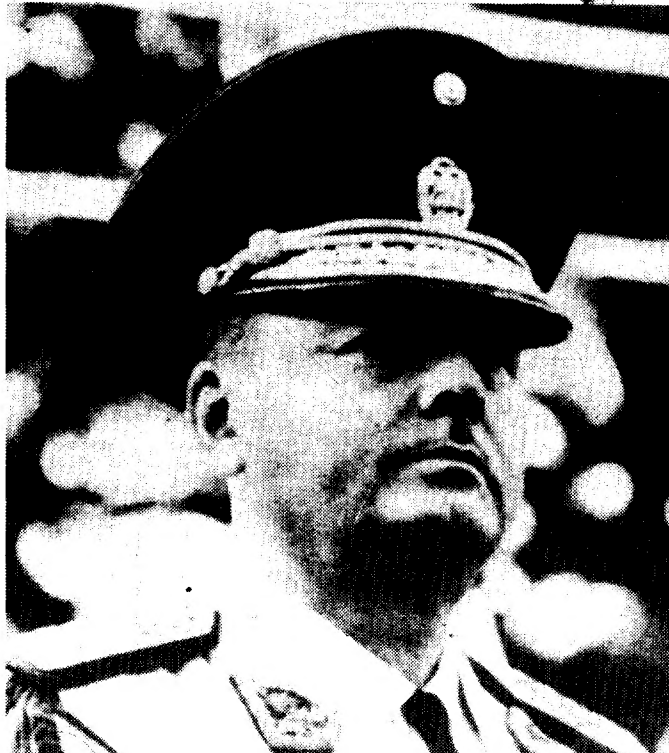
Ninguém supunha, em Lima, que o sucessor de Juan Velasco Alvarado seria um dia Francisco Morales Bermúdez, e que esse dia talvez estivesse próximo. Mas quem, à excepção dos organizadores do pronunciamento institucional pensava que o «Chino» abandonasse em vida o palácio presidencial? «De toda a maneira ele não vai pedir a demissão», assegurava-nos alguém muito perto dele. «É a sua função que o mantém vivo».

Era imenso o seu prestígio

entre as mais modestas camadas da população. «Velasco já pertencia à história. Qual dos nossos presidentes marcou o país tanto como ele?», dizia-nos um homem, que não passa por um adúlador do «Chino». Assim, mesmo diminuído, o presidente continuava a ser o símbolo da «revolução das Forças Armadas». Os seus pares tiveram, sem dúvida, graves razões, para passar adiante do facto.

O golpe de Estado de 29 de Agosto foi decidido para «construir uma pátria livre», para «eliminar o culto da personalidade» e para emendar os erros daqueles que «não puderam compreender os autênticos sentimentos revolucionários de todos os peruanos», declara o comunicado publicado pelos comandantes das cinco regiões militares do país e pelo chefe da Polícia.

«Construir uma pátria livre...».



O general Juan Velasco Alvarado, que em Março de 1968, ao tomar o poder no Peru, inaugurou nova era na história do seu país. Uma incógnita continua a pairar sobre o golpe que agora o fez abandonar a presidência: tratar-se-á de impulsionar a revolução ou de a controlar?

A afirmação brutal de uma tal ambição pelos novos senhores do país não presta justiça àquilo que foi o regime de Juan Velasco — sobretudo se compararmos esse mesmo regime com os da maioria dos países da América Latina. Apesar da dissolução do Parlamento, da ausência de eleições e da presença de generais em todos os lugares-chave, o Governo do Peru não era, desde 1968, aquilo que normalmente se chama uma ditadura. Que ditadura teria tolerado uma oposição política e sindical activa? Recusado criar um partido governamental? Limitado a algumas unidades por ano o número de prisões de opositores? Preferido banir a tortura, e a maior parte das vezes banir só por algumas semanas, os seus adversários? Conseguido impedir, até aos dias dramáticos de 5 e 6 de Fevereiro, toda e qualquer efusão de sangue? Pelo contrário, a «revolução peruana talvez fosse um dos processos políticos que realizou mais reformas no mundo — redistribuição das terras, nacionalização das riquezas mineralíferas e naturais, lançamento da participação operária, etc., com o menor custo social.

Mas é certo que há alguns meses os aspectos autoritários do regime tiveram tendência para se fortalecer.

Por JEAN-PIERRE CLERC

Assim, no dia 5 de Agosto, o ministro do Interior decidia expulsar do Peru vinte e nove dirigentes políticos e sindicais, advogados e jornalistas. Mas, sobretudo, estava a ser exercido sobre todos os meios de Informação, um controlo cada vez mais rigoroso. Todas as revistas de direita ou de esquerda que seguiam uma linha um pouco crítica — Oiga, Sociedade e Política, Peruvian Times, Opinião Livre, Caretas e, recentemente, Marka — haviam sido encerradas. A «socialização» dos jornais, decidida em Julho de 1974 aproximava-se cada vez mais de um alinhamento da Imprensa. Neste domínio, os novos dirigentes do país serão julgados pelos seus actos. Mas as primeiras medidas anunciadas após o golpe de Estado de 29 de

DOIS ANOS DE VACAS MAGRAS

A reunião no palácio presidencial, horas depois do pronunciamento, dos ministros geralmente considerados radicais, os generais Fernando Maldonado (Minas), Gallegos (Agricultura) e Hoyos (Alimentação), assim como a participação activa do general Leónidas Rodríguez, também considerada como um oficial de esquerda, são outros tantos indícios que levam a pensar que os acontecimentos de 29 de Agosto têm em vista o desenvolvimento e não o abrandamento da «revolução peruana».

Essa interpretação deixa, porém, na sombra, um aspecto importante da situação. Ainda há alguns meses, o general Morales Bermúdez, conduzido pelo golpe de Estado ao palácio presidencial, era considerado como um dos generais mais conservadores do Governo. Uma tal reputação era, sem dúvida, devida ao facto de ele ter imposto, durante a sua longa passagem pelo Ministério das Finanças (de 1969 a 1973), a imagem de um homem muito preocupado com a ortodoxia financeira. De facto, desde a sua nomeação para a lugar de primeiro-ministro, a 1 de Fevereiro último, o general Morales Bermúdez resolvera colocar-se acima dos clans.

Outra interpretação dos acontecimentos de 29 de Agosto é igualmente plausível. O processo de transformação da sociedade empreendido pelos militares peruanos desde a sua chegada ao poder, desencadeou, por um lado, forças políticas e sindicais, à extrema-esquerda do xadrez político, e, por outro lado, faz muitos descontentes que a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), o partido de Raul Victor Haya de la Torre, se esforça por chamar a si.

Ora, por razões largamente independentes da vontade dos dirigentes peruanos — baixa do cobre, venda relativamente má do ferro, enganos em matéria de descobertas petrolíferas — anunciaram-se dois anos de vacas magras para o país.

Importa portanto aos militares no poder, jugular imediatamente uma agitação embrionária, com receio de que ela se amplifique quando as dificuldades económicas surgirem. O golpe de Estado de 29 de Agosto poderia assim marcar menos uma viragem à esquerda do que uma vontade de dominar o país através de governantes, atentos — é essa a sua originalidade — ao progresso económico e social, mas também preocupados, como os militares de todo o mundo, em evitar o aumento da desordem.

(«Le Monde»)

Geral

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA RESISTÊNCIA APELA PARA A DEFESA DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

«O Povo Português desalojou o fascismo, a unidade de todas as forças antifascistas impedirá o seu regresso», declara a Federação Internacional dos Resistentes (F. I. R.), que representa milhões de antifascistas que lutaram durante a II Guerra Mundial, contra o nazi-fascismo.

Em declaração sobre os últimos acontecimentos ocorridos no nosso país, a Federação Internacional dos Resistentes, com sede em Viena, afirma:

«É com inquietação e indignação que os antigos resistentes antifascistas e os democratas de todos os países acompanham os excessos fascistas em Portugal, organizados pelas forças reacçãoárias e pela participação activa de alguns meios do clero de numerosas povoações, nomeadamente no Norte do País.

Sob a capa de grandes frases pseudodemocráticas, dirigidos por um histórico anticomunismo, essas forças empenham-se em conduzir as massas no erro e em destruir

a unidade do movimento popular, que se desenvolvia no seu combate contra o regime fascista de Caetano.

«Por um manifesto terror, pelos ataques contra instituições de organizações democráticas, eles tentam estabelecer no interior do País, uma atmosfera de insegurança e isolar o Governo e as Forças Armadas das massas populares, de travar o desenvolvimento democrático e de preparar o caminho para a restauração do regime fascista.

«A F.I.R., unindo milhões de antigos resistentes e vítimas do fascismo, que conhecem por experiência própria ao que conduziu o anticomunismo e o sangrento terror fascista, declara-se solidária, em nome de todos os antifascistas, de todos os perseguidos e sobreviventes com as forças democráticas de Portugal.

Recordando a herança da resistência, apela a todos os resistentes a defenderem o movimento democrático em Portugal.»

CÂMARA DA MAIA OCUPA DESEMPREGADOS

A Câmara Municipal da Maia, no distrito do Porto, projecta ocupar trabalhadores desempregados no asseio e arranjo das ruas do concelho, consoante foi anunciado no decurso da última sessão pública

deste município.

Para isso, os desempregados do concelho devem participar a sua situação aos serviços da Câmara, para, mais tarde, poderem ser chamados ao trabalho.

TELEGRAMA DA A.E.P.A.

No seguimento da campanha que vem desenvolvendo de apoio e solidariedade com a luta dos povos de Espanha, a Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas (A. E. P. P. A.) enviou ao Presidente da

República um telegrama pedindo que este interceda junto do chefe de Estado espanhol, no sentido de impedir a execução dos patriotas bascos Garmendia e Otaegui, condenados à morte pelo regime franquista.

SOCIEDADE ANTÓNIO BARATA E FILHOS:

PATRÕES EM ESPANHA ROUBARAM AOS TRABALHADORES MAIS DE 30 000 CONTOS

Os patrões da Sociedade Comercial António Barata e Filhos Ld.ª fugiram para Espanha, roubando à empresa, e aos trabalhadores que decidiram tomá-la nas suas mãos, para cima de 30 000 contos, em dinheiro, letras, veículos da casa, além de importante documentação.

Hoje, a firma, com um activo razoável e mantendo encomendas e pagamentos aos trabalhadores, encontra-se a braços com a necessidade de uma intervenção estatal que assegure o seu funcionamento normal. António Lourenço Barata e os filhos, Luis e Adriano Lopes Barata, uma vez na posse daqueles largos valores, e em terras de Badajoz, declararam-se «desinteressados» do negócio e há razões para crer que pretenderão, a partir daí e com a ajuda de cúmplices em Portugal, dificultar ainda mais a situação dos trabalhadores: segundo apurámos, de facto, o patrão roubou dos cofres da casa uma larga quantidade de

letras a saque de clientes (cerca de 27 mil contos) que poderá tentar negociar. Antes de partir, fizera a cobrança, em seu benefício, de 3298 contos e, além do seu (e dos filhos), levou, através de um estrategema, quatro viaturas da empresa que tem como principal actividade a venda de máquinas para a construção civil e a montagem de grandes camiões (em Rio Maior).

Presentemente, a firma é gerida por uma comissão de trabalhadores, em que tem papel importante o advogado da firma, dr. Antas Pinto, e que é



O dr. Antas Pinto e a comissão de trabalhadores da Sociedade António Barata e Filhos

constituída por cinco pessoas: o director comercial da empresa, José Pinto Ribeiro, o caixa, Alexandre Conceição Nunes, o chefe da secção de importações, José da Silva Rocha, e mais dois únicos operários: Joaquim Cipriano Lopes e Carlos Costa Montês. Uma vez reconhecida pelo Ministério do Trabalho — depois de eleita em plenário com 68 dos 113 empregados da firma, apenas com dois votos contra, segundo as suas próprias informações — esta comissão entabulou contactos com o Ministério do Comércio Interno, departamento através do qual se estudam os apoios estatais. Estes, no entender da comissão e do advogado da empresa, poderão revestir várias formas: a nomeação de um gestor especializado, até por haver um largo número de representações estrangeiras que é necessário manter; o congelamento dos

bens dos proprietários da firma, seria outra medida necessária; a questão das letras levadas para Espanha teria também uma possível resolução se obtivéssemos licença para fazer novas, com a garantia de que as retiradas pelo administrador não voltariam, mais tarde a ser apresentadas aos credores; por outro lado, ainda, pretendemos que uma multa de perto de dez mil contos que foi aplicada à empresa por falta de pagamento do Imposto de Transacção, não venha agora a cair sobre os trabalhadores que disso não são responsáveis.

Pelas declarações do próprio advogado se percebe que a vida do patronato da empresa não brilhava pela honestidade. Antes sim, pela fuga à «fiscalização» do Governo que os apoiou: os administradores, todos familiares, não tinham praticamente nada em seu no-

me para «benefícios fiscais»; os registos têm o nome da empresa ou de terceiros. Há a acrescentar a exportação ilegal de capitais no valor de 6000 contos que deveriam ter entrado na firma pelo Banco de Portugal e que o patrão, uma vez ausente, recebeu ilegalmente na origem (Alemanha). A quantia destinava-se a pagar dez camiões destinados ao Líbano, aqui montados, a pedido de uma empresa da República Federal do mesmo ramo.

O trabalho na empresa tem-se mantido, satisfazendo-se as encomendas chegadas que continuam a ser feitas pelos clientes, enquanto nos bancos se reformam as letras. Ontem a comissão entregou no Ministério do Comércio Interno um relatório sobre a actual situação financeira da empresa, com vista às referidas formas de apoio estatal.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

RESULTADO DAS ELEIÇÕES REALIZADAS EM 30 DE AGOSTO DE 1975

Participação de Associados

Lisboa.....	9.912
Província e Ilhas	3.166
	13.078

Porcentagem de participação em relação aos 27.397 associados com direito a voto, 47,7 %.

DISTRIBUIÇÃO DOS VOTOS PELAS DIFERENTES LISTAS E ÓRGÃOS

	Ass. Geral	Direcção	Cons. Fiscal	Com. Tendência
LISTA A	9.240	9.197	9.137	8.402
LISTA B	3.470	3.526	3.566	2.942
LISTA C	—	—	—	1.393

LUGARES NA COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DE TENDÊNCIAS

LISTA A	5
LISTA B	4
LISTA C	2
	11

Lisboa, 4 de Agosto de 1975.

Pelo Secretariado da Mesa da Assembleia Geral
a) Francisco Teodósio Juradinho Serrano

L.C.I., M.E.S., M.D.P. e P.C.P., DESDE ALCobaça:

"O INIMIGO VEM DAS DIREITAS

«Os fascistas têm negros planos para a nossa região» — dizem, desde Alcobaça, a L.C.I., o M.E.S., o M.D.P. e o P.C.P., num comunicado conjunto, — «Para impedir a sua concretização é necessário e urgente que nos unamos pois todos unidos temos força suficiente para defender a paz, derrotar os criminosos planos do inimigo e avançar na construção do Poder Popular».

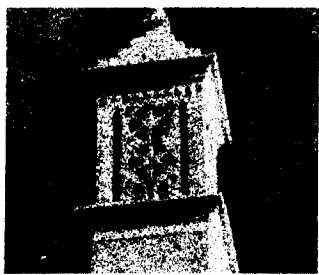
As quatro organizações dirigem-se à população trabalhadora de Alcobaça e da região e alerta-a para o fundo e o significado da crescente vaga de violência que ultimamente aqui se tem registado. O que está por trás desta violência? As quatro organizações dizem: elementos ligados ao antigo regime, ex-filiados da A.N.P., ex-pides, ex-legionários e «bufos» — dizem — «Estruturados agora em organizações fascistas», e citam não apenas o

E.L.P. mas igualmente partidos políticos, que ou os integram, ou lhes dão cobertura por omissão ou silêncio em torno de acontecimentos que deveriam exigir-lhes pública tomada de posição.

O comunicado denuncia a tática utilizada por aqueles que desencadeiam a onda de violência e a prosseguem, e diz, pormenorizadamente: «Para atingirem os seus fins, os fascistas não hesitam em explorar demagogicamente alguns justos anseios dos pequenos e médios agricultores, lançando boatos alarmistas sobre o futuro e divulgando uma explicação mentirosa das razões por que muitos dos seus problemas não foram ainda resolvidos. Responsabilizam o V Governo Provisório por erros, na sua maioria cometidos por administrações anteriores de que faziam parte exactamente alguns dos partidos agora na

oposição e que, enquanto nos Governos, boicotaram, sistematicamente, qualquer medida progressista tendente a avançar para a solução das referidas dificuldades. No caso concreto da agricultura, tudo têm feito para a submeter cada vez mais à exploração imoral dos grandes intermediários».

Para a L.C.I., o M.E.S., o M.D.P. e o P.C.P., em Alcobaça (como, de resto em qualquer outra localidade, no País todo), «o inimigo principal vem das direitas». E o comunicado, diz, dirigindo-se aos alcobacenses: «o inimigo principal vem das direitas, hoje como ontem, são os fascistas e quem lhes faz o jogo, aqueles que se opõem ao avanço da Revolução, são esses que põem em causa as conquistas do nosso Povo: os aumentos de ordenados, a liberdade sindical, as nacionalizações, o avanço da Reforma Agrária e o direito de reunião e associação».



O ALGARVE JÁ M.I.A. (3)

AS FEIRAS DE PLÁSTICO

1. Loulé, em dia de feira. Um corropio de gente, carros, barulho. Cruzam-se, nas ruas, o indígena e o de fora parte, de calção e camisa aberta estes, menos descontraidos aqueles, mas com uma particularidade comum: os olhos apontados às tendas, um certo adivinhar de regateio que sempre existe em ocasiões similares.

Em Loulé, diziam-nos, é giro as vergas. Que sim senhor, pensamos. Que talvez um cesto, um enfeite, uma pequena coisa que se compre e da qual, depois, se diga: não há dúvida. É do Algarve.

Uma extensa rua: um rio de gente com margens de tendas e mercas. De artesanato, nem cheiro. Bonecos, brinquedos enfeites, utensílios, material para a praia: tudo de plástico.

Havia também as roupas. Talvez aí, pensámos. Qual quê! Um paninho regional? Uma amostra do que se usa na região? Não, senhores! O «nylon» invadiu tudo.

Por entre a confusão de caminhas para bebé (de plástico), de regadores (de plástico), de vassouras, pás, molduras para fotografias, pratos, copos, boias, pentes, tudo de plástico, apenas uma pequena-grande nota discordante: um enorme pipo de vinho e um letreiro: «Directamente do produtor — 40\$00 o litro»

O pipo não era de plástico.

2. A mesma monotonia (astíxia?) de plásticos marcou outra feira, em Albufeira, embora, aí, as vergas, o produto fabricado na região, tivessem, ainda (até quando?) o seu lugar. As feiras eram de plástico.

3. A diferença grande foi, a caminho de Lisboa, a feira de Grândola, onde os plásticos ti-



«Basta de intoxicação» ou uma outra forma de intoxicação?

POR NUNO GOMES DOS SANTOS

veram o seu lugar, mas também o resto: gado, mantas alentejanas, arcas, samarras, casacos teitos a pensar no frio de um Inverno que se aproxima. E, claro, os petiscos.

O Algarve estava, já, a muitos quilómetros.

4. Tudo isto é verdade. Juro! Não se vá pensar que estou, do alto das colunas deste jornal, a manipular a informação

numa «campanha» difamatória contra o plástico.

Faço minha, mesmo, a primeira frase de um letreiro visto em S. Bartolomeu de Messines (des)enfeitando uma parede: «Basta de intoxicação». Que o plástico, as «grandes» feiras de plástico, intoxicam. Enjoam.

Quase tanto como os letreiros de parede, como certos comunicados afixados em montanhas de lojas nos centros cosmopolitas algarvios. O Algarve, de facto, já M. I. A. Demais. Olha-se para uma parede e... bumba! Lá estão as três letras iniciais com que se identifica o Movimento para a Independência do Algarve. Ou outras. Na maior parte das vezes, para o caso, tanto faz. Interessa é gerar a confusão, desacreditar os partidos progressistas, os oficiais de vanguarda.

Cabe-me a vez a mim, abaixo assinado, de dizer (ou não terei esse direito?): Basta de intoxicação! A do plástico e a outra.

UM LIVRO (TALVEZ) MUITO IMPORTANTE

"PORTUGAL: UM SALTO NO ESCURO"

RIO DE JANEIRO, (ANI) Acaba de aparecer o livro «Portugal, Um Salto no Escuro», do jornalista brasileiro Sebastião Neri, especialmente encomendado pela editora Francisco Alves, a mesma que publicou o livro de Sanches Osório «O equívoco do 25 de Abril». Sebastião Neri esteve durante um mês em Portugal para colher material para a obra.

O crítico literário Franklin de Oliveira, comentando o livro, diz que ele é «o retrato de corpo inteiro da insurreição portu-

guesa».

«Mas insurreição não é revolução — prossegue Franklin de Oliveira, num artigo para a «Tribuna de Imprensa» — e esta não se pode enfiar em molduras reformistas, como não se pode manter o Atlântico numa piscina. Nas fases iniciais de um movimento libertador, sempre existem possibilidades de acção contra-revolucionária ou restauradora. O perigo não está, portanto, na conversão da insurreição em revolução. Mas nas potencialidades articula-

tórias das forças reaccionárias, as quais nunca se deve desestimar. E esse risco — esse «salto no escuro» — existirá sempre, enquanto as arcaicas estruturas económicas portuguesas não forem removidas, e um arcabouço social novo não for conferido a Portugal. E só depois disto se poderá falar em Revolução».

Recorde-se que Sebastião Neri foi processado em 1972 e absolvido pelo Superior Tribunal do Brasil por injúrias ao ex-Primeiro-Ministro português

Marcelo Caetano. Comentando uma declaração do ex-Primeiro-Ministro, hoje asilado no Brasil, de que Portugal jamais abandonaria as colónias africanas, Sebastião Neri escreveu na sua coluna da «Tribuna de Imprensa», do dia 12 de Abril daquele ano: «Mussolini também disse que a Itália jamais sairia da Abissínia. Mussolini acabou berrando de cabeça para baixo. Como um bode imundo. Hitler acabou enterrado nos porões de Berlim. Como um verme imundo».

OS CAMINHOS QUE LEVAM AO BACALHAU

O Gabinete de Coordenação da Secretaria de Estado das Pescas passou a publicar regularmente notas informativas destinadas a armadores industriais de pesca, conservação, transformação e comercialização do pescado, pescadores profissionais, amadores desportivos e todas as entidades ligadas ao sector.

A primeira informação refere-se à pesca com redes de emalhar e/ou «long-line» no mar de Barenz, onde os navios portugueses estão autorizados a prosseguir operações de pesca do bacalhau sem limite de quotas, uma vez preenchida pelos arrastões a quota atribuída ao nosso país.

Na costa da Noruega o limite das águas territoriais é de doze milhas, mas apenas de 4 no Spitzberg e ilhas dos Ursos. Os pesqueiros estendem-se das ilhas Lofoten para Norte

e ao redor das ilhas, dos Ursos e Spitzberg. A melhor área de pesca situa-se nas proximidades do Cabo Norte, que tem como porto mais próximo Honningsvåg.

Embora não haja regulamentação sobre o assunto, os pescadores noruegueses utilizam redes com malhagem de 6 polegadas (ilhas Lofoten em Abril) e 7 polegadas em todas as restantes áreas do mar de Barenz.

Aquelas malhagens são as mesmas que os nossos navios já utilizavam no Noroeste do Atlântico.

A pesca com redes de emalhar só é feita a partir dos meses de Novembro/Dezembro até Abril/Maio, em virtude de nos meses de Verão, por haver muita luminosidade, o peixe não emalhar. Crê-se que tal circunstância se deva ao facto de

serem utilizadas redes de multifilamento. A nossa própria experiência no Nordeste do Atlântico tem-nos demonstrado que as redes de monofilamento são mais «pesqueiras» que as de multifilamento por serem menos visíveis dentro de água.

Nos períodos de Verão, quando há muita luminosidade, os pescadores noruegueses utilizam «long-line» em vez de redes de emalhar. Por outro lado, nas áreas em que operam arrastões também só utilizam «long-line» em virtude de estes aparelhos de pesca serem menos vulneráveis à acção dos arrastões do que as redes de emalhar.

Foi indicado como mais aconselhável, por ser o que se encontra mais próximo dos melhores pesqueiros, o porto de Honningsvåg.

Todavia, podem também ser utilizados, de acordo com os

pesqueiros em que os navios estejam a operar, os portos de Hammerfest e Tromsø.

Em qualquer dos portos mencionados podem ser fornecidos combustível, mantimentos, isco congelado e redes e podem ainda fazer-se pequenas reparações quer de mecânica quer de equipamento electrónico.

A nota da Secretaria das Pescas lembra ainda os frequentes ciclones nos bancos da Nova Escócia e da Terra Nova, os dias de mau tempo em Novembro, que reduzem as possibilidades da pesca, a menor concentração neste período de arrastões na área, aconselhando que os nossos navios se desloquem para o mar de Barenz, praticando a pesca com redes de emalhar (monofilamento) ou com «long-line».



Ora diga-nos

ACHA QUE SPÍNOLA VAI REGRESSAR?

As notícias que nos chegam do Rio de Janeiro e de Paris sobre o ex-general do monóculo começam a ser, digamos, preocupantes. Spínola anuncia que vai regressar a Portugal, que vai desembarcar no norte, que atacará o Alentejo, que o seu Movimento Democrático para a Libertação de Portugal vai «salvar a Pátria». Regressará Spínola?

Neste momento eu acredito em tudo. Neste País tudo é possível, disse-nos o sr. Horácio Carvalho, de 44 anos, empregado de escritório.

Porquê? perguntámos nós.

Devido à confusão que se gerou e que pode propiciar esse regresso.

Quisemos saber de quem pensava Horácio Carvalho que fosse a culpa.

Neste momento, os culpados somos todos.

Jesuino Gaspar de Sousa pensava de outra maneira. Assim:

Eu já acredito em tudo, meu amigo, mas arranje-me uma metralhadora que eu evito de ele cá entrar.

De Jesuino de Sousa soube a profissão (serralheiro civil) e a idade (37 anos). Do nosso terceiro entrevistado não conseguimos saber mais do que a opinião:

Se o Spínola regressa? Não sei. Não posso dizer. Depende da coragem dele, mas não acredito que tenha coragem.

Nessa altura, o repórter



fotográfico apontou-lhe a câmara.

Não!, disse-nos. Fotografia, não! Eu prefiro manter-me no anonimato.

Porquê?, perguntámos.

Porque já não acredito nos homens. Já não acredito em nada. O tal progressismo, que eu também gostava que existisse, não se faz como agora se está a fazer. Estou desiludido, sabe? Fui enganado durante 48 anos. Agora já não quero que me enganem mais.

EXTERNATOS



MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 • tel. 82 02 21 / 83 46 58



ALIANTES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 • (Benfica) • tel. 70 69 74 / 5



SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) • tel. 84 88 64 / 5

AULAS DE MANHÃ — TARDE — NOITE



● CICLO PREPARATÓRIO
● CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
● CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO
● CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

ANO LECTIVO DE 1975/76

TAMBÉM

CURSOS DIURNOS P.º ALUNOS MENORES

TURMAS PRÓPRIAS C/ LOTAÇÃO LIMITADA

— INSCRIÇÕES ABERTAS —

Nacional

ROSSIO

ONDE TODOS SE TRATAM POR TU

Era uma imagem que incomodava o turista nacional em país estrangeiro, porque lhe dava de forma imediata a noção da distância entre a repressão de «cá» e a descontração de «lá»: os grupos de gente jovem de costas viradas às aparências burguesas, que paulatinamente se estiravam em Picadilly Circus ou no Dam de Amsterdão ou em várias outras grandes cidades de além-Pirinéus. Grupos coloridos, correntemente uniformizados sob o rótulo de «hippies», sugerindo «faça amor e não a guerra», droga e todo um mundo que com isto se relaciona.



Sapatos afogados.

Depois de derrubado o regime de Salazar-Caetano, também em Lisboa surgiu a mesma imagem numa das suas praças mais concorridas, o Rossio. E surgiu com uma espontaneidade que dir-se-ia corresponder a uma necessidade latente no espírito dos que para ali imediatamente convergiam.

E o Rossio, que já nos fazia

lembrar Sevilha e Veneza, e outras cidades assim, com as suas mansas pombinhas pardas papando milho na mão de quem passava, guindou Lisboa a Grande Capital, com uma praça onde os ditos «hippies» se podiam acolher à sombra de um monumento

VIRAGEM

Talvez por a explosão das

forças recalcadas ser directamente proporcional ao peso do recalçamento, o Rossio não se limitou a imitar Picadilly, mas virou também Speaker's Corner de Hyde Park.

Minis e grandes comícios, manifestações, sessões de esclarecimento, tudo ali tem acontecido, dando à Praça de D. Pedro V outra animada pelos frequentadores dos seus cafés tradicionais, pelas «bichas» de frequentadores de saldos e as iluminárias do Natal, dimensão de foro político...

MUDANÇA NO LADO DIREITO

Volvidos alguns meses após o 25 de Abril de 74, não se poderá dizer que o Rossio é o espelho da vida política do País, mas a verdade é que ali se reflecte um pouco de algumas das suas realidades.

Do lado esquerdo de quem está de costas para os Restauradores, pouco se modificou. Lá continua a exposição e venda de tecidos à porta de dois estabelecimentos, como se imaginaria numa pequena cidade de província; as «bichas» dos autocarros e dos saldos, mais à frente a esplanada de uma pastelaria famosa e os seus bolos de «chantilly»...

Uma nota nova: à entrada do metropolitano, onde alguns jornais se encontravam em exposição, um grupo grande de pessoas lia com visível curiosidade as últimas notícias, o que raramente acontecia no tempo de paz forçada da Velha Senhora.

Mas é do lado direito, lado que a sombra protege os que se expõem na rua, que a vida mudou substancialmente.

Aí se encontram bancas de vários partidos políticos, onde se vendem emblemas, livros, «posters», entre outras coisas.

A imagem e o nome de Lenine predominam, mas vêem-se também Marx, Engels, Estaline e Mao.

Noutras bancas puramente comerciais, vendem-se emblemas de todos os partidos, para cada cor seu paladar. Desde o CDS à UDP. Nas bancas

políticas, também se dão esclarecimentos a nacionais e estrangeiros.

Os estrangeiros, de resto, mostram-se interessados em saber informações sobre a situação política portuguesa e informam-se junto de quem lhes quer dar. A «originalidade» da revolução portuguesa escapa-lhes e expendem opiniões como a que ouvimos a uma jovem francesa que, de máquina fotográfica ao pescoço, confessava a um grupo de pessoas (cada vez maior) que não compreendia como a Esquerda portuguesa estava dividida em tantos grupos, abrindo assim caminho à Direita. Depois de pormenorizadas explicações, a jovem, de olhos verdes muito abertos, virando e revirando a máquina pendurada ao pescoço, insistia na sua incompreensão: «Mais ça divise...»

Aqui e ali, repetida ao longo do passeio, outra imagem im-



O sono na pedra.

portada do estrangeiro: vendedores de colares, pulseiras, anéis, cintos e bolsas de couro.

E também não só portugueses.

Um jovem argentino, de barba e cabelo hisurto, sentado de pernas cruzadas sobre uma sarapilheira, exibia bolsas «de couro argentino», enquanto ameaçava uma pequenita portuguesa que insistia em desarmar-lhe as ditas bolsas. «Saca-te daí» — dizia-lhe numa linguagem que ela não percebia, fazendo-lhe perguntas em português sobre as bolsas de couro argentino.

OS RETORNADOS

Mais recentemente, outro grupo novo veio agitar a vida da margem direita do Rossio: os retornados de Angola, de Moçambique e, ainda mais recentemente, os de Timor. Ali se encontram, trocam impressões. Alguns sentam-se na esplanada e bebem refrescos, mas a maioria permanece de pé, como se mantivesse assim um velho hábito.

Quem diria que o Rossio das iluminárias do Natal mudaria assim de semblante, tão repentinamente? Poderemos vir a acrescentar: e tão resolutamente?

— E todos se tratam por tu...

Os trabalhadores ocuparam a Mesa

Por decisão tomada em plenário, os trabalhadores da Mesa, fábrica de máquinas de escrever, ocuparam na terça-feira as instalações onde laboram, sem, no entanto, fazerem paralisação de trabalho.

Esta medida destina-se a chamar a atenção do Governo para uma intervenção na firma cuja situação é altamente deficitária: nomeadamente, os ordenados do mês de Agosto ainda estão por pagar e há despesas correntes a pagar. A

Messa, há muito em difícil situação tem repetidamente necessitado de subsídios estatais, mas está já elaborado um plano de reconversão que rentabilize a actividade, garantindo empregos.

Ontem realizou-se um encontro entre os Ministérios da Indústria e Finanças e a Banca, para estudar medidas de intervenção na empresa. A primeira delas, que se crê aceite já, pelo Conselho Económico, refere-se ao financiamento imedia-

to de cerca de 20 000 contos para liquidar ordenados e despesas a curto prazo. O Estado tornou-se o principal accionista da empresa, com 1800 operários, depois da nacionalização dos bancos privados.

SUBSÍDIO DE DESEMPREGO

Para o cálculo do subsídio de desemprego o único valor a considerar, em todos os casos é o salário mínimo nacional (4000 escudos) — esclarece uma nota do Ministério do Trabalho, que rejeita qualquer excepção àquele princípio.

Ficam assim afastadas as dúvidas que motivaram este esclarecimento, que se fundamentavam na excepção à obrigatoriedade do salário mínimo, previstas no Decreto-Lei n.º 292/75. Estas excepções não impedem a aplicação do despacho conjunto dos ministérios dos Assuntos Sociais e do Trabalho, onde se determina que «no cálculo do subsídio de desemprego, deverá tomar-se por base apenas a remuneração mínima nacional de 4000 escudos».

Três incendiários à beira de serem espancados

OLIVEIRA DO HOSPITAL, 5 — Só ao princípio da madrugada é que a GNR conseguiu retirar da cadeia comarcã desta vila os três incendiários que confessaram ter lançado fogo a matas na Aldeia dos Dez, na Ponte das Três Entradas, e na zona situada entre Avô e Vila Pouca da Beira. Conforme noticiámos ontem, os três indivíduos presos — Manuel Dias Alves, António Alves Afonso e Armindo Alves Luís — afirmam ter lançado fogo às re-

feridas matas unicamente para se divertirem. Ao saber que os presos iam ser transferidos para Coimbra, a população da vila e das aldeias vizinhas rodeou o carro celugar e assaltou a cadeia no propósito de os espancar. Só a muito custo e depois de pedir reforços à GNR de Coimbra e de Tábua é que a GNR da vila conseguiu transferir os presos usando carros diferentes dos celulares e fazendo-os sair da prisão por portas não vigiadas.

SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

ASSEMBLEIA GERAL DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

CONVOCATÓRIA

De acordo com a Lei das Associações Sindicais aprovada pelo Decreto-Lei 215/B/75 de 30-4-75, convoco todos os sócios deste Sindicato do Sector da Construção Civil e que exerçam a sua actividade em firmas do Distrito de Lisboa, para uma Assembleia Geral deste Sector a realizar no próximo dia 6 de Setembro de 1975, no salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, 33 — Lisboa,, pelas 15,00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Discussão e deliberação da integração dos Técnicos de Desenho no Sector da Construção Civil do Distrito de Lisboa, no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa.

Lisboa, Agosto de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Francisco Dias Bernardino

VIAÇÃO EDUARDO JORGE

"AVENTURAS" DE UM MEMBRO DA COMISSÃO DE DELEGADOS

A Comissão Sindical da Empresa Eduardo Jorge repudia a versão vinda a público de um pretensu «saneamento à esquerda» que lhe foi atribuído e de que teria sido vítima o ex-trabalhador daquela empresa Joaquim Leal.

Dois delegados sindicais membros e representantes da Comissão Sindical, confirmaram efectivamente o saneamento de Joaquim Leal, mas efectuado pelo plenário de trabalhadores realizado no passado dia 28. Corrigiram ainda várias informações falsas sobre o caso, também divulgadas publicamente.

Funcionário da empresa há 14 anos, Joaquim Leal, que actualmente desempenhava o cargo de chefe de secção e pertencia à FEC-ML, nunca foi (na opinião de muitos colegas seus na «Eduardo Jorge») um amigo ou defensor dos trabalhadores antes do «25 de Abril».

Bem pelo contrário, segundo nos afirmaram, perseguia-os, especialmente os do «Movimento» (cobradores, fiscais e motoristas), apresentava queixa deles à entidade patronal (do que muitas vezes resultaram castigos) e, muito frequentemente nem sequer lhes dirigia a palavra, pelo que o ambiente à sua volta era de geral antipatia. Para ilustrar a «boa vontade» de J. Leal em denunciar ao patrão os que considerava em falta, relatou-nos um dos delegados sindicais (Fiscal de profissão) um episódio que consigo se passou.

Em 1965, Joaquim Leal apresentou queixa dele ao patrão por ter verificado que, ao entrar em determinada camioneta, o fiscal batera a porta violentamente (porta que se encontrava avariada e que, por isso, se abria e fechava inevitavelmente com violência). Daí resultou que o fiscal e actual delegado sindical foi castigado



Manuel Jaime, delegado sindical dos fiscais, e António Caeiro, delegado sindical dos motoristas da Empresa de Viação Eduardo Jorge, esclarecendo o caso (que alguns pretendem político) «Joaquim Leal»

com uma pena suspensa de três dias. Por este comportamento, J. Leal pediu-lhe desculpa há dias, isto é, volvidos 10 anos.

Depois de 25 de Abril, Joaquim Leal conseguiu ser eleito para a primeira comissão de delegados da empresa, constituída no ano passado. Mas mesmo como membro do órgão colectivo que é uma comissão sindical, a sua falta de democraticidade não deixou dúvidas.

Segundo os outros trabalhadores que ouvimos, a sua opinião tinha sempre que prevalecer sobre a dos outros. Caso assim não acontecesse gerava-se conflito.

Em consequência do descontentamento crescente que por causa disso se gerou dentro e fora da comissão sindical, decidiu esta demitir-se integralmente e promover novas eleições. Feitas estas, a maioria dos seus membros foi reeleita, mas não Joaquim Leal.

Excluído da comissão, desencadeou contra esta uma série de ataques, verbais e escritos, através de comunicados

que circulavam dentro e fora da empresa. Finalmente, foi publicado no jornal «Grito do Povo», uma intervenção de um trabalhador da «Eduardo Jorge» num comício da FEC-ML, em que mais uma vez se atacava a comissão sindical acusando-a de «reaccionária e social-fascista», bem como a comissão administrativa da empresa.

A comissão sindical, que funciona em conjunto com a comissão de trabalhadores, num total de 32 membros, com grande unidade embora nela estejam representadas várias correntes políticas, chamou Joaquim Leal e pediu-lhe uma explicação sobre o que se tinha passado, ao que este se recusou. (Segundo elementos da empresa que lhe são afectos, o texto da intervenção terá sido da sua autoria e de mais cinco trabalhadores da empresa que também pertencem àquela organização política.) Perante a sua recusa, a comissão avisou-o de que a questão seria discutida em plenário de trabalhadores.

Saneado por um plenário em

que compareceram 121 trabalhadores e foram apresentadas várias propostas para o seu afastamento da empresa, alguns trabalhadores que lhe davam apoio conseguiram no dia seguinte levar alguns colegas das oficinas e pedir a convocação de outro plenário para discutir a decisão de saneamento. A comissão sindical concordou e, através de comunicados, convocou os trabalhadores para o plenário. Que não chegou a realizar-se porque, já a hora tardia, o grupo que a pedira desistiu dele, adiando a discussão por iniciativa própria para o plenário de hoje, dia 5. Ai, a comissão sindical não transigiu porque tratando-se de plenário quinzenal que regularmente se efectua na empresa, destina-se a outros assuntos, considerando-se o saneamento decidido pelos trabalhadores consumado e ultrapassado. Estranha, no entanto, a comissão sindical, que aquele grupo de trabalhadores considere necessária como também foi publicado, a presença do Copcon no plenário de sexta-feira, dia 5, tanto mais que outros saneamentos se fizeram por proposta do próprio Joaquim Leal e nunca se sentiu necessidade de chamar o Copcon.

Considera ainda a comissão sindical da Empresa de Viação Eduardo Jorge necessário esclarecer dois pontos relativos a este caso, também vindos a público. É que quando se fala nas regalias obtidas para os trabalhadores daquela empresa, mediante a apresentação de um caderno reivindicativo, estas foram conseguidas, não graças apenas ao trabalho de Joaquim Leal, mas de toda a comissão sindical de que então fazia parte e dos próprios trabalhadores que a apoiaram. Por outro lado, quando se diz que os trabalhadores da empresa se têm vindo a afastar das assembleias, lembra a comissão sindical que isso se deve exactamente à actuação de Joaquim Leal e do seu grupo, que sendo minoritário e não conseguindo impor as suas opiniões, gera conflito nos plenários e provoca o desinteresse dos trabalhadores.



O reporter de serviço

Manuela Alves

OS MANIPULADORES DA MULTIDÃO

Cabe às vezes ao repórter de serviço do jornal da cidade a leitura da Imprensa regional, onde toma contacto com realidades que aqui lhes escapam ou das quais só de maneira remota tem conhecimento.

Recentemente, um desses diários publicava uma notícia desenvolvida sobre a tentativa de linchamento de três indivíduos suspeitos de incendiários por uma multidão de cerca de mil pessoas. A tentativa de linchamento deu-se quando os três suspeitos iam ser transferidos pela GNR de Oliveira do Hospital da cadeia comarcã daquela vila para Coimbra. Apesar dos esforços da guarda, os indivíduos foram espancados e nem um tenente da GNR que se fez deslocar de helicóptero da Lousã, expressamente para deter a multidão, conseguiu cumprir essa função.

Deu-me a notícia nas vistas, pelo pormenor com que se transmitia a fúria que se apossara da multidão: «Apesar da grande tensão que entretanto se começou a registar, foi iniciada a transferência dos detidos do interior da cadeia para o carro celular. O primeiro a sair foi duramente espancado pelos populares que chegaram a arrancar-lhe parte do cabelo, após o que os guardas conseguiram introduzi-lo no carro. Vendo que os seus intentos haviam sido logrados, a população cerca o

veículo, barricando-o com pedras e furando-lhe os pneus para impedir que pudesse partir».

De seguida os populares «dirigiram-se à cadeia, cujos portões arrombaram e espancaram de igual modo os outros dois indivíduos que aguardavam ser transferidos para o carro».

Mas não só isto. No último parágrafo, resume-se outro acontecimento: o assalto ao SADA (Serviço de Assistência e Dinamização Agrária), «cujo recheio foi lançado para a rua e queimado». E termina a notícia: «Tal atitude foi justificada pelo facto de a este organismo estarem ligados, tanto quanto nos informaram, indivíduos relacionados com o PCP».

Este assalto deu-se, ainda segundo a mesma fonte de informação, enquanto decorria a primeira concentração.

Terá — ao que parece — sido cometido nas «costas» das tais mil pessoas. Não sabemos se estas sofreriam do mesmo anticomunismo. Não sabemos se seriam capazes de linchar os destruidores de um serviço de assistência com a mesma decisão e firmeza com que o fizeram em relação aos três suspeitos de incendiários. Mas sabemos, porque é flagrante, que a multidão é muitas vezes manipulada e transforma-se em torrente destruidora dos seus próprios interesses.

CAÇA ÀS CODORNIZES ABRE NO DIA 14

A época de caça às codornizes abre no dia 14 de Setembro, prolongando-se até ao dia 5 de Outubro.

A este respeito, a Comissão Venatória Regional do Centro chama a atenção para um edital publicado no dia 27 de Agosto, onde constam os locais onde é permitida a caça, situados nos concelhos de Abrantes, Aguiar da Beira, Belmonte,

Coimbra, Constância, Covilhã, Estarreja, Figueira da Foz, Fundão, Gouveia, Guarda, Idanha-a-Nova, Ilhavo, Mira, Moimenta da Beira, Mortágua, Ovar, Sátão, Seia, Tomar, Trancoso e Vargos.

O edital insere, também, várias determinações sobre as espécies a abater, processos de caça, dias de caça, número de exemplares que podem ser

abatidos em cada dia, etc. Encontra-se afixado, para consulta, na sede daquela comissão em Coimbra, nas comissões venatórias concelhias, nas câmaras municipais, nas dependências da Direcção-Geral dos Recursos Florestais, nas corporações da GNR, PSP e GF, e ainda nos clubes de caçadores, regedorias e armeiros da Região Venatória do Centro.

SABOTAGEM ECONÓMICA NUMA FIRMA DE LACTICÍNIOS

Dois técnicos de contas denunciaram sinais de falência provocada na firma «Lacticínios Luso-Serra», da qual dependem muitos trabalhadores, e de que é accionista maioritária a empresa «Lacto-Lusa» de Vale de Cambra.

Tendo já informado o Ministério do Trabalho da «total

inércia» com que gerentes da firma têm deixado protestar letras e livranças, os técnicos, Armando Mesquita e Vitor Pereira, afirmam que o responsável por parte da «Lacto-Lusa» mandou retirar os documentos de contabilidade confiados aos técnicos de contas, chegando a impedir a entrada

de um deles na fábrica. A impossibilidade de obter elementos para o relatório de contas levou os citados técnicos a concluir da impossibilidade de continuar os serviços alertando, no entanto, para a má administração que porventura levará à falência.

PENSÕES A FAMILIARES DE COMBATENTES

De acordo com decisões do Conselho de Ministros, publicadas na folha oficial, familiares de militares «que se evidenciaram na prática de feitos de real valor nos campos de batalha e reconhecidos pelo Supremo Tribunal Militar» vão receber pensões dos quantitativos que legalmente lhes competirem.

Os beneficiários são: Maria

Cristina Craveiro Lopes, orfã do general João Carlos Craveiro Lopes; Maria José Nunes dos Santos, orfã do tenente-coronel Matias dos Santos; Berta Helena Augusta Flávia Lobato de Faria Ferreira, viúva do capitão Manuel António Ferreira; Graziela Miranda Martins, viúva do segundo-sargento Olegário Pereira Martins; Júlia

Carvalho Barbosa Coelho, viúva do brigadeiro António Amílcar Botelho Coelho; Adelaide de Jesus Franco, viúva do capitão António Augusto Franco; Aurélia Rodrigues Onofre da Silva, viúva do capitão Francisco Salgueiro da Silva; e Maria Emília Machado, viúva do tenente João Cândido Ferreira Veloso.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Avenida da República, 27-29 — Telef. 57.40.73 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias, convoca-se a Assembleia Geral a reunir no Instituto Superior Técnico (Salão Nobre) — Avenida Rovisco Pais, no próximo dia 5 de Setembro, pelas 21,30 horas com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Apreciação do Relatório e Contas da Gerência de 1974
- 2 — Informações

A Assembleia Geral terá início à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios, ao abrigo do art.º 36.º dos Estatutos.

Lisboa, 3 de Setembro de 1975.

PELA COMISSÃO DIRECTIVA
Artur Rodrigues

Nacional

DO CHILE A PORTUGAL: CHEGOU A HORA!

4 de Setembro de 1970: chegada ao poder da Unidade Popular chilena.

Julho de 1971: o jornalista norte-americano John Gerassi entrevista pela última vez, Salvador Allende. Nesta entrevista, relatada por Gerassi na revista «Politique Aujourd'hui» de Janeiro-Fevereiro 1974, o presidente chileno ter-lhe-ia dito: «Não temos possibilidades de escolha. A maior parte dos membros da Unidade Popular, mesmo aqueles que fazem parte do meu partido, não concordam em armar uma milícia popular para defender a via socialista no Chile, porque isso constituiria uma provocação para a direita e para os militares».

Allende prosseguia: «É impossível concretizar as nossas reformas revolucionárias se rompemos com a legalidade democrática». A esta afirmação do presidente chileno, John Gerassi respondia que em toda a história da América Latina nenhum governo, nem ninguém, tinha podido levar a cabo reformas revolucionárias significativas sem provocar imediatamente, ou a médio e curto prazo, uma intervenção contra-revolucionária da parte do Imperialismo americano.

A esse facto, Salvador Allende respondia: «Isto era dantes camarada, isto era dantes... Agora que os Estados Unidos perderam a guerra do Vietnam e que o Terceiro Mundo se está a tentar libertar da tutela americana, é-lhes impossível fazer um outro Guatemala».

No fim da entrevista, Gerassi, numa conversa cordial com Augusto Olivares, adido de Imprensa de Allende e militante MIR, ouvia da boca deste o seguinte desabafo: «Compreende-me, só poderemos armar o Povo e levar a Revolução à vitória no dia em que a politização popular atingir um ponto tal que seja o próprio Povo a pedir as armas...».

A pergunta de John Gerassi: «E se o golpe de Estado se produzir antes?», Augusto Olivares respondia: «Nesse caso, estamos «jodidos»! Isto é uma corrida

contra-relógio».

Augusto Olivares morreu ao lado do presidente Allende, no dia do golpe de Estado de Pinochet, com as armas na mão...

Há que tirar — e o mais depressa possível! — as conclusões necessárias desta troca de palavras. Parece-nos, efectivamente, chegado o momento de saber o que queremos, como o queremos, porque lutamos e — sobretudo! — para onde vamos. Como no Chile durante a Unidade Popular, em Portugal o fascismo não morreu, não senhor! Sofreu uma derrota mas não perdeu a guerra. O que se passou no Chile começa a ter muita semelhança com o que se está e pode passar-se aqui...

Não são os candidatos a futuros «Pinochets» que nos faltam dentro e fora do País. Alguns já os conhecemos, outras vislumbramos-se... Também temos alguns «Freis» na «adega» bem fornecida de todos aqueles que estão prontos a meter o País nas garras do fascismo e do Imperialismo.

Alguns já o disseram, eu digo-o agora: O Povo português e em particular as massas trabalhadoras deste País e o movimento revolucionário correm grande perigo. O fascismo e os seus aliados naturais ou seja o Imperialismo e a social democracia interna e externa já começaram a meter balas nas culatras. As grandes manobras começaram. As «Cias» e os «Elpes» ajudados por traidores e «vendedores ambulantes» da Independência Nacional que se dizem «democratas», já definiram os campos em presença. Chegou o momento de nos decidirmos. Devemos deixá-los actuar? Eis uma pergunta que necessita resposta, resposta imediata e de cariz revolucionário. O Povo português, a Revolução a fazer neste País e a hora que atravessamos obrigam-nos a isso! Pensem no Chile, camaradas, senão estaremos, como o disse o camarada Augusto Olivares, «jodidos» e, direi mesmo, bem «jodidos»...

MANUEL ANTA

A C. P. INFORMA:

AVISO AOS SRS. EXPEDIDORES

EXPEDIÇÃO DE MERCADORIAS EM REGIME DE DETALHE

A fim de se facilitarem, durante a época das colheitas e regresso de férias, a recepção e expedição de remessas em todas as estações e apeadeiros e de se evitarem as aglomerações que é costume verificarem-se durante aquela quadra, recomenda-se aos Srs. Expedidores que:

Em benefício próprio, EVITEM EXPEDIR AS SUAS PEQUENAS REMESSAS DURANTE O PERÍODO DE 15 DE SETEMBRO A 31 DE OUTUBRO, ainda que perfeitamente embaladas, porquanto, dada a natural afluência de pequenos volumes a despacho, nesta época, à C. P. não é possível efectuar o seu transporte ou entrega em tempo oportuno.

Por isso, a C. P. AGRADECE TODA A COLABORAÇÃO no sentido de os despachos de pequenas remessas se efectuarem com a maior antecedência ou posteriormente ao período indicado.

No entanto, se tiverem necessidade imperiosa de expedir pequenos volumes durante aquele período, estes poderão ser aceites mediante reserva na declaração de expedição em como: «O expedidor põe a coberto o Caminho de Ferro das reclamações a que poderá dar lugar o transporte, em consequência de atraso na entrega e avarias consequentes».

COMISSÃO MUNICIPAL DE SETÚBAL RESPONDE AO DOCUMENTO COPCON

A passagem alusiva às autarquias locais, do documento dimanado do COPCON, provocou vivos protestos por parte da comissão administrativa do Município de Setúbal, que, em reunião, decidiu por unanimidade elaborar uma exposição a anviar àquele Comando, à R. I. C., ao M. A. I., à presidência da República e Estado-Maior General das Forças Armadas.

O documento do COPCON refere, neste particular, «a existência de um clima de desânimo e descrença das populações, desmotivando-as para a revolução de que são as principais e directas interessadas. As causas deste facto são, fundamentalmente, as seguintes: a substituição das administrações fascistas das autarquias foi feita, na maioria dos casos, por elementos da pequena e média burguesia local afectos ao P.C.P., M.D.P./C. D. E. que se revelaram incapazes de solucionar os principais problemas existentes».

«A ACUSAÇÃO É DE TODO INJUSTA»

Analisando a referência do documento COPCON, e de acordo com acta da reunião municipal, o vice-presidente da

comissão administrativa disse que: «a maioria dos elementos escolhidos para as autarquias locais são indivíduos cujo passado reconhecido de luta antifascista os identifica como garantes de apoio à revolução iniciada no 25 de Abril. São, na generalidade, pessoas que passaram muitas vezes em causa a sua existência na conquista e defesa dos interesses das populações. São pessoas corajosas, abnegadas, animadas dos maiores propósitos de servir. São pessoas que, mais uma vez, quando ainda o terror e o espectro de um Governo fascista acobardava a maioria das gentes deste país, estiveram presentes e ocuparam corajosamente lugares de responsabilidade».

Continuando, disse julgar que a maioria esmagadora das pessoas convidadas para as autarquias locais não tinham opções políticas partidárias. O M. D. P./C. D. E. era uma organização antifascista unitária na qual se inseriam todas as correntes de pensamento, onde desde as primeiras horas atuaram os antifascistas activos.

Naturalmente que o desenvolvimento do processo revolucionário, aliado aos conheci-

mentos adquiridos na administração pública, deu-lhes determinada perspectiva para a resolução dos problemas do País o que os levou a inserirem-se nos partidos cujos programas e formas de acção lhes devem maior confiança.

«E, hoje, como no tempo do fascismo, esses militantes dão tudo o que têm ao seu país. Trabalham 24 horas por dia, auxiliando as populações no que lhes é permitido, enfrentando estoicamente os ataques desferidos maldosamente, raiosamente, inconscientemente, por todos aqueles que não estando interessados na Revolução portuguesa dinamizam as massas menos preparadas, lançando-as em lutas injustas e odiantas».

«A acusação de burgueses, de que também são alvos esses militantes, é de todo injusta porquanto não é unicamente nas condições económicas que se determina o ser ou não ser burguês».

«Não são burgueses os que lutam sincera e abnegadamente por uma sociedade justa, de direitos e obrigações iguais para todos, onde deixem de haver privilegiados. Burgueses são sim os que não querem abdi-

car dos seus comodismos e privilégios e os sobrepõem aos interesses colectivos. Burgueses são aqueles que, mesmo nada tendo, se alheiam dos problemas das Sociedades».

«Sobre a inoperância de que também são atacadas as autarquias locais, só um desconhecimento profundo das possibilidades económicas, estruturas técnicas e humanas e dos condicionamentos a que estão sujeitas ao poder central, aliado ainda a uma máquina por sanear, a um código administrativo por queimar, a mentalidades tacanhas que tudo contrariam e receiam, os pode levar a tais afirmações».

«Não obstante as dificuldades referidas, os sacrifícios exigidos, as calúnias que lhes movem, esses militantes têm a consciência plena de que só é possível levar por diante a Revolução portuguesa com pessoas que se devotam à reconstrução deste país trabalhando, sugerindo, organizando, e por isso estão presentes».

Após discussão final do tema, foi deliberado aprovar por unanimidade as considerações expostas e transmiti-las aos órgãos acima referidos.

NO BAIRRO SOCIAL DO ARCO DO CEGO ASSALTOS NA RUA À LUZ DO DIA

Um grupo de indivíduos que se faz transportar em automóveis roubados, lança, em pleno dia, de há cerca de quatro meses a esta parte, uma vaga de terrorismo entre a população feminina (residente ou simplesmente transeunte) do Bairro Social do Arco do Cego.

Habitualmente tranquilo — característica que se evidencia nos meses de Verão, durante as férias do Liceu D. Filipa de Lencastre e das Escolas Primárias Oficiais —, de ruas quase despovoadas, o Bairro Social do Arco do Cego presta-se a actividades de lesa-cidadão, por parte de quem não tem escrúpulos, sem que qualquer autoridade ponha cobro aos abusos.

Assim o podem testemunhar dezenas de senhoras (e, eventualmente, testemunhas oculares do sexo masculino) que em pleno dia — geralmente de manhã ou ao princípio da tarde —, tendo saído à rua de carteira na mão ou debaixo do braço, se têm visto repentinamente despojadas das mesmas por mãos destrás e velozes que saem de automóveis rasando o passeio. A técnica é sempre a mesma. De manhã, geralmente entre as 11 horas e o meio-dia ou, eventualmente,

até às 14 horas, um automóvel, transportando, além do condutor, um ou dois indivíduos, aproxima-se vagarosamente da vítima, necessariamente uma mulher que caminha junto à beirra do passeio com a carteira do lado de fora. Ao alcançar a distância que considera ideal, o condutor arranca então a grande velocidade enquanto um dos ocupantes do carro qual ave de rapina, lança mão à carteira da incauta vítima, sem que esta tenha hipótese de a reter. Excepcionalmente, uma senhora que tentou reter a sua carteira, foi arrastada pelo carro até a largar, tendo ficado em estado de choque e sofrido contusões várias. Outra caiu e partiu a cabeça. Isto acontece há quatro meses, por vezes com uma frequência diária. Na semana passada, por exemplo, nem um único dia escapou sem que tivesse ocorrido um destes roubos descarados, com especial incidência na Rua Xavier Cordeiro, junto à Escola Primária Feminina, uma das ruas mais recônditas e pacatas do bairro.

Enquanto isto, perante as várias queixas que têm sido apresentadas na esquadra local, algumas incluindo as matrículas dos carros, a P. S.

P. limita-se a responder que são carros roubados e nada mais faz. E, entretanto, a frequência dos roubos aumenta, tendo atingido já mais de uma pessoa da mesma família. E as vítimas vão ficando sem dinheiro, sem carteira, sem documentos, sem chaves. Quando reabrir as aulas, os assaltos diminuirão, por aumentar o movimento do bairro, ou, pelo contrário, os assaltantes descobrirão qual a melhor hora para roubar as bolsas às estudantes liceais?

Dado o à-vontade e a frequência destes roubos (praticados por vezes em automóveis descapotáveis) pergunta-se: tratar-se-á de uma quadrilha de ladrões profissionais que apenas tem como fimo o roubo, ou será mais uma manobra (que poderá mais tarde ou mais cedo, logo que seja oportuno, estender os seus tentáculos a outros bairros pacatos de Lisboa até chegar às ruas mais movimentadas) para tornar ainda mais confusa a já pouco clara situação em que se vive, aterrorizando as populações e lançando entre elas o descrédito e o desrespeito pelas forças de manutenção da ordem, fomentando a insegurança e o terror, favorecendo em suma o avanço da reacção?

Quem souber que responda. Entretanto, duas coisas são certas: a primeira é que se trata efectivamente de roubo e se cria intencional ou secundariamente um clima de pânico; a segunda é que é imperioso que as ditas forças da ordem não permitam que se agrave a crise de autoridade existente. É imperioso que actuem até mesmo no pacato Bairro Social do Arco do Cego.

Departamentos sectoriais da indústria

Por despacho do ministro da Indústria e Tecnologia, publicado no «Diário do Governo», foram criados departamentos sectoriais daquele Ministério, que terão como objectivos desburocratizar o aparelho de Estado, tornando-o actuante em relação ao sector produtivo, e evitar a duplicação de orientações dispersas ao nível fe sectorial; possibilitar uma efectiva coordenação, controlo e orientação dos sectores de actividade produtiva; centralizar (ao nível sectorial) as orientações do órgão de planificação global e permitir que estas sejam reelaboradas com base nas indicações concretas fornecidas pelas unidades de produção.

Com base nas indicações globais dos sectores de produção, os novos departamentos fornecerão indicações para a orientação do crédito e financiamento e orientação do sector de distribuição; e ligação

entre o controlo da economia e o controlo da produção ao nível de empresa. A localização desses departamentos deverá coincidir com as zonas de maior implantação dos sectores.

NAVIOS DA R.D.A. REPARADOS NA LISNAVE

No seguimento de um acordo firmado entre a R. D. A. e Portugal, largaram do porto de Lisboa dois navios daquele país, (o «Teotor Fontana» e o «Hennencstorf»), que foram verificados nos estaleiros da Lisnave. Nos termos do mesmo acordo, já foram reparados na Lisnave quatro navios pertencentes à República Democrática Alemã. Um outro navio, o «Feitzrener», fará brevemente escala em Lisboa, onde será submetido a um exame geral.

post scriptum

Continuação da pág. 3

Marco ficaria bem ao lado do Spínola (que também só queria socialismo em liberdade)?

2.ª Bem sei que aguentámos 48 anos (os que augentaram que eu felizmente só tenho 30), mas, quanto tempo mais é que julga que a gente aguenta?

3.ª Julga que a gente se esquece do camuflado e da Serra de Estrela?

4.ª e Última — AINDA SABE O QUE É A REVOLUÇÃO PORTUGUESA E PARA QUE FOI FEITA?

Muito obrigado pela atenção senhor general. Pode ser que...

P.S. — Se isto aparecer no «Diário de Lisboa» (não tenho papel químico para cópias) não diga que há manipulação partidária de minorias na Informação.

Carlos Manuel Oliveira Valente — Lisboa

HOJE, EM LISBOA

Manifestação pela libertação de Garmendia e Otaegui

«O regime de Franco apenas pretende ganhar tempo, deixar passar dias até que as pessoas comecem a esquecer-se ou comecem a desgastar-se as energias para protestar contra esta condenação à morte, que é apenas mais um crime do fascismo espanhol cometido contra os povos que ele domina» — dizia-nos ontem um português directamente ligado à campanha que em Portugal tem vindo a desenvolver-se a favor de Garmendia e Otaegui.

Hoje ao fim da tarde realizou-se uma manifestação em Lisboa. Palavra de ordem principal: «Liberdade imediata Garmendia e Otaegui». Há uma concentração no Rossio, ignorase se os manifestantes se dirigem depois a qualquer lugar, por exemplo à embaixada de Espanha, na Praça de Espanha, onde há oito dias a PSP reprimiu uma manifestação idêntica, com uma violência de que os manifestantes desse dia se recorda.

MÁRIO SOARES EM LONDRES

Começa hoje em Londres a reunião extraordinária dos chefes dos partidos socialistas e social-democratas da Europa Ocidental. A reunião foi convocada pelo primeiro-ministro britânico e chefe do Partido Trabalhista inglês, Harold Wilson. Está presente o secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário Soares.

Segundo um telex da Reuter, a conferência ocupará-se do auxílio moral e económico que poderá ser dado ao Partido Socialista Português. A hipótese foi confirmada pelo secretário geral do PSP, Mário Soares, que, à partida para a capital britânica disse aos jornalistas que a razão de ser da reunião é «a discussão dos problemas portugueses e da solidariedade, não somente ao nosso partido, mas da solidariedade antifascista a Portugal, solidariedade que se exprime — acrescentou — pelo apoio à Revolução Portuguesa e contra as manobras da reacção».

Pouco antes de embarcar para Londres, Mário Soares informou o general Costa Gomes que o seu partido só participará no Governo com os comunistas se a representação comunista for proporcional aos

resultados obtidos pelo PCP nas eleições para a Constituinte. O PCP teve cerca de três vezes menos votos do que o PSP. Mário Soares — diz a Reuter — quer uma série de garantias que, na prática, expulsariam os comunistas das posições-chave que conseguiram no aparelho de Estado desde 25 de Abril de 1974.

Na reunião de hoje devem estar presentes os primeiros-ministros da Suécia e da Holanda, Olof Palme e Jop Den Uyl, respectivamente, e ainda Willy Brandt, líder do Partido Social-Democrata Alemão e François Mitterrand, dirigente do Partido Socialista Francês.

Os quatro dirigentes, juntamente com Harold Wilson e com o chanceler Bruno Kreisky, da Áustria, constituem a Comissão Socialista de Amizade com Portugal, formada durante a conferência dos chefes socialistas da Europa Ocidental em 2 de Agosto em Estocolmo. Bruno Kreisky, todavia, e em virtude de compromissos anteriores, não está presente na reunião de Londres.

Ainda segundo a Reuter, os dirigentes reunidos na capital britânica decidirão do futuro trabalho da comissão, cujos termos de referência, nas palavras de Olof Palme, são a «enérgica defesa dos direitos democráticos em Portugal», entre eles compreendido o direito de todos os partidos existirem e lutarem pela garantia de uma imprensa e de um movimento sindical livres e o direito de todos os partidos e organizações cooperarem através das fronteiras com os seus amigos em todos os pontos do mundo.

Estivadores da rua contra divisionismos

A Comissão dos Trabalhadores da Rua do Porto de Lisboa alerta todos os estivadores da rua para a «acção divisionista» dos seus dirigentes sindicais, que, segundo um comunicado, persistem em não dar cartões sindicais aos trabalhadores que a eles têm direito.

Realçando a posição contrária tomada pela direcção do Sindicato do Tráfego, a comissão apela para que os trabalhadores se mantenham unidos, solicitando às autoridades progressistas que acabem, de vez, com o divisionismo da classe trabalhadora.

Sindicato dos Escritórios

TRABALHADORES SUSPENSOS ESCLARECEM A SITUAÇÃO

Esta manhã os 13 empregados do Sindicato dos Escritórios suspensos por decisão da Comissão de Trabalhadores afecta à lista B esclareceram a situação que levou ao seu afastamento exigindo que seja feito um rigoroso inquérito.

Em 30 de Agosto, realizaram-se eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa saindo vencedora a lista B. Depois de conhecidos os resultados na madrugada do dia 31, elementos da lista vencedora tentaram tomar de assalto o Sindicato o que originou a evacuação dos trabalhadores que lá se encontravam e a selagem das instalações pelo Copcon.

Na sequência dos acontecimentos, tornou-se pública que a reabertura do Sindicato teria lugar na passada quarta-feira. Na véspera, porém, os elementos da Lista B convocaram parte dos empregados do Sindicato para uma reunião que teria por objectivo eleger uma comissão de trabalhadores. Nesta reunião, realizada na escada



da cave, exterior edifício, onde se situa a sede do Sindicato, foram eleitos cinco trabalhadores, entre os quais Manuel Pereira e Silva Costa, acusados pelos trabalhadores como tendo colaborado com as antigas direcções fascistas.

Na referida reunião, Joaquim Ferro alegou que o programa da lista B «era antifascista e antisocial-fascista» e que todos os «sociais fascistas» teriam de ser expulsos do Sindicato. Foi nessa altura que um elemento da Comissão de

trabalhadores, Manuela Costa Pereira, anunciou que tinham sido suspensos 13 empregados do Sindicato.

Os trabalhadores suspensos afirmam em comunicado que a única acusação que contra eles pode ser feita diz respeito «à defesa intransigente e abnegada dos interesses dos trabalhadores de acordo com o programa de acção sindical da direcção cessante, que foi aprovado em Maio de 1974 por cerca de seis mil associados».

Os elementos afastados de-

nunciaram o perigo de manobras contra-revolucionárias venientes de quem está seriamente interessado no regresso aos tempos de Salazar e Caetano, e que servem os mesmos que incendiam matas, assaltam partidos, fomentam a desordem e o caos. Num comunicado distribuído durante a conferência de Imprensa pergunta-se: «Quem estará por detrás de tudo isto? A CIA? Por agora só sabemos que é o M. R. P. quem (des) controla o Sindicato dos Escritórios!»

Sector mar A GREVE DE 26 NAVIOS

Com a adesão do «Porto de Aveiro», sobe para 26 o número de navios envolvidos pela greve desencadeada por trabalhadores da CNN — sector Mar. O «Porto de Aveiro» chega justamente amanhã, pelas 12 horas, a Aveiro, entrando imediatamente em greve.

Sabe-se por outro lado que se deverá realizar, com início às 14 horas de hoje, um plenário dos trabalhadores da CTM com vista a definirem posição face ao movimento grevista. Para já, dois navios, desta companhia apoiam a paralisação: o «Ponte Garça» e o «Benguela», o primeiro em Lisboa e o outro surto no porto de Luanda.

Relativamente aos navios que se encontram em Angola, as operações decorrem normalmente, sem greve, mostrando-se no entanto as tripulações solidárias com os seus camaradas que entendem ser a greve, neste momento, a melhor forma de luta.

AGÊNCIA DE VIAGENS



SOC. COM.
OREY, ANTUNES,
S.A.R.L.

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA-2

Tels. { 36 22 66
36 93 46

- LONDRES, 8 maravilhosos dias na velha capital inglesa. Saídas semanais.
- AÇORES e MADEIRA, 8 ou 15 dias. Saídas frequentes.
- ROMA, 8 dias, visitas guiadas. A cidade que não mais esquecerá.
- CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA. Incluem transporte, estadia e aulas.
- CRUZEIROS NO RENO, viagens de sonho.
- FÉRIAS para Inglaterra e Norte de África. Comodidade e rapidez.
- MARROCOS, a sua viagem deste ano.
- TURISMO INTERNO
- PASSAPORTES

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Coimbra

(Ex-Sindicato Livre dos Caixeiros do Distrito de Coimbra)
TRAVESSA DA RUA NOVA, 1, 1.º — COIMBRA

ASSEMBLEIA ELEITORAL CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados para a Assembleia Eleitoral, a realizar no dia 12 de Setembro de 1975, das 12 às 23 horas, para eleições dos Corpos Gerentes, referente ao triénio 1975/78.

Funcionarão mesas de voto nas seguintes localidades:

COIMBRA (Sede): Nas instalações da I. N. A. T. E. L. (ex-FNAT), Rua António Granjo, 6, COIMBRA.

Esta mesa abrange os concelhos de: CONDEIXA, PENACOVA, SOURE.

FIGUEIRA DA FOZ: na sede da secção: Rua Dr. Santos Rocha, 23-2.º

Esta mesa abrange o concelho de: MONTE-MOR-O-VELHO

OLIVEIRA DO HOSPITAL: na Casa do Povo.

Esta mesa abrange os concelhos de: ARGANIL, COJA, TABUA.

CANTANHEDE: no CLUB FUTEBOL «OS MARIALVAS».

Esta mesa abrange os concelhos de: MIRA, ANÇA.

LOUSA: no Sindicato dos Operários Papeleiros.

Esta mesa abrange os concelhos de: GÓIS, MIRANDA DO CORVO.

PENELA, VILA NOVA DE POIARES.

Os elementos votarão nas mesas da área onde trabalham.

É permitido o voto por correspondência desde que:

a) — A lista seja dobrada em quatro e metida em subscrito fechado.

b) — No referido subscrito conste o número de sócio e a assinatura reconhecida pelo notário ou abonada por autoridades administrativas.

c) — Este subscrito seja introduzido noutra e endereçado ao Presidente da Mesa da Assembleia de Voto da área a que pertence, por correio registado.

Até ao dia 7 de Setembro a Comissão Eleitoral indicará os componentes das mesas, aos quais serão entregues, até à mesma data, as listas de voto que ficarão à disposição dos associados.

A TUA PRESENÇA É IMPRESCINDÍVEL! MOTIVA OS TEUS COMPANHEIROS!

AO PARTICIPARES NO ACTO ELEITORAL CONTRIBUIS PARA UM SINDICATO FORTE, INTEIRAMENTE AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES.

COMPARECE! PARTICIPA! MOTIVA! DISCUTE!

A COMISSÃO ELEITORAL

MATOS GOMES DEIXA OS COMANDOS

Segundo notícias ontem postas a circular pediu transferência do Regimento de Comandos da Amadora para outra unidade militar, o capitão Matos Gomes, um dos mais conhecidos oficiais progressistas que ali prestavam serviço. Os motivos do pedido de transferência da capitão Matos Gomes estão relacionados com um plenário ontem realizado naquela unidade onde teria sido impossibilitado, pelo respectivo comandante, de expor às praças o seu ponto de vista e fazer uma análise da última Assembleia do Exército realizada em Tan-cos. Do facto foi dado conhecimento pelo capitão Matos Gomes ao general Otelio Saraiva de Carvalho, ignorando-se a decisão final.

Recorde-se que o capitão Matos Gomes é um oficial de grande prestígio entre as populações da Amadora, onde tem exercido importante actividade no apoio à criação das organizações unitárias de base e de ligação povo-M.F.A.

Nacional

Tribuna Livre

EUGÉNIO ROSA

A REVOLUÇÃO PORTUGUESA VIRA PARA A DIREITA?

A situação económica do País agrava-se rapidamente. Sectores importantes da população, como sejam os assalariados agrícolas do Alentejo e os camponeses do Norte, não vêem os seus problemas mais urgentes resolvidos.

A grave crise económica que abala todo o sistema mundial do capitalismo, e que tem graves consequências sobre a economia portuguesa, devido à forte dependência desta em relação àquele, aumenta rapidamente. Por exemplo, na República Federal da Alemanha, pátria do social-democrata Willy Brandt, o número de trabalhadores desempregados subiu, só nos últimos 4 meses, em 200 000 (passou de 800 000 para mais de 1 000 000).

Em Angola e Timor, o imperialismo norte-americano associado aos restos do colonial-fascismo, fomenta lutas fratricidas, provocando assim a instabilidade e a insegurança das populações, com o objectivo também de determinar o regresso de dezenas de milhares de portugueses descontentes, conseguindo, desta maneira, criar ainda maiores problemas à Revolução Portuguesa.

Paralelamente, a sabotagem económica continua a ser leva-

da a cabo, em larga escala, por certas empresas multinacionais, pelos latifundiários, e por um elevado número de capitalistas portugueses. É exemplo disso, o que continua a acontecer com o comércio externo. Apesar de ser evidente que as relações comerciais com o exterior constituem, neste momento, um dos mecos utilizados pela reacção, tanto interna como externa, para deteriorar rapidamente a situação económica o seu controlo, ou, pelo menos, o controlo dos principais sectores continua por se fazer.

A questão fundamental que se coloca, neste momento, é esta: — Porque razão acontece tudo isto? Porque motivo as medidas urgentes que a situação exige, e que o nosso povo espera, não são tomadas?

É evidente que num período revolucionário como é aquele em que vivemos, não existe nenhum Governo que seja capaz de governar, não existe Governo que consiga enfrentar e resolver os graves problemas em que se debate o nosso povo, se não tiver, por trás dele, umas Forças Armadas coesas, que dêem exemplos de disciplina e firmeza revolucionária, e

cujos responsáveis coloquem os interesses do povo português e da nossa Revolução acima da sua ânsia de poder pessoal ou dos interesses das classes em que umbilicalmente estão ligadas.

E afinal, o que é que assistimos nas últimas semanas?

A 5.ª Divisão, um dos órgãos militares mais proeminentes da Revolução, é ocupada pelos Comandos da Amadora, sob os ordens do coronel graduado Jaime das Neves, personalidade bem conhecida no Norte de Moçambique antes de 25 de Abril.

No primeiro comunicado, o comandante do Copcon afirma que isto foi feito para defender a 5.ª Divisão de um ataque exterior; no segundo, publicado no dia seguinte, já diz que a razão de tal operação militar era a detecção de armas ilegais existentes naquela Divisão (o que não havia, como confessou no mesmo comunicado).

Depois, são os comandantes militares da Madeira que em comunicado enviado ao sr. Presidente da República ameaçam, publicamente, pôr em causa a unidade nacional.

Nos Açores, o comandante militar manda fechar as sedes dos partidos progressistas, expulsa os militantes destes partidos para o Continente, colaborando, desta forma, na instauração de um poder local reaccionário.

Em seguida, são as tomadas de posição públicas do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, do Chefe de Estado-Maior do Exército, etc., contra uma decisão tomada pelo Chefe de Estado-Maior das Forças Armadas e ao mesmo tempo Presidente da República (é esclarecedor observar que o comandante militar do centro e a cúpula do P. S. tinham protestado contra a falta de respeito a que tinha sido submetido, segundo eles, o sr. Presidente da República, durante a manifestação dos 100 000 realizada pela esquerda, mas naquelas casas mantêm-se silenciosos).

Igualmente, são os saneamentos ou as tentativas de saneamentos verificados no Exército e na Força Aérea, com o objectivo claro de afastar oficiais progressistas e de colocar o comando de unidades operacionais ou de serviços importantes nas mãos de oficiais da direita.

A juntar a tudo isto, é a directiva do Chefe de Estado-Maior da Força Aérea que tenta alterar a composição da Assembleia desta arma, fazendo diminuir o número de representantes dos soldados.

8 Conjuntamente, uma forte campanha dos jornais ditos «independentes», como seja o «Jornal Novo» (propriedade, como se sabe, de alguns homens que dirigem a C. I. P.), o «Tempo», a «Luta», o «Expresso», etc., é desencadeada com o objectivo claro de desacreditar as personalidades do M. F. A. mais fiéis ao espírito da Revolução (ex. Vasco Gonçalves pelo «Expresso», Pinheiro de Azevedo pelo «Jornal Novo», etc.).

Paralelamente, a cúpula do Partido Socialista fomenta ou dá o início do ataque às personalidades mais representativas do M. F. A. Assim, promove manifestações que tem como

objectivo pressionar a transferência do comando de regiões militares para oficiais da direita (ex. manifestação no Porto, cuja palavra de ordem foi: «Nem Vasco nem Corvacho»).

Por outro lado, mantém um silêncio comprometedor perante a notícia saída no insuspeito «Jornal do Brasil», que depois foi transcrita pelos jornais portugueses, de que «spínola diz que fez aliança com Mário Soares».

Igualmente, Mário Soares na última carta aberta que enviou ao sr. Presidente da República, não conseguiu apontar outra solução para o grave problema de desemprego, que enfrenta o nosso país, que não fosse a captação (no exterior e naturalmente em países como os Estados Unidos e a Alemanha Federal) de elevados capitais. Como o imperialismo americano ou a social-democracia europeia impõem condições, entre as quais se destaca a «segurança», ou seja o esmagamento da luta dos trabalhadores, para investir dinheiro em Portugal, se tal proposta fosse aceite, por um lado, teríamos uma maior subordinação do nosso país àquele bloco imperialista, e, por outro lado, a necessidade de um Governo autoritário para «conter» a luta dos trabalhadores.

Em resumo, assiste-se, neste momento, a uma ofensiva de direita militar ou de oficiais que fazem, na prática, o jogo daquela, chegando-se mesmo ao ponto de pôr em causa, publicamente, decisões tomadas pelo sr. Presidente da República. A cúpula do P. S., em particular o sr. Mário Soares, teve o «mérito histórico» de criar as condições necessárias ao início de tal ofensiva.

O que está agora em jogo, não são migalhas como a passagem das 45 horas para as 40 horas, não é um simples aumento de salários, mas a conquista do Poder pela direita; o que está em perigo, nesta altura, são as próprias conquistas da Revolução alcançadas pelo nosso povo à custa de muita luta e de muito sacrifício.

É isto que, nesta hora grave para a Revolução Portuguesa, os operários e os camponeses, os intelectuais progressistas e a pequena e média burguesia que esteja com a Revolução, ou seja todos aqueles que vivem do seu trabalho e que foram massacrados pelo fascismo, pelos monopólios e pelos grandes agrários, não podem esquecer.

A defesa da Revolução deve ser colocada acima de quaisquer interesses particulares; o respeito pelas decisões tomadas pelo sr. Presidente da República deve ser exigido; não podem continuar impunes os ataques baixos e as contínuas manifestações de desrespeito a personalidades progressistas do M. F. A. levadas a cabo pelos jornais ditos independentes.

O alheamento das classes trabalhadoras por aquilo que se está a passar neste momento, no nosso país, poderá ser trágico e histórico.

Só a união actante e permanente entre as massas trabalhadoras e os oficiais progressistas do M. F. A., com os sargentos e soldados, é que poderá barrar o caminho à social-democracia, primeiro passo em direcção ao fascismo.



INC EA

Por essa Lisboa fora não há banca de jornaleiro nem escarlate de tabacaria que não exhiba publicações que se anunciem como eróticas e que folheadas se revelem ricas em pornografia. As publicações que antes do 25 de Abril circulavam clandestinamente pelas repartições públicas iludindo a frustração estão agora ao alcance de todos.

O interesse inicial pelo fácil acesso ao fruto proibido que se seguiu à queda do fascismo vai perdendo com o tempo muitos dos adeptos iniciais. Contudo, é quase certo o êxito comercial para filmes que apresentem o carimbo: «contêm cenas eventualmente chocantes».

A pornografia depois de uma investida triunfal conquistou um lugar no quotidiano de muitas centenas de portugueses. Chegou assim o momento de pensar neste produto que a sociedade capitalista põe a circular como veículo da alienação ideológica. O fascismo levou a cabo uma miséria económica que implica uma miséria sexual se tivermos presente que a forma económica determina, igualmente, a forma da sexualidade. Isto leva a concluir que não pode haver transformação das formas sexuais da existência humana sem transformação das formas económicas e sociais existentes.

O capitalismo no seu culto da exploração do homem pelo próprio homem não pode oferecer uma sexualidade com possibilidade de se assumir livremente. A técnica posta no desenvolvimento sempre mais eficaz das forças produtivas, a exploração cada vez maior da natureza, a separação entre trabalho e prazer levam à necessidade de lutar por um socialismo que ofereça uma mudança qualitativa de vida e que tenha uma acção libertadora em relação à sociedade de consumo.

A máquina poderosa do capitalismo consciente deste vazio, cria um clima espalhafato e exibicionista de liberdade sexual. Ao mesmo tempo que mantém a prostituição, o culto da mulher-objeto, todo o conjunto de ideais feitas sobre feminilidade encerrando a mulher no espaço limitado da Igreja, dos filhos e da cozinha, oferece nas avenidas europeias as «sex shops» e os «porno shows» degradando o sexo com o pretexto de que está a liberalizá-lo.

A OPRESSÃO DA MULHER

Neste falso clima de liberdade, o corpo feminino é considerado como objecto que se utiliza em todos os jogos. Como foi possível chegar a uma tal situação? A sociedade começou por organizar-se hierarquicamente tendo por base a força física, o que levou a mulher a um papel reduzido devido à gravidez precedida de outra gravidez e à consequente necessidade de cuidar dos filhos. O domínio do macho originariamente estabelecido na

esfera militar estendeu-se a outras instituições sociais e políticas.

A mulher passou a ser considerada como um ser inferior, fraco, essencialmente auxiliar, apêndice do homem, objecto sexual, instrumento de reprodução. Tal como o seu desenvolvimento intelectual foi bloqueado o mesmo se passou com o desenvolvimento erótico. Na sociedade capitalista a sexualidade feminina é canalizada via de regra ou para a procriação ou para a prostituição.

Como salientou Engels, a primeira opressão de classe coincide com a opressão da mulher pelo homem. Este papel subalterno continuou na sociedade industrial através da dupla tarefa da mulher que a par do trabalho na fábrica ou na empresa tem que garantir as obrigações domésticas.

O capitalismo não pode resolver os problemas da opressão feminina porque esta constitui um dos seus pilares. A mulher é escravizada pela sociedade de consumo e por uma ideologia machista que a subordina ao homem. Nos países subdesenvolvidos a situação da mulher trabalhadora é trágica, não havendo praticamente possibilidades de resistir à dupla opressão. As próprias facilidades do progresso da técnica estão-lhe vedadas e pensar em electrodomésticos é um luxo a que essas mulheres nunca poderão ascender.

As chamadas qualidades femininas são mais um exemplo da maneira como se processa o agulhoar da mulher. De facto, o conceito de feminilidade como qualquer outro é produto

SAUDE

Administrações distritais criadas para a descentralização dos serviços

Dentro do princípio fundamental de que é o Estado o responsável pela satisfação das necessidades de saúde das populações e que é urgente reorganizar, a nível regional, os Serviços de Saúde para que todos, independentemente da situação profissional, da idade, das disponibilidades financeiras, ou do local onde residem, possam recorrer, sempre que o necessitem, a Serviços de Saúde que sejam rápidos, eficientes e humanos, acaba de ser promulgado um decreto-lei que cria administrações distritais dos serviços de saúde.

A formação destas administrações distritais vai, portanto, no sentido de uma descentralização e integração necessária e verificou-se que já existem nalguns distritos as condições capazes de permitir essa regionalização.

É de frisar que, para melhorar o nível de saúde das populações, importa dar especial relevo à medicina preventiva e é nesta política correcta que se enquadra o citado decreto-lei, pois os seus grandes objectivos são a promoção da saúde e a prevenção de doenças; diagnósticos e tratamento dos indivíduos doentes e reabilitação de diminuídos; ensino e formação de trabalhadores de saúde.

Nestas administrações distritais ficarão integrados os estabelecimentos e serviços de saúde oficiais do distrito com

todos os seus direitos e obrigações; eventualmente as instituições particulares também poderão vir a ser incluídas. Por outro lado, as administrações distritais gozam de autonomia administrativa e financeira e serão portanto capazes de fazer a integração das múltiplas entidades prestadoras de cuidados de saúde num sentido descentralizador, integrador e desburocratizante.

RESERVAS DE SANGUE INSUFICIENTES

Segundo o Instituto Nacional de Sangue, embora as disponibilidades de sangue nos hospitais tenham melhorado, é ainda notória a ineficiência de dados, o que mantém as reservas abaixo das necessidades.

Esta semana, foram efectuadas em Lisboa, Porto e Coimbra, 555, 88 e 122 transfusões, num total de 765.

O sangue entrado nas geladeiras (média diária), foi de 61,5 litros, cabendo a Lisboa, Porto e Coimbra, 76, 3,5 e 61 litros.

Reservas médicas diárias existentes: Lisboa, 76,5 litros; Porto, 33,5 litros, e Coimbra, 61 litros, o que totaliza 173 litros.

Número de operações adiadas e doentes cujo tratamento foi atrasado por falta de sangue, durante o mesmo período, Lisboa, 24 e Coimbra, 2.

CRESCIMENTO DA PORNOGRAFIA ALIENAÇÃO DO QUOTIDIANO

HELENA Balsa

da história e não detém qualquer valor «natural». Algumas das qualidades que, tradicionalmente, são atribuídas à mulher servem apenas para perpetuarem o seu papel subalterno, sendo pois necessário que todas as mulheres tomem consciência do facto e o denunciem em nome de uma identidade que lhes é própria e não imposta de acordo com interesses alheios.

REVOLUÇÃO NO QUOTIDIANO

A política tem de atender ao homem como um todo e por isso não pode alienar nenhum dos seus aspectos. É vital que o campo político abranja a totalidade do quotidiano para que sejam destruídos todos os vestígios da ideologia pequeno-burguesa que continua a ser salvaguardada no sistema social-democrata. Encarando a revolução numa perspectiva global é possível integrar o mundo das emoções e dos sentimentos de modo a conferir à secunda dos factos políticos um impulso irresistível.

Nesta perspectiva, o movimento revolucionário não pode continuar a cometer o erro de delegar a sexualidade para o domínio do acessório.

Cabe à vanguarda revolucionária denunciar todos os factores da alienação — e deste modo deve atender à totalidade do ser humano. Não foi por acaso que o fascismo defendeu tão acaloradamente a trilogia: Deus Pátria, Família.

Na «Psicologia de Massas do Fascismo», o pensador e homem de acção notável que foi Reich considera que «consciência sexual e a afectividade religiosa não podem coexistir. Sexualidade e afectividade religiosa são do ponto de vista energético uma única e mesma coisa, enquanto a primeira for reprimida e poder transformar-se em excitação fora do controlo da consciência».

Quanto à noção de pátria, o revolucionário alemão lembra na obra citada que «o pequeno-burguês reencontra-se a si próprio no chefe, no Estado autoritário e em virtude dessa identificação experimenta-se a si mesmo defensor do «povo» e da «nação», o que não o impede, sempre em virtude dessa identificação, de desprezar ao mesmo tempo a massa e de a ela se opor enquanto indivíduo».

Esta situação de miséria material e sexual de mentalidade pequeno-burguesa é aniquilada pela exaltação de fazer parte da «raça dos senhores» e pela perspectiva de ser conduzida por um génio que lhe fará esquecer a sua situação objectiva de completa decadência. Quando se pretende trair a revolução há sempre quem saiba tirar partido das características desta mentalidade para se armar em salvador da pátria.

Esta associação de factores económicos e ideológicos é cimentada pela noção de família que constitui principal lugar de reprodução do sistema capitalista, tomando-se num autêntico



A sociedade dividida em classes continua a perpetuar o mito da mulher objecto enquanto procede ao esmagamento das mulheres trabalhadoras sujeitas à dupla tarefa

co santuário da sua ideologia e estrutura.

Compreende-se assim que a defesa da família venha à cabeça da ideologia reaccionária.

NEGOCIAR COM A ALIENAÇÃO

Se a pornografia — qualquer que seja a forma sob que se apresenta — designadamente o cinema, é garantia de lucro, é necessário fazer um estudo sério sobre política sexual de modo a canalizar os interesses nela investidos numa perspectiva revolucionária. Sob pretexto nenhum a sexualidade pode

ser atirada para um plano subalterno que não merece a atenção dos revolucionários. Para exemplo todos sabemos quanto a reacção tem sido zelosa neste aspecto.

O capitalismo está interessado na pornografia porque ela é uma fonte de receita segura e permite um escape para a repressão sexual desencadeada por uma sociedade dividida em classes e de estrutura patriarcal. A sociedade de consumo controla os indivíduos, embutando-lhes a sensibilidade, bloqueando-lhes a efectividade, destruindo-lhes a noção de prazer para melhor os usar como máquinas num sistema de

produção que pouco tem a ver com as reais necessidades do homem.

Não há confusão possível entre pornografia e desenvolvimento do erotismo que é essencial à libertação do homem prisioneiro dos pregadores de aquém e além túmulo. Todos os mitos que aguilhoam o homem constituem campo de acção a ser tomado pela revolução cultural.

O capitalismo está interessado em enaltecer o papel da mulher como mãe confundindo sexualidade com maternidade para melhor escravizar a mulher em nome de um destino biológico. A reivindicação do

direito de dispor do seu próprio corpo é inalienável para a mulher. A proibição da contracepção e da prática do aborto em condições de assistência médica e ao alcance das classes trabalhadoras é contra-revolucionário.

AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES

Todas as épocas revolucionárias representam uma tomada de consciência por parte das mulheres dos seus direitos e portanto um fortalecimento da consciência feminista. Observamos tal processo durante a Revolução Francesa, na Comuna de Paris, na Revolução

Russa e sempre que se verificou uma transformação económica e social numa perspectiva revolucionária. Do mesmo modo, todo o processo que conhece um impasse caracterizado-se pelo aspecto secundário que a situação da mulher conhece. Quando as mulheres saem do processo revolucionário isso significa que a direita conquistou um campo fértil para as suas sementes.

Amarrada a uma posição subalterna na sociedade capitalista é necessário que a mulher se auto-organize para superar a presente situação que fortifica a relação opressor-oprimido. A mulher sofre a opressão da sociedade capitalista por um lado e a opressão da ideologia patriarcal que a subordina ao homem, neste sentido afirma-se que não há Socialismo sem libertação da mulher e sem Socialismo não é possível pensar numa libertação do segundo sexo.

Muitos revolucionários negam o carácter específico da luta das mulheres afirmando que a luta de classes é suficiente para libertar a mulher. A experiência mostra que não é possível deixar de ter presente esta especificidade da luta das mulheres sob pena de continuar a colaborar no processo da sua subalternização.

O que implica a auto-organização das mulheres? Enquanto cada mulher se sentir só e considerar as outras como uma ameaça à sua segurança não é possível alterar a actual situação. Para quebrar esta solidão que foi uma arma manejada pela opressão política e pelo machismo, é fundamental que as mulheres se reúnam entre si a fim de equacionarem os problemas que as oprimem enquanto mulheres e enquanto trabalhadoras.

Uma mulher que fala às suas companheiras em nome de uma luta que é necessário desenvolver tem, seguramente, uma capacidade de mobilização superior à de um homem isto pela simples razão de que a exploração de que ela é portadora foi sentida de igual modo por aquelas que a escutam.

Marcuse afirmou que o feminismo se explica pelo capitalismo em decadência. De facto, o imperialismo agudizou as contradições na relação homem-mulher a um ponto extremo, o que levou as mulheres em vários países, numa fase de capitalismo altamente desenvolvida, a organizarem-se entre si. Os «grupos de consciencialização» a que todos os movimentos feministas atribuem grande importância são um processo não só de autoconhecimento como caminham no sentido de assumirem a sua própria autonomia, que nada tem a ver com preconceitos abstratos, é a própria autonomia dos homens que está a ser desenvolvida porque é o aparecimento de uma nova sociedade em que a opressão entre os seres humanos seja abolida que em última análise se pretende construir com o incremento da autoorganização das mulheres.

Nacional

SEGUROS, LISTA A

SÓ A CLASSE OPERÁRIA É VERDADEIRAMENTE REVOLUCIONÁRIA

«Por um sindicato democrático ao serviço dos trabalhadores» é a sigla da lista A, concorrente às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul. Os candidatos deram ontem uma conferência de imprensa, na sede deste organismo, tendo exposto longamente a sua linha programática.

A lista A tem como principais objectivos de acção a «defesa dos interesses dos trabalhadores de seguros, articulando os processos específicos da sua luta com a luta geral do povo português, contra a exploração do homem pelo homem»; «reforço da unidade dos trabalhadores, na luta por objectivos concretos e na discussão ideológica»; «combate ao «dirigismo» e à «burocracia sindical»; reconhecimento das comissões de trabalhadores, «livremente eleitas e revogáveis em qualquer momento, como órgãos de vontade popular»; reconhecimento do «con-

trol operário, praticado, dinamizado e coordenado pelas comissões de trabalhadores, e no qual os mesmos se devem empenhar».

Segundo os candidatos (elementos declaradamente afectos à A.O.C., M.R.P.P., P.S. e U.D.P.), «os trabalhadores de seguros devem reconhecer a classe operária como única verdadeiramente revolucionária, capaz de dirigir todas as classes oprimidas e exploradas, no processo irreversível da emancipação total dos trabalhadores».

Entendem, também, que «as novas perspectivas de luta que se abriram com o 25 de Abril criaram condições para a formação de organizações autónomas de trabalhadores, elegíveis e revogáveis a qualquer momento. Estas organizações tiveram particular importância no processo de luta e emancipação dos trabalhadores em geral, opondo-se e ultrapassando as posições assumidas pelas direcções sindicais social-fascistas que, na sua maioria, tinham usurpado o poder no aparelho sindical».

Quanto ao controlo operário, definido como «a intervenção directa de todos os trabalhadores nos meandros da produção», «para ser levado à prática, implica uma ampla mobilização de todos os trabalhadores, que se devem consciencializar de que é um dos principais meios para a conquista do poder político».

No domínio da actividade seguradora, «impõe-se uma es-

treita ligação às Comissões de Trabalhadores das Companhias de Seguros com Comissões de Trabalhadores de Fábricas, camponeses pobres, assalariados rurais, de moradores e outros órgãos de vontade popular».

Durante o encontro com os jornalistas, os elementos da lista A defenderam a central sindical única como «a melhor forma de construir a unidade de todos os trabalhadores». Atacaram, no entanto, a Inter-sindical, «uma vez que ela se encontra a reboque ou enfeudada a um determinado partido político».

A lista A é constituída pelos seguintes candidatos — *Mesa da Assembleia Geral*: Mário Pereira Dionísio (Comércio e Indústria), António Carlos Vieira dos Santos (Bonança), Jorge Nuno Gomes Lopes Simões (O Alentejo), Manuel Marques Roque (Eurosia); *Direcção*: Amílcar Queirós Barros (Grupo Segurador M.S.A.), António Alexandre Rodrigues da Silva (Bonança), Armando Henrique Simões dos Santos (O Trabalho), Jaime Rosa Dias (Império - Sagres - Universal), Jorge Augusto Antunes Martins (Comércio e Indústria), José Simão de Oliveira (Tranquilidade), Maria Emília Simões Raposo Fonseca Mgra (Comércio e Indústria), Maria da Encarnação Graça de Freitas (O Trabalho), Nuno António Távora Vasconcelos Miranda (Bonança), e Nuno Fernando Marques Paiva de Almeida (firma Leonel de Andrade).

GRÁFICA 2000

TIPOGRAFIA OCUPADA VAI PASSAR A COOPERATIVA

Planeiam constituir-se em cooperativa os trabalhadores da Gráfica 2000 Lda., que no dia 1 ocuparam as instalações onde trabalham, na Cruz Quebrada, face ao «saneamento» que o patrão e agentes seus tentaram contra o único trabalhador sindicalizado.

A firma, empresa de artes gráficas de reduzidas dimensões, deverá ser gerida pelos ocupantes em regime de autogestão até à legalização da futura cooperativa de trabalhadores. Nesse sentido, continua a ser assegurado o movimento de encomendas necessário ao funcionamento da casa.

A ocupação das instalações seguiu-se a um acumular de provocações aos trabalhadores feitas pelo patrão, segundo apurou a nossa reportagem. A empresa labora há cerca de um ano e meio e ultimamente o patrão, António Alves Dias, considerando insuficientes lucros e encomendas, passou à produção em larga escala de pornografia que depois se compra em qualquer quiosque ou vendedor ambulante. As ameaças de desemprego já haviam começado em Julho, quando o patrão chamou os empregados no dia do pagamento, dizendo que não asse-

guraria os ordenados do mês seguinte. No dia 21 do mês passado, os trabalhadores vêm a saber que há planos para fechar a porta no fim de Agosto. No entanto, como o explica o único sindicalizado, o negócio não iria parar. Diz-nos Augusto Silva Pires, hoje um dos ocupantes: «A seguir ao dia 21 passado, eu e mais dois colegas fomos à direcção do Sindicato dos Gráficos do Sul. Mostrámos a situação da empresa, dissemos que não existia sequer um quadro do pessoal, que apenas um empregado tinha carteira profissional, que se pretendia fechar a empresa à nossa custa, e o sindicato dispôs-se a tomar providências no sentido de proceder a uma vistoria à Gráfica 2000. Dias depois, o administrador, após ter falado com o outro sócio, falou-me: que estava na disposição de seguir a uma frente com isto se eu o ajudasse, que o sócio dava baixa da firma e ele comprava as instalações com a maquinaria e ficava a trabalhar ali comigo, com o filho e a namorada do filho, que também cá trabalhavam. O resto do pessoal era despedido».

A ocupação da Gráfica veio clarificar várias questões latentes no seio dos empregados, como seja a questão de saber quem

se encontrava com o patrão e dava cobertura às suas intenções, como se depreende das palavras atrás ditas. Para os trabalhadores, os seus inimigos são também, além do administrador, o filho deste e a sua noiva, ambos ali empregados, mas em regime de privilégio (gozando férias com menos de um ano de casa, etc.), uma sobrinha do mesmo patrão e uma empregada que, no entanto, estava a receber do Fundo de Desemprego.

Até agora, os contactos continuam entre os ocupantes e o sindicato, tendo já a questão sido posta ao Ministério do Trabalho.

Agora que o conflito chegou a esta fase, os trabalhadores não estão dispostos a perder. E perder agora seria perder tudo. «Certos de que, no processo revolucionário em curso no nosso País, toda a classe operária e camponesa se deve aliar contra as manobras repugnantes do patronato; certos ainda que só na unidade revolucionária dos trabalhadores construiremos o Socialismo, estamos decididos a tomar posição activa nesta empresa até ao fim» — dizem no seu último comunicado, os trabalhadores da Gráfica 2000.

Jesuino

exonera adjunto

Por despacho ministerial, Correia Jesuino, ministro da Comunicação Social e de quem tem dado como certa a sua saída do elenco governamental, exonou o cargo de adjunto do seu Gabinete, o major Manuel Pedroso Alves Marques.

RETORNADOS DE ANGOLA DESOCUPARAM O BANCO...

Comissão Nacional de Fraternidade Ultramarina será o nome, de harmonia com a decisão de muitos dos retornados que ontem se reuniram em plenário de comissões no Casa Pia Atlético Clube, de um centro de apoio que congregará todas as comissões já existentes, visando desburocratizar a actuação e actuar com outra imediata face aos problemas que se põem aos desalojados de Angola e outros territórios ultramarinos.

Num projecto de estatutos que ontem começou a ser apreciado, discutido mas não votado, prevê-se que a Comissão Central seja constituída por 11 sectores: recepção, angariação de fundos, assistência médica, distribuição de fundos, contactos, comunicação social, comissões distritais e centros de dinamização, em que participam delegados e representantes das comissões de Viseu INATEL (Costa de Caparica) e P. A. R. N., além de um representante do A. C. M. que tem o apoio da ONU. Enquanto isto, a secretaria da Câmara Municipal de Coimbra colocava ao dispor de todos os retornados fichas de inquérito para efeitos de assistência médica e medicamentosa, abono de família, subsídio de desemprego e outras regalias, sociais na sequência de resoluções tomadas em reunião, na passada semana, do Conselho de Ministros.

Ainda ontem, em Belém, o Presidente da República, acompanhado do novo Primeiro-Ministro, vice-almirante Pinheiro de Azevedo, analisou durante duas horas questões

que se prendem com os retornados, tendo para o efeito, auscultado dirigentes e deputados do P. P. D.

DESOCUPAÇÃO ÀS 19 HORAS

Ao fim da tarde de ontem e ao contrário do que pela manhã corria nos corredores do Banco de Angola, onde muitos dos retornados se encontravam depois de uma preocupação inesperada que ofendeu o acordo estabelecido na madrugada do dia anterior perante o major Rodrigues da Silva, da Divisão de Trânsito da P. S. P. de Lisboa e oficial com larga aceitação entre os desalojados porquanto cumpriu a sua última comissão de serviço, há meses, naquele território os ocupantes daquele estabelecimento, que sempre tiveram o apoio dos trabalhadores da instituição da Rua da Prata, Rua do Comércio, abandonaram as suas instalações, não sem que, antes, a decisão tivesse sido amplamente discutida em espécie de plenário e muitas fossem as vozes discordantes, as mais ridentes das quais pretendiam que a intervenção das forças mistas da G. N. R. - P. S. P. se fizesse pela violência. Tal não veio a acontecer e a missão desenvolvida pelos maiores Rodrigues da Silva e Maia Correia, da mesma cooperação levou a bom termo o seu papel, de nada servindo, ainda, o empenho de alguns dos funcionários daquele banco, de pretensa matiz esquerdista e afectos a determinado parrtrido que apoiou a lista vencedora nas eleições sindicais de há dias, que preconiza-

va uma resistência acesa até às últimas consequências.

No exterior eram, também, muitos os retornados que gritavam para que as instalações não fossem «cedidas», mas, finalmente, por volta das 19 horas, o local conheceria os primeiros momentos de calma que não impediram que à noite e esta madrugada muitas das pessoas que ali se dirigiram para apreciar «in loco» o «espectáculo» comentassem os acontecimentos, dando ensejo a mais umas tantas trocas de murros.

COLABORAÇÃO DO GOVERNO DO RFA

Dentro dos encontros e decisões governamentais tendentes a «desanuiar» todo este intrincado problema, refira-se ainda, que ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Ruivo, recebeu em audiência o encarregado dos Negócios da República Federal Alemã, que lhe transmitiu a decisão do seu dGoverno de prestij ao Governo português auxílio concreto no transporte de refugiados de Angola. Através do financiamento e fornecimento de meios necessários ao transporte de cinco mil refugiados de Luanda para Lisboa.

Além deste auxílio concreto, oferecido pelo Governo da RFA, foram também analisadas outras possíveis formas de apoio às operações de transporte e assistência aos retornados de Angola.

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

Timor

ULTIMATO DE PORTUGAL

MACAU, 4 (FP) — Lisboa deu vinte e quatro horas às duas partes em luta em Timor, para que cessem as hostilidades, indica um comunicado oficial português difundido em Macau.

O Governo de Lisboa pediu à «União Democrática de Timor» (U.D.T.) e à «Frente Revolucionária Democrática para a Independência de Timor» (Freti-

lin) que se sentem à mesma mesa para discutir a paz. Caso contrário, prossegue o comunicado oficial, a delegação portuguesa deverá pensar noutras soluções a respeito de Timor».

O comunicado, que é proveniente de Atauro mas foi difundido em Macau, não dá qualquer precisão quanto às soluções preconizadas. Indica, porém, que os combates prati-

camente terminaram em Dili, havendo em contrapartida outros em diversos pontos da ilha. Uma coluna da «Fretilin» foi nomeadamente avistada dirigindo-se para Manatuto, segunda cidade de Timor, a cinquenta quilómetros a Leste de Timor.

A concluir, o comunicado diz que as autoridades de Timor convidaram as duas partes para libertarem os soldados e os civis portugueses que foram feitos prisioneiros, precisando que «os soldados portugueses nunca intervieram na guerra civil de Timor».

INDEPENDÊNCIA PARA 11 DE NOVEMBRO

«Desta minha missão considero prioritárias duas tarefas: estabelecer um clima de paz em Angola que permita a reabilitação da sua economia com uma transferência digna de poderes em 11 de Novembro e o regresso aos seus lugares de trabalho dos que presentemente se encontram desalojados; a segunda tarefa será evacuar todos os que mesmo assim não desejam ficar em Angola mas pretendem regressar às suas regiões de origem», afirmou o

novo Alto-Comissário de Angola, almirante Leonel Cardoso à sua partida esta madrugada para Luanda.

O novo responsável do território referiu ainda que o atraso na sua partida para Angola se deveu essencialmente à procura de soluções para o problema dos desalojados e ao incidente verificado com uma companhia da Polícia Militar, que se recusara a embarcar para Luanda.

O MAIOR ATUM DO MUNDO

Foi ontem à tarde, seriam umas 15 horas: a 6 milhas do Cabo Girão, sensivelmente em frente das Ilhas de Câmara de Lobos, o cineasta Helder Mendes recolhia imagens para um filme destinado à propaganda da pesca em águas madeirenses. No barco da Delegação de Turismo, Virgílio Quintal era a «vedeta» do comentário. De repente, um esticão mais forte na linha, fez adivinhar peixe gordo: e ao fim de 1 hora e 15 minutos, um enorme atum saltou para dentro da embarcação.

O próprio Virgílio Quintal, contactado esta manhã pela nossa Redacção conta como foi: «Quando vimos o peixe, pensamos logo que era assunto para notícia. Fomos pesá-lo e logo se verificou que tinha sido batido o «record» do mundo nesta categoria de pesca. O antigo pertencia ao dr. Arsénio Cordeiro que há tempos havia pescado um atum com cerca de 130 quilos».

Virgílio Quintal, natural do Funchal, 35 anos, seis dos quais ao serviço da Delegação de Turismo da Madeira: «Para que conste aqui ficam as condições em que pesquei o atum de 164 quilos: com cana e carreto, linha de 130 libras».

NA LOTARIA DAS VINDIMAS

A TALUDA

34.168 — 5.000 CONTOS

FOI VENDIDA PELA POPULAR CASA

CAMPIÃO

(HÁ 135 ANOS AO SERVIÇO DA LOTARIA NACIONAL)

Estrangeiro

TENTATIVA DE GOLPE
ESMAGADA NO SUDÃO

CARTUM, 5 — (R) — O Governador do Sudão, presidido por Jaafar El Nimeiry, esmagou esta madrugada uma tentativa de golpe de Estado — anunciou na Rádio Omdurman um dos seus ministros.

A conspiração foi chefiada

por um pequeno grupo de oficiais e soldados que se apoderaram da Rádio Omdurman, mas o Governo retomou o controlo da situação duas horas mais tarde — declarou o ministro da Agricultura, major Abu El Gassim Mohamed Ibrahim,

num comunicado lido aos microfones da emissora em nome do presidente Nimeiry. O major exerce igualmente o cargo de secretário-geral adjunto do Partido no Governo, a União Socialista Sudanesa (U.S.S.).

Antes da leitura do comunicado, a Rádio Omdurman tinha vindo a difundir música marcial, evidentemente por ordem dos conspiradores que a ocuparam efemeramente.

Segundo notícia a agência egípcia Mena, os revoltosos conseguiram transmitir durante a ocupação um comunicado, lido pelo tenente-coronel Hassan Hussein Osman, declarando que o Governo tinha sido dissolvido e acusando os oportunistas de «sufocarem os que lutam contra o imperialismo». A emissão registou-se às 5 e 47 T.M.G. O comunicado governamental anunciando o esmagamento do golpe seguiu-se duas horas e um quarto depois.

A Rádio Omdurman noticiou posteriormente que o presidente Nimeiry falaria em breve à nação.

O presidente-soldado, de 46 anos, que subiu ao poder em Maio de 1969, sobreviveu a uma tentativa anterior de golpe de Estado em Julho de 1971, na sequência do qual foram executadas catorze pessoas, entre elas vários dirigentes comunistas, e presas três mil.

Outra conjura para o depor foi noticiada em princípios de 1973, quando foram detidos vários oficiais.

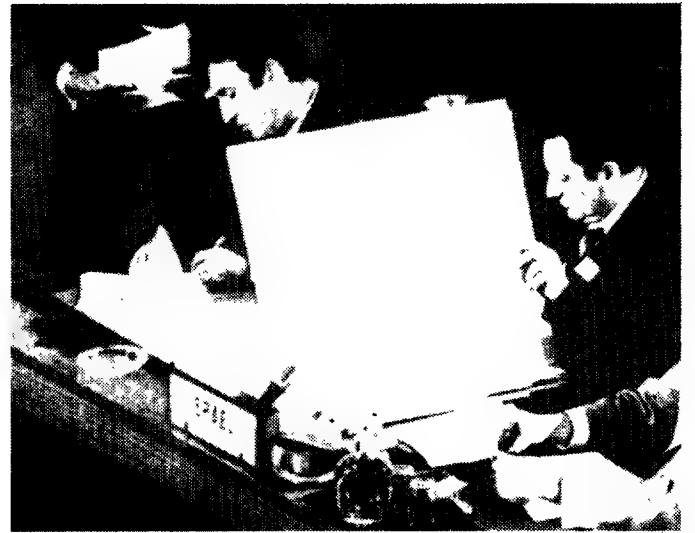
Em Setembro de 1973, foi proclamado o estado de emergência durante duas semanas em todo o país, em consequência da degeneração da

agitação na Universidade de Cartum em manifestações de rua em que duas pessoas foram mortas.

Houve também uma ameaça de greve do poderoso Sindicato dos Ferrovieiros, se o Governo não libertasse alguns presos políticos.

Em superfície, o Sudão é um dos maiores países da África. Cobre uma superfície de 2 600 000 quilómetros quadrados e tem uma população de 15 milhões.

No golpe de Estado sem derramamento de sangue que chefiou em 1969, o general Nimeiry, secundado por um grupo de oficiais de esquerda, derrubou o Governo civil no poder.



Os representantes de Israel assinaram ontem em Genebra o acordo provisório com o Egipto, segundo o qual as forças judaicas vão efectuar nova retirada na península do Sinai, ocupada desde a guerra dos seis dias, em 1967. A União Soviética boicotou a cerimónia de Genebra, mas os E.U.A. também não estiveram presentes. (Telefoto UPI-Telimprensa)

ESPAÑA:

36 PRISÕES EM MENOS
DE UM MÊS

MADRID, 5 — (F.P.) — Eleva-se a trinta e seis o número de detidos pela Polícia espanhola desde 14 de Julho, data em que foi assassinado um membro da Polícia, segundo ontem revelou um comunicado oficial.

Os 36 presos encontram-se sob suspeita de pertencerem à Frente Revolucionária Antifascista e Patriótica (F.R.A.P.), que reivindicou o atentado daquela data bem como o que vitimou um tenente da guarda-civil, dois dias depois.

GREVE TERMINADA

BILBAU, 5 — (F.P.) — Após oito dias de greve na região Basca, as organizações políticas clandestinas distribuíram ontem um comunicado, na Biscaia e em Guipuzcoa, aconselhando os operários a voltarem ao trabalho.

Contudo, cinco mil grevistas prosseguiram a paralisação na província de Guipuzcoa, enquanto 1600 empregados de várias empresas da Biscaia se manifestaram ontem contra as decisões tomadas pelas organizações clandestinas.

FERIDOS QUATRO
POLÍCIAS

SEVILHA, 5 — (F.P.) — Ao proceder à detenção dum homem foram feridos quatro polícias, um deles gravemente, à facada e à pedrada, na quinta-feira em Sevilha.

Alfonso Franco Ramirez, armado com uma faca, enfrentou os polícias que se viram obrigados a fazer uso das suas armas para o dominar. Atingido com três balas, Rodriguez foi hospitalizado.

PROTESTOS CONTRA
A SENTENÇA DE BURGOS

PARIS, 5 — (F.P.) — O presidente do Parlamento Europeu, Georges Spenale, dirigiu na quinta-feira ao embaixador de Espanha junto das Comunidades Europeias em Bruxelas um telegrama em que lhe pede o indulto dos militantes bascos Garmendia e Otaegui, condenados à morte em Burgos, segundo anunciou o Gabinete de Imprensa do Parlamento Europeu.

Entretanto, em Zurique, na Suíça, cerca de 500 pessoas manifestaram-se ontem à tarde defronte do Consulado de Espanha para protestar contra a condenação à morte dos dois nacionalistas bascos Garmendia e Otaegui.

A manifestação organizada por movimentos suíços de esquerda, terminou sem incidentes.

A C.G.T. CONTRA O PLANO
DO PRESIDENTE GISCARD

PARIS, 5 — (ANI/FP) — Georges Seguy, secretário-geral da C.G.T., reafirmou na quinta-feira a oposição categórica do seu sindicato àqueles a quem chamou «os demolidores da economia instalados no poder», no próprio dia em que o presidente Giscard d'Estaing anunciou aos franceses o teor do plano de reincremento governamental da economia.

O secretário-geral da C.G.T., que pronunciava na presença dos militantes reunidos na região parisiense, o seu tradicional discurso de «reabertura», fez um apelo a todos os filiados no sindicato para que fa-

çam do mês de Setembro «um mês de acção reivindicativa».

Seguy disse que «a política de Giscard d'Estaing e dos seus amigos «foi sempre maduramente pensada e inteiramente conhecida para responder às necessidades de uma pequena minoria de grandes privilegiados». Seguy considerou em seguida que o poder de compra dos franceses baixou, assim como o consumo. O desemprego, disse, aumentou 95 por cento, desde que Giscard d'Estaing está no poder, afectando agora mais 1 190 000 pessoas.

Finalmente, o dirigente da

C.G.T. pediu novamente a demissão de Michel Poniatowski, ministro do Interior, que acusa de tomar medidas repressivas contra o Partido Comunista Francês. «Pode suceder — acrescentou — que o conjunto das organizações democráticas sejam chamadas a unir as suas forças para barrar a escalada da violência e da repressão a que se entrega perigosamente o Poder».

O PLANO DE GISCARD

«Estamos a caminhar através do mais grave choque da economia mundial desde há 45 anos» — declarou Giscard ao anunciar o seu plano económico pela TV.

«O desemprego tornou-se preocupante. Temos de criar postos de trabalho. Por outras palavras: temos de estimular a actividade económica de tal maneira que os negócios comecem de novo a prosperar» — acrescentou.

Dos 30 600 milhões de francos do programa, 21 000 milhões vão para créditos do Estado e 9600 milhões para mortuários fiscais.

O plano divide-se em quatro partes: apoio ao consumo (1600 milhões de francos), desenvolvimento de compras e pedidos do Estado (13 100 milhões de francos), ajuda fiscal aos investimentos produtivos (2800 milhões de francos) e alívio das finanças no sector privado, por concessão de prazos para o pagamento de impostos (9600 milhões de francos).

bes que reprovaram o acordo egípto-israelita. Parecia, porém, mais magoado do que indignado.

As estocadas de Sadat contra União Soviética foram causadas pela recusa de Moscovo em assistir ontem à assinatura do tratado em Genebra e pela mensagem enviada pelo Governo de Moscovo à Síria.

«Considero o que a União Soviética fez uma instigação aberta e uma tentativa para fragmentar as fileiras do mundo árabe» — declarou.

Nunca o presidente Sadat fora tão corrosivo nas suas críticas à URSS, outrora o principal apoio do Egipto no conflito com Israel.

Há meses que o dirigente egípcio se queixa da recusa da União Soviética em fornecer mais armas ao seu país e de lhe dar mais tempo para pagar as suas dívidas.

Revelou ontem à noite que a URSS também se negara a fornecer ao Egipto um sistema electrónico de ponto alarme menos sofisticado do que o que os Estados Unidos concordaram agora em vender-lhe.

O jornal cairota oficioso «Al-Ahram» sugerira anteriormente que Moscovo preferiria que o Egipto fosse para a guerra em vez de tentar obter a paz pela negociação.

Referindo-se às dissensões no mundo árabe, Sadat salientou que «o que está a acontecer é uma tragédia» e acrescentou: «Isso é o que Israel quer, dividir os árabes — e nós oferecemos-lhe isso numa bandeja».

Numa referência óbvia, à Síria, queixou-se de que o acordo israelo-egípcio tinha sido criticado mesmo antes que ele o explicasse no seu discurso de ontem à noite, transmitido em directo pela Televisão egípcia.

«Estou triste e magoado com o que está a acontecer na Síria. Somos camaradas de armas. O que estão a fazer fere-me e entristece-me profundamente» — frisou.

A sua veemente crítica da União Soviética irá certamente alargar o fosso entre o Cairo e Moscovo, que se tem mostrado hostil à adesão do Egipto à diplomacia dos «pequenos passos», adoptada pelos Estados Unidos no Médio Oriente.

A contrastar, Sadat só teve palavras de louvor para o presidente americano Gerald Ford que, segundo afirmou, «manteve a palavra que nos deu e exerceu os máximos esforços para alcançar um acordo, apesar das difíceis circunstâncias

na sua frente interna».

MANOBRAS SÍRIAS

DAMASCO, 5 — (ANI) — Para-quedistas sírios efectuaram ontem exercícios de ataque usando fogos reais — anunciou a Rádio de Damasco.

Os exercícios incluíram um assalto simulado por tropas para-quedistas a forças inimigas (israelitas), «situadas na frente do Golã».

Foguetões e artilharia foram incluídos nos exercícios. A rádio não informou onde decorreram as manobras.

Novas
críticas
à censura
brasileira

RIO DE JANEIRO, 5 — (A.N.I.) — Novas críticas à censura foram feitas na Câmara dos Deputados, em Brasília, comentando a recente decisão do Supremo Tribunal Federal de não conceder mandatos de segurança e Editora «Paz e Terra» contra a censura imposta à revista «Argumento», de sua propriedade, por superintendência da Polícia Federal, o deputado Freitas Nobre (M.D.B.) afirmou ontem que a notícia surpreendeu a todos e criou para os que trabalham em Rádio, jornal, Televisão e agências noticiosas uma perspectiva muito difícil para o exercício da actividade.

Recorde-se que os exemplares o número 4 da revista foram apreendidos quando já estavam em mãos da empresa distribuidora, causando grandes prejuízos à «Paz e Terra». No indeferimento do mandato de segurança, pela primeira vez o mais alto tribunal do país se pronunciou sobre o aspecto constitucional da censura prévia, justificando-a com um item da legislação de excepção que admite a censura prévia em caso de estado de sítio, o que levou o «Jornal do Brasil» a noticiar que, segundo o S.T.F., o país vive em estado de sítio.

Caleidoscópico

RAPTADA
ABATIDA

COMO, 5 (FP) — Vinte e cinco mil pessoas assistiram na quinta-feira em Como, na Itália do Norte, ao funeral de Cristina Mazzotti, a estudante de 18 anos raptada no começo de Julho e depois assassinada pelos seus raptadores, embora a família tivesse pago elevado resgate — cerca de 42 000 contos.

O bispo auxiliar de Milão leu um telegrama de Paulo VI dirigido aos pais da vítima, em que exprime o seu «horror por este crime».

Já foram presas nove pessoas em relação com este caso que abala a Itália e aguardam-se mais duas pronúncias. Os investigadores pensam que podem encontrar-se outros cor-

pos de vítimas de raptos perto do local onde foi descoberto o de Cristina Mazzotti.

Ao todo, continuam em poder dos raptadores 14 pessoas e a Polícia pensa que várias terão sido abatidas.

CANDIDATURA
DE ECHEVERRIA

SAN JOSÉ DA COSTA RICA, 5 (FP) — A Costa Rica decidiu propor a candidatura de Luís Echeverria, presidente do México, ao cargo de secretário-geral das Nações Unidas, anunciou ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros da Costa Rica, Gonzalo Facio.

Falando numa conferência de Imprensa, Facio afirmou que o presidente da República mexicana «tinha grandes possibilidades» de ser eleito no

próximo ano, terminado o seu mandato à magistratura suprema mexicana.

PROPOSTA
PARA NOBEL

ESTOCOLMO, 5 (FP) — A madre Teresa, religiosa de origem albanesa que trabalha entre os pobres de Calcutá, foi proposta como candidata ao Prémio Nobel da Paz 1975 por diversas individualidades entre as quais se contam o senador americano Edward Kennedy, a economista Barbara Ward e alguns estadistas, revelou hoje o jornal «Dagens Nyheter».

A madre Teresa, que conta 65 anos, chegou em 1928 à Índia e ali tem permanecido numa entrega total à obra de protecção aos pobres.

Espectáculos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

JOHN E MARY
TÍTULO ORIGINAL: «John and Mary»
REALIZAÇÃO: Peter Yates, 1969 (E.U.A.)
ARGUMENTO: John Mortimer; segundo romance de Melvyn Jones;
Fotografia (panavision) e «technicolor»; gaine Rescher;
Música: Quincy Jones;
Intérpretes: Dustin Hoffman, Mia Farrow, Michel Tolan, Sunny Griffin, Stanley Beck, etc..
Distribuição: Filmes Castello Lopes;
Estreia (cópia nova): Cinema Londres.

Numa metrópole americana — «John e Mary», John é desenhador de móveis; Mary é empregada num antiquário. Encontram-se numa noite de sexta-feira numa cervejaria. Numa sociedade de abundância, duas pessoas encontram-se. Um fim-de-semana a descobrir, duas pessoas para percorrer. Após um encontro fortuito e uma noite de amor, John e Mary, frente a frente, interrogam-se. Enfrentam-se. Cada um deles desconfia. Cada frase é mentalmente pensada. Pesa. Peças de um jogo que é necessário cumprir. No jogo, ganha-se e perde-se. Assim são John e Mary, jogando-se. Uma frase a mais, uma palavra que se pensa alto. Ao sabor de tudo isto vão surgindo os altos e baixos de uma relação que progride. E progressivamente a mentira vai cedendo o lugar à sinceridade. Lentamente John e Mary desvendam-se. No jogo do amor, cada verdade conta o dobrar. Entre um quarto e uma cozinha, num apartamento de uma grande metrópole, na sociedade da abundância — John e Mary: um homem e uma mulher. Falando de amor ou de comidas, recordando o passado ou prevendo a *deixa* do adversário. Delicadamente, em silêncio, o jogo progride. Na intimidade de dois seres que recusam a solidão e não podem, não sabem, já esqueceram como conquistar o fraternal abraço. «John and Mary» é só isto. Um retrato. Vago. Impreciso. Um olhar sereno sobre o amor possível que se descobre e renova numa grande metrópole americana.

Peter Yates, inglês de nascimento, celebrou-se com «Bul-

O REGRESSO DE "JOHN E MARY"

lit», estranho mosaico da violência U.S.A. O que «Bullit» tinha de construído, cerebralizado, possui «John and Mary» de sereno, de discreto, de linear. O que «Bullit» continha de explosivo, desgastante, negro, tem «John and Mary» de emocional, secreto, *placido*. Peter Yates prossegue a sua carreira sem desenhos um estilo próprio. Os estúdios americanos abriram-lhe já as portas de par em par e oferecem-lhe tentadoras promessas. Bom técnico, Yates faz de «John and Mary» uma obra impecável. Agora o tema é amor, e Yates sabe encontrar o tom justo: uma intimidade imprescindível, uma clareza necessária. Tecnicamente «John and Mary» não abre brecha por onde penetrar. Falta-lhe, porém, o fôlego da inspiração que um Truffaut consegue, mesmo na mais banal das aventuras sentimentais. Yates fica-se pela segurança do *savoir faire*. Um cinema académico de construção, aqui e ali com uma veleidadezinha de modernidade que, em certa medida, coarctas as possibilidades de compreender a obra como uma homenagem ao que de melhor o cinema americano possuiu na sua história. O modernismo impõe, todavia, as suas leis e por isso a película aparece comarimentada, utilizando vários *flashbacks*, que nem sempre se justificam. Esta é a forma de Yates cativar o espectador desprevenido, atirando-lhe à

carra com a areia do *dernier cri*. Uma modernidade exterior às próprias necessidades do argumento. Uma modernidade inconsciente. Este o principal senão de «John and Mary».

De resto louve-se o trabalho de Dustin Hoffman e de Mia Farrow. Ambos se defrontam com admirável contensão e uma frágil delicadeza que definem dois bons intérpretes.

A ESCOLHA DA SEMANA

Em «écrans» de Lisboa, presentemente, a não perder:

— *A falta Quente* («The Sugarland Express»), de Steven Spielberg (E.U.A. 1973), no Caledoscópio;

— *O Cio* («Heat») de Paul Morrissey (E. U. A. 1971), no Satélite;

— *Balbúrdia no Oeste* («Blazing Saddler»), de Mel Brooks (E.U.A. 1973), no Estúdio Apolo 70;

— *Contos Imorais* («Contes Immorales»), de Walerian Borowczyk (França, 1973), no Castil e Estúdio 444;

— *Os Contos de Canterbury* («Canterbury's Tales»), de Pier Paolo Pasolini (Itália, 1971), no S. Jorge;

— *Os Canibais* («I Canibali»), de Liliana Cavani (Itália, 1972), no Estúdio;

— *Acidente* («Accident»), de Joseph Losey (Inglaterra), no Cinebolso;

— *Rutch Cassidy e o Kid* («Dois Homens e um Destino»), de George Roy Hill (E. U. A. 1968), no Condes.



Pelo Mundo

GREVE

Artistas da Ópera Metropolitana de Nova York estiveram em greve, não actuando durante todo o primeiro dia da sua segunda paralisação em seis anos.

No entanto, uma informadora do teatro disse que a noite de estreia da ópera, marcada para 13 de Outubro não seria adiada.

A causa principal da greve

é a extensão da época da ópera que tem agora 27 semanas. A sua duração obrigaria os artistas a trabalharem cerca de 47 semanas.

A greve anterior na Ópera Metropolitana adiou por três meses a inauguração da época operática em 1969/70.

FESTIVAL

Sob a presidência do realizador francês Henri-Georges Clouzot, foi constituído o júri do Festival Internacional de Cinema de San Sebastian, que terá lugar nesta cidade de 13 a 24 do mês em curso.

O júri desta 31.ª edição do certame é formado por Betty Boz (Grã-Bretanha, produtora), Charlotte Ker (República Federal Alemã, actriz e guionista), Miklos Jancsó (Hungria, director), António Isasi Isasmén Dia (Espanha, director), Robert Ardrey (Estados Unidos, escritor e guionista), Ignacio Lopez Tarso (México, actor), José Lopez Clemente (Espanha, crítico, escritor e realizador de documentários) e Cláudio Bertieri (Itália, escritor e crítico).

MORTE

O conhecido compositor mexicano Alberto Dominguez, autor de canções de ressonância internacional como «Perfidia» e «Donde Estas», morreu num hospital da Cidade do México.

Dominguez, que contava 63 anos, foi vítima de um ataque cardíaco.

"O MENSAGEIRO DE ALÁ"



Deverá surgir brevemente no circuito comercial do nosso País o filme intitulado «Maomé, o Mensageiro de Alá», realizado e produzido por Moustapha Akkad. Dessa película, interpretada por Anthony Quinn, Irene Papas, Michael Ansara, Johnny Sekka e Michael Forest apresentamos três imagens de qualidade

O Centro Hospitalar de Coimbra

aceita inscrições para os lugares de Especialistas contratados de OTORRINOLARINGOLOGIA e de HEMOTERAPIA.

Os interessados que deverão ter como habilitações mínimas os respectivos internatos de especialidades poderão requerê-lo, dirigindo-se à Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra — Rua do Cabido, 5-2.º, em Coimbra, até ao próximo dia 12 do corrente.

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — Lisboa

Geral



ENTRETANTO...

O País continua a discutir a enredar-se no cordel da política e na política de cordel, opiniões para a esquerda, opiniões para a direita, eu sou mais revolucionário que tu, não sei que socialismo e sociedade sem classes, mais isto e mais aquilo, e mais o longo comunicado do general Fabião que não entendi muito bem, a culpa é minha, eu próprio entretido com este brinquedo desorientado que é a Televisão portuguesa e enquanto isso acontece, nas calmas, o V Governo trabalha. Serenamente, na paz dos justos, reunido à volta de Vasco Gonçalves, o V Governo trabalha. O V Governo mantém-se firme enquanto outros fazem seus joguinhos. O V Governo é uma ilha de responsa-

bilidade rodeado de paleio por todos os lados. Chega a ser cómico estar o locutor a relatar isto mais aquilo que alguns fazem e de repente acrescentar: *Entretanto*, o Conselho de Ministros esteve reunido em sessão de trabalho das tantas às tantas... Há palavras portuguesas que, às vezes, valem ouro. Aquele *entretanto*, por exemplo.

A propósito de ouro, *Panorama* veio falar-nos da *História do Ouro e das Notas*. Matéria vasta, complexa que o economista Rodrigo Montezuma se esforçou por trocar em miúdos. Nem sempre, diga-se, tarefa coroadada de êxito porque: é defeito comum aos especialistas falarem com a maior naturalidade das questões do seu

ofício, sem atender ao público a que se dirigem. Não se dão conta que haja uns milhõezitos de mortais a leste da contabilidade, das reservas, dos saldos negativos, da circulação fiduciária. Os amigos que vêm à Televisão devem falar como se estivessem na taberna, da aldeia onde, no meio de tantas nódoas da vinhaça, o televisor é outra nódoa que quase não se nota.

Foi pena, por exemplo, que Rodrigo Montezuma não desenvolvesse mais amplamente e mais de...va...ga...ri...nho a importância de uma boa reserva de ouro. Foi pena que não explicasse tintim por tintim aquela história que fundamenta a suspeita da intervenção dos serviços secretos america-

nos no levantamento esquerdista do Maio 68. Suspeita, aliás, confirmada pela cmfissão de um dirigente estudantil de que na realidade houvera tentativa de interferência dos S. S. americanos, que ele reperi-lira. Fizeste bem, rapaz.

Quanto ao mais, calma. Bretton Woods, com a proporcionalidade de câmbio fixada, relativamente ao ouro e ao dólar, pode não ser hoje mais do que um papel sem grande valor. Mas nada de ilusões: o dólar ainda é tão bonito, tão bonito o maganão...

...E lá se foi o *Crime e Castigo*, à velocidade de três emissões. Ter-se-ão dado os espectadores conta de que se encontraram, durante três semanas, face a uma grande obra literária? A uma obra prima, rica de várias maneiras? Hum...

Para a grande maioria dos telespectadores terá sido mais uma história. Mais um serão. Um passatempo, para milhões de pessoas. Entretanto, o Conselho de Ministros está reunido desde as tantas. A trabalhar no duro. A dotar o país de leis revolucionárias que passam, hoje, pela consolidação das conquistas da Revolução. Diz-se, por exemplo, que na agenda do Gabinete de Vasco Gonçalves está a criação de empresas públicas de comércio externo.

Quanto a mim, que já tenho a minha dose de raios gama, podia ir deitar-me. Não. Fico a beber o cálice até à última gota: *O Telegiornal*. O Telegiornal que nos dá imagens da manifestação organizada por 24 indivíduos, apoiados pelo C. D. S., P. P. D. e P. S., contra cerca de 1 500 trabalhadores do «Diário de Notícias», trabalhadores que nós ouvimos, em som directo (ainda há quem fale das dificuldades técnicas da RTP...) a ser insultados pela pequena multidão amorosamente amparada pelas câmaras da Televisão.

A Televisão trabalhou depressa, caramba, no seu afã de não faltar à reportagem. Como diria, em tais casos, Sancho Pança: Vai depressa, quem vai por amor.

"SPÍNOLA PREPARA EXÉRCITO INVASOR"

— afirma, no Brasil, o "Última Hora"

(ANI, FP, UPI, «DL») — O ex-general do monóculo, que viajou de óculos escuros para Paris e se inscreveu no Hotel Sheraton sob o nome de António Ribeiro, escritor, terá ido a Paris para tratar de assuntos relacionados com a tentativa de «libertar Portugal do comunismo», afirmou a estação de rádio «Europa 1».

Segundo a mesma fonte, o ex-general prepararia, para tal, pequenas «brigadas internacionais» e não aguardaria mais de três semanas para passar à acção, contando com o apoio de grandes famílias portuguesas e alguns retornados de Angola e Moçambique.

Ontem, 50 jovens parisienses invadiram o «hall» do hotel onde Spínola se hospedava, gritando palavras de ordem e exigindo letreiros onde se lia: «Spínola-fascistas: o mesmo combate», «Spínola-fascistas: tirem as patas de Portugal» e, ainda: «Spínola: o teu lugar é fora de Portugal».

Na mesma linha estavam cerca de duas centenas de manifestantes membros da secção do Val de Marne (região de Paris) do Partido Comunista Francês. Em Orly, no aeroporto, estes manifestantes repudiaram a presença de António de Spínola em França.

SPÍNOLA NA IMPRENSA BRASILEIRA

A Imprensa brasileira refere-se com destaque à viagem António Ribeiro de Spínola, ex-general do Exército Português, à Europa. Assim, o «Última Hora» afirma, na sua primeira página: «Spínola prepara Exército Invasor».

O «Tribuna de Imprensa», por seu turno, informa que «Spínola forma brigada contra Vasco em Paris».

O «Jornal do Brasil», então, não está com meias medidas e afirma: «Spínola Arma em Paris a Invasão de Portugal»...

«L'HUMANITÉ» ACUSA GOVERNO FRANCÊS

O jornal comunista francês «L'Humanité» pergunta, no seu último número, na primeira página: «Que veio Spínola fazer a Paris? Que contactos planeia ele efectuar aqui? Qual é o papel do Governo francês neste assunto?»

SOARES PRONUNCIA-SE

Mário Soares afirmou em Londres que Spínola só teria possibilidade de voltar a Portugal se aceitasse o jogo democrático e eleições.

O «líder» socialista disse não acreditar num golpe de força do ex-general e negou que tivesse contactos «directos ou indirectos» com Spínola.

MADRID NÃO ACREDITA

Ceticismo em Madrid quanto ao regresso do António de Spínola a Portugal e sua passagem por Espanha. Fontes autorizadas da capital espanhola afirmam que se deverá respeitar a vontade de não-ingressância de Portugal e Espanha nos assuntos externos a cada um dos países.

«VOLTAREI SEM DITADURA»

O ex-general Spínola declarou que só voltará a Portugal

«quando o povo português tiver derrubado a ditadura e estiverem criadas condições de paz, de liberdade e de justiça que permitam reconstruir o país em função de ideais verdadeiramente democráticos», numa entrevista transmitida pela televisão francesa.

«Não tenho nenhum preconceito anticomunista», afirmou. «Sou fundamentalmente democrata e, como tal, não aceito nenhuma forma de tomada do Poder que não seja pela via democrática, o que exclui, evidentemente, a via revolucionária e estalinista de Álvaro Cunhal».

O antigo presidente precisou que, nesta base, o Movimento Democrático de Libertação de Portugal propõe-se estabelecer «uma base de reconciliação nacional no âmbito de um largo leque aberto a todas as correntes políticas, mas de que serão excluídas os renegados ao serviço de imperialismos estrangeiros e todos aqueles que não respeitem as liberdades fundamentais».

Entretanto, um português que fugiu de Portugal, abandonando a vida militar, logo a seguir ao 11 de Março, tentou, em vão avistar-se com Spínola. Queria, segundo declarou, alistar-se no seu Exército de Libertação Nacional.

A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.ª Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

TÉCNICOS DE T.V.
Telef. 37 14 59

Hoje



«Dois Anos de Férias»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e *Telegiornal* — 1.ª edição
- 19.05 *TV Juvenil* — ver e pensar
- 19.30 «Dois Anos de Férias» — série filmada, baseada numa obra de Julio Verne, com Marc di Napoli. Realização de Gilles Grangier — 5.º episódio — 1.ª parte.
- 20.00 *Relatório*
- 20.30 *Telegiornal* — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.05 *Afinal como é?*
- 21.30 *Música, Música!* — programa em que coexistem a música clássica e a música ligeira.
- 23.15 *Telegiornal* — 3.ª edição
- 23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e um episódio da série «Dois Anos de Férias»
- 21.30 *Telegiornal* — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
- 22.00 *Noite de Cinema* — «O Familiar» — um filme argentino realizado por Octávio Getino com Carlos Lagos, Noemi Manzano e Moreno Linch.
- 23.35 Fecho

DESTAQUES

I. PROGRAMA

Afinal como é? (21.05)

II PROGRAMA

Noite de Cinema (22.00)

SIEMENS

ESTORIL

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura e Desenhos Animados; 13.00: Stop; 13.15: Retrospectiva revista desportiva; 13.30: *Telegiornal*; 13.45: Hoje Pode Ver; 13.55: Rock em Stock; 14.20: «Diário de um Professor» — 8.º episódio; 14.55: As Pedras e o Homem — produção dos trabalhadores da Planigrafia; 15.20: «Salto Mortal» — série filmada; 16.15: Nome Mulher; 17.00: Desenhos Animados; 17.25: Expedição — documentário; 17.50: «Ilha do Tesouro» — «O Conselho de Guerra»; 18.15: Cinema de Amadores — programa da Federação; 18.55: Cada Dia uma Esperança; 19.10: Cartaz TV; 19.30: Sabe o que é o Ginásio Clube Português?; 20.30: *Telegiornal*; 21.05: Noite de Cinema — «A História de Três Amores»; 23.25: *Telegiornal*; 23.40: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Desenhos Animados; 20.15: Stop — programa sobre o trânsito; 20.30: As Pedras e o Homem — produção dos trabalhadores da Planigrafia; 20.55: «Diário de um Professor»; 21.30: *Telegiornal*; 22.00: «O Barão von der Trenck» — série filmada; 22.50: *Panorama* — reservas de ouro; 23.15: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RÁDIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e entrega grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

DECORAÇÃO

AUMENTE O VALOR DO SEU DINHEIRO COM A NOVA ARMAZÉM DE ARTIGOS DE DECORAÇÃO

TECIDOS, ALCATIFAS, PAPEIS PINTADOS E TUDO PARA DECORAÇÃO

— VENDAS DIRECTAS —

ALIE O SEU BOM GOSTO AO VALOR DOS NOSSOS ARTIGOS VISITE NOS

BENTO, RATINHO, LDA

R. dos Douradores, 72, 1.º Dt. — Tel. 322686 — LISBOA

Desporto

Boletim Boletim Boletim

Vamos ajudar os retornados de Angola

O Vitória de Guimarães até nem foi dos clubes portugueses que mais se serviram desse inesgotável filão de (bons) jogadores das ex-colónias; mas é o primeiro a levantar a voz, no sentido de auxiliar os retornados de Angola, que em Portugal estão a viver as horas mais duras de toda a sua vivência. Com a iniciativa do Vitória minhoto, é o próprio Desporto que grita presente, numa hora particularmente grave da vida de quem se viu na obrigação de voltar costas a Angola.

A direcção do Vitória de Guimarães acaba de colocar à disposição dos retornados de Angola a sua equipa principal de futebol, para um espectáculo desportivo, que poderá ter como cenário o próprio Estádio Municipal. Espera-se, agora, que um outro clube abra a mão de uma data para que a receita reverta, inteiramente, para auxiliar os que ontem (certamente) receberam de braços abertos (e na terra que, então, era o seu lar) as turmas portuguesas que debandaram terras angolanas.

É de esperar que muitos outros clubes secundem a voz minhota: quanto mais não seja, à lembrança da verdade que existe ainda em Luanda, onde, nas instalações do Sporting local, estão refugiados os atletas e os familiares do clube, à espera de um avião que venha para Lisboa.

Afinal, futebol não é só a conquista de pontos...



Vitória de Guimarães: uma atitude nobilitante

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Quase com barbas brancas (que idade, autêntica, tem o «cara»?) o médio brasileiro Benê regressa ao Leixões, depois de ter estado ao serviço do Sporting de Espinho que, como se sabe, nem com tal «reforço» conseguiu escapar à descida de divisão.

Leixões: um clube que (publicamente) afirma que luta com uma tremenda crise nas suas finanças. Benê: um praticante estrangeiro, sem valor para ultrapassar a mediania dos nossos profissionais de futebol desempregados. Não há ninguém que veja isto? Nem o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol, que pareceu (certo tempo) activo na árdua defesa da sua classe?

HOJE

Esta noite, há boxe no Parque Mayer. Dois encontros entre profissionais (Mondim-Palmeiro e Bento-Nunes) acrescidos de mais dois embates para as classes amadoras. Outro tipo de espectáculo desportivo, também com os seus apaixonados, desenrola-se durante o dia no Campo Grande (Lisboa): trata-se do «Nacional» de hipismo, para várias categorias de cavalos e montadores.

ONTEM

Na etapa de ontem, da «Volta à Catalunha», em bicicleta, José Martins chegou à meta

(em Tarragona) com o mesmo tempo do vencedor que foi o italiano Pierino Gavazzi. Na classificação geral, Domingo Perurena continua vestido de amarelo, ocupando José Martins a 21.ª posição.

PORTUGAL

Nem para o Sporting, nem para o Estoril: o avançado Mirobaldo, brasileiro de certa eficiência no remate final, revalidado pelo Farense, que também contratou Jaime, outro brasileiro que «viajou» pelo Montijo. A propósito de Farense: ontem, para a Taça de Honra, os farenenses foram derrubados pelo modesto Esperança de Lagos (3-4 no marcador). Em Olhão para o mesmo troféu, o clube local foi batido pelo Portimonense (1-2). Uma nota a censurar: o comportamento do olhanense Carlos Manuel, que lhe valeu a expulsão.

Os chutadores brasileiros Valdir e Matos foram dispensados do Esperança de Lagos, ao mesmo tempo que a colectividade contratou Rosalino (no Lusitano de Évora), Pedro Aleixo (em Faro), Luz (que estava no Portimonense) e Alvaro (que fazia parte dos largos esquadrões do Benfica).

O Dramático de Cascais vai dedicar-se às práticas de hóquei em campo, tentando alargar a vasta zona populacional a sobrevivência de uma modalidade quase votada ao abandono.

Os andebolistas José e Luís Filipe (Sporting) mais João Carlos e Jorge Rodrigues (Almada), pretendem transferir-se para o Belenenses, onde a secção andebolística é dirigida

por uma comissão de jogadores (Espadinha, José Francisco, Ferreira e Rafael). Todavia, os «restelianos» sofrem amputações: o Atlético da Encarnação foi a Belém aliciar António Mendes, João, Vieira e Carrasco.

Eusébio continua, por aí fora, a fazer a recolha de dólares que lhe esteve interdita anos a fio. Depois de estar no «Minuteman» (USA) partiu para o México, para negociar com o Monterrey algumas exhibições do seu talento para o futebol.

Prevendo-se que o brasileiro Adãozinho (que fez testes inferiores em Guimarães) regressa a penates: os vimaranenses deitam as vistas para outros lados, procurando os derradeiros reforços para o seu «onze»: ou um ponta-de-lança igualmente dos Brasis ou o jugoslavo Porrier, que se ofereceu aos minhotos.

Manecas numa encruzilhada: cumprir o ano que lhe falta para findar o compromisso com o grupo de futebol do Académico de Coimbra ou esperar que o Beira-Mar envie umas «massas», para a Lusa Atenas e concretizar a rápida transferência.

Durante o interregno de Novembro, o Vitória de Setúbal deve ir fazer quatro espectáculos futebolísticos no ex-Congo Beiga.

Pelo menos para já, o médio Albertino não muda de poiso: dado que Cubillas permanece ao serviço do futebol portista, os «azuis-brancos» desinteressaram-se do chutador de Leixões.

Barreirense e C.U.F. apresentaram ontem, no «Manuel de Melo», as turmas futebolísticas que os vão representar nos campeonatos. Empate a dois tentos no «placard». Novas figuras do Barreirense: o guarda-redes Gil (ex-Vasco da Gama), o lateral direito Paulo (que defendia as cores do Alcochete), o central-esquerdo Alexandre (que esteve no União de Tomar), os médios Vitor Manuel (que alinhava nos cufistas) e Câmpora (o uruguaio de algumas campanhas no Vitória de Setúbal) e, ainda, o dianteiro Rui (que veio do Sintrense). No grupo da C.U.F. apenas se registaram promoções de juniores: do defesa-central João Paulo, do ala-esquerda Esteves e do centro-campista Araújo.

O Sport Lisboa e Nelas tem nova gerência. Nomes da assembleia-geral: José Luís Pereira, Constantino Ferreira, José Albuquerque e João Mendes. Na direcção: Raúl Tavares, Manuel dos Santos, Fernando Brito, Adelino Lopes, António de Sousa, Carlos Alberto Silva e José Monteiro. Conselho fiscal: Manuel Rosário Cardoso, António Ferreira e Vitor Loureiro.

O Mondinense (Mondim de Basto) tem como treinador Armando Barros.

Esperança para o futebol do Barreirense: Andrade (19 anos) que, em França, deu uns chutes na bola e, agora, quer tentar vida em outra banda.

Convite recebido na secretaria benfiquista: perante a boa figura que o «team» de futebol continua a fazer (despojado de Eusébio, Simões, Jaime Graça, etc.) Hong-Kong quer ver em jogo os «encarnados».

PERGUNTAS

O Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão principia depois de amanhã: e, ao Vi-

tória de Guimarães cabe de frontar o Belenenses, logo na primeira jornada. Portanto, temos programado, para o próximo domingo, o jogo Vitória-Belenenses, no Estádio Municipal da cidade-berço.

Mas, acontece (e parece que todos já se esqueceram disso) que os árbitros se recusaram a trabalhar no campo vimaranense, até que alguém (ou alguns) paguem a António Garrido o automóvel que espatifaram, após o encontro da última Taça de Portugal, entre o Vitória e o Boavista.

Na semana passada, um nosso amigo encontrou Ismael: Baitazar numa praia algarvia: e o juiz foi categórico na afirmação de que a decisão se mantinha. Daí a pergunta ter toda a razão de ser: se, até domingo, ninguém pagar o carro a António Garrido, será que o jogo com o Belenenses se vai realizar mesmo?

Em vista do período de férias (ou de desinteresse) da esmagadora maioria dos atletas portugueses, qual será o critério seguido pelas Associações de Lisboa e Porto, que pretendem actuar no «Quadrangular» de Atletismo com a Corunha e Vigo, a 14 do corrente? Os corredores, lançadores e saltadores vão ser escolhidos pelo nome ou eleitos à balda?

RARIDADES

Insolitamente, a nadadora «portuguesa» mais rápida de sempre é uma angolana: trata-se de Liliana Santos, uma jovem que, ultimamente, representa o Benfica. Nos recentes campeonatos nacionais conquistou 12 títulos e outros tantos «máximos» absolutos.

Parece que marcha em frente a «Comissão de Estudo de Reestruturas» do Sport Lisboa e Benfica: após o período de férias, os trabalhos devem retomar o curso na próxima 2.ª-feira.

O tenista de mesa Carlos Silva (que representava o Benfica) anunciou que ia deixar a prática da modalidade. Depois, mudou de ideias e foi para o Belenenses bater a bolinha de celulósio. A seu lado estará João Rui, que também defende o emblema da «água» (durante 16 anos).

AGENDA

A Federação de Râguebi informa que, nos dias 2 a 5 de Outubro, haverá (no Centro de Estágio do Estádio Nacional) um curso de monitores da modalidade. Pouco depois (de 9 a 12 do mesmo mês) tem lugar um curso de aperfeiçoamento para treinadores, dirigido pelo técnico inglês Jim Collard.

Entre o farol da Gíbraltar e a praia da Pareda vai processar-se, no próximo domingo, um concurso de pesca desportiva promovido pelo Clube Desportivo de Paço de Arcos. Os concorrentes podem utilizar as suas próprias embarcações e os prémios em equação são aliciantes.

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

O Rádio Clube Português parece disposto a limpar a sua onda: mesmo sem qualquer patrocínio (até ao momento) a comissão administrativa resolveu oferecer a todos os ouvintes,

adeptos do hóquei em patins, as imagens sonoras dos três últimos jogos da selecção portuguesa no «Europeu» de hóquei em patins, que se disputa em Viareggio (Itália).

Assim, nos dias 12, 13 e 14 (de sexta-feira a domingo) vamos ter, em Portugal os relatos dos jogos com a Alemanha, a Espanha e a Itália, na voz do nosso camarada de Redacção Orlando Dias Agudo que, juntamente com o operador Júlio César, são os enviados especiais da «Emissora da Liberdade». Pela mão do hóquei em patins o desporto entra em grande na onda do Rádio Clube Português...



Mais um argentino que procura emprego em Portugal: joga futebol, chama-se Ochoa e está à experiência no Sporting

COMENTÁRIO

Os clubes que, em Portugal, persistem em manter em acção equipas de futebol, altamente profissionalizadas, debatem-se com punhados de problemas: resultando em crises financeiras de alto coturno. Para melhor ajuda, sofrem (de vez em quando) golpes com aquele que vamos relatar e ocorreu no estádio das Antas, uma destas madrugadas: amigos do alheio deram uma vitória pela área, introduziram-se na secretaria e na sala de convívio e enfiaram o que estava a mão. Tudo serviu: bebidas, chocolates, tabaco. Até mesmo uns cem continhos que heróicamente, parece que resistiam dentro de um cofre que ficou esvaziado e às moscas.

O F. C. Porto entregou o caso à Polícia. Mas, ou nos enganamos muito, ou o prejuízo está feito. Faz de contas que veio à experiência mais um pontapeador de outras bandas: e não se fala mais nisso.

TELEFONEMA

Discamos o número do Estádio do Restelo. No outro lado do fio surgiu o massagista Silva, anos em torcente ao serviço eficiente e dedicado ao clube. Agora, em véspera de mais uma viagem a Guimarães: para mais um jogo importante, o primeiro de um campeonato que pode vir a ser brilhante para

Continua na pág. 17

Com toda a franqueza

Por NEVES DE SOUSA

Futebol na corda bamba

A nível de grande pagamento (bilhetes mais caros, para as mesmas comodidades...) aí temos, a partir de amanhã, futebol de campeonato para os emblemas mais rutilantes dentro de tão decantado campo de acção. E, quando se pensaria que tudo estava arrumadinho, casa em ordem à espera de visitas, lugares à mesa já distribuídos em pensamento, eis que se chega a um tremendo imbróglio: o futebol (uma vez mais) colocado na corda bamba, perante a assustante passividade de repensadores e prosadores, face à estática não-tomada - de qualquer - posição pelos cómodos recebedores do dinheiro público a troco (imaginava-se) de serviços prestados ao Desporto.

Que se vê, neste instante de arrancada (mais que periclitante) para os «nacionais» do chuto? Apenas isto, somente o que se pode apontar em meia dúzia de verdades:

Os cartões de ingresso nos campos, passados na temporada de 1972-1973, continuam a valer, emitidos a favor dos mesmos nomes e destinados a beneficiários que (em alguns casos) já nem moram por estas bandas, enquanto autênticos necessitados de «livre-trânsito» continuam a bradar no deserto.

Os dirigentes dos clubes, que tão caprichosamente inventaram uma «Liga de Clu-

bes Profissionais», esmurram-se através de palavras soezes, mais próprias de carroceiros que de gente letrada.

Os sindicalistas do bloco de jogadores profissionais continuam (impávidos e serenos) a verem o prolongamento da invasão de mercenários estrangeiros, que vêm tirar o pão da boca de portugueses.

Os sindicalistas do grupo de treinadores (hírtos e tomados de paralisia) ficam especados, ante a onda de «técnicos» sem diploma que por aí pululam e, simultaneamente, perante a inflação de outros, doutorados à última hora.

Os árbitros continuam com a pele à mercê de rifas: se uma apitadela não sai a contento do circo, ainda acabamos por ter tiros na cabeça de algum juiz.

Quanto a subidas e descidas de divisão, depois se verá: como no célebre tempo em que um clube (nitidamente protegido pelas rutilâncias do tempo) organizava marchas de «forças vivas» e, com essas forças ficava à força no poleiro de onde tinha saído.

Um ver-se-te-avias. Um ror de problemas, à espera das Calendas gregas. Para resolver (qualquer dia) como muitas outras coisas que continuam no alto segredo dos pensamentos endeusados.

Desporto

Continuação da pág. 16

o emblema da «Cruz de Cristo». E sobre esse jogo que ele diz: *A equipa parte amanhã de manhã para o Norte, em autocarro. Não temos muitos problemas com jogadores: apenas estão ligeiramente «tocados» o Gonzalez e o Vasques. Enquanto o primeiro vai, muito naturalmente, recuperar, já o segundo terá de se submeter a um teste, no fim da tarde de hoje. Quanto à equipa que o Peres Bandeira apresentará, no Municipal de Guimarães, nada está ainda decidido, mas não deve andar muito longe daquela que apresentámos na primeira parte do jogo de 4.ª feira. Salvaguardando a ausência de Quinho e o reaparecimento de Gonzalez.*



Ramalho: uma hipótese para domingo

OPINIÃO

Palavras do dirigente setubalense Silvério Jones, hoje, em «O Século»:

«Quando não há uma ponta de moral nos homens, tudo é possível. No caso da transferência do Octávio, e depois do que já foi dito e redito, a posição do Vitória de Setúbal é de pura expectativa, semelhante à de alguém que se sente ludibriado, e que posteriormente aguarda que as coisas se recomponham ou então acaba por resignar-se. Foi precisamente isto que nós fizemos: resignamo-nos. No entanto, aguardaremos sempre uma oportunidade para mostrar ao dr. Américo de Sá que, como qualquer ser humano, ele está sujeito às contingências dos seus próprios erros. E que ele, e também o seu colega Alfredo Borges erraram em elevado grau, e de uma maneira infame. O que eles fizeram não se faz a ninguém, muito menos a um clube honesto, onde a correcção tem sido a base da sua vida. Não estou a pensar em vinganças mesquinhas, impróprias de pessoas civilizadas. Nada disso. Apenas aguardo que, mais tarde ou mais cedo, aqueles senhores venham a sofrer as consequências dos seus cmceitos de moral.»

LÁ FORA

Mais dois golos de Pelé: aconteceram no segundo jogo do Cosmos (Nova Iorque) efectuado na Suécia, perante uma selecção do país (triunfo local por 3-2). Pelé e parceiros vão hoje dar «show» na Noruega.

Caroline Carpentier (16 anos) é uma nadadora francesa de grande valor: ontem, em Argel, arrebatou a medalha de ouro na prova dos 100 metros (estilo livre), nos Jogos Mediterrânicos. Tempo registado: 1m.01s. 36 décimos, novo «record» tricolor.

O "EUROPEU" DE HÓQUEI ESTÁ À PORTA TORCATO FERREIRA FAZ EXAME À SELECÇÃO

Partiu esta manhã para Viareggio (Itália) a representação nacional que, ali, vai defender o título europeu, há dois anos reconquistado em Lisboa e, em 1973, confirmado na Alemanha.

Depois de cumprida uma primeira fase de apuramento das possibilidades dos jogadores pré-seleccionados, Torcato Ferreira indicou quais os «dez mais» que irão tentar o «tri». Os seus nomes são já conhecidos, importando agora revelar as razões da escolha por parte do único responsável pela nossa selecção.

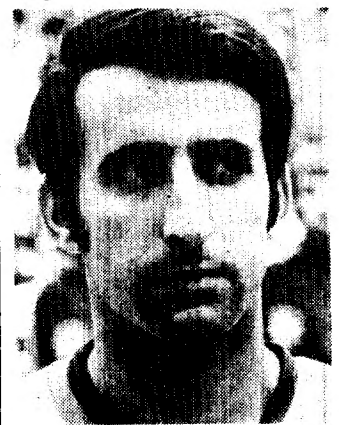
Os seleccionados surgem (assim) «retratados» pelo seleccionador:

RAMALHETE: Trata-se, sem dúvida alguma, de um dos melhores guarda-redes do Mundo. Dono de rápidos reflexos, tornou-se particularmente notado na paragem de remates efectuados de muito perto, o que não quer dizer que seja mais vulnerável nos disparos feitos de longe. Não obstante ter estado parado quase um ano inteiro, não hesitei em o chamar aos trabalhos da selecção, tendo justificado a sua chamada e a confiança que nele depusitei. Será o efectivo do cinco-ideal.

CASTRO: Veio do Porto com vontade de ser um dos eleitos para este campeonato. Reúne as mesmas características de Ramalhete no que diz respeito aos remates efectuados de longe ou de perto. Também esteve parado durante muito tempo (cumpru serviço militar nas ex-colónias) mas, quando voltou, fê-lo com o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação de outrora. Foi preferido a Albino apenas porque está muito mais «rodado»: o Benfica não participou na fase final do nacional e isso «roubou-lhe» a forma. Será um suplente à altura de Ramalhete.

FERNANDO PEREIRA: Um caso raro de pura intuição para a modalidade. Tendo (ainda) idade de junior é chamado pela primeira vez à selecção sénior, sendo muito provável que venha igualmente a ser chamado aos trabalhos dos juniores. Aplicado, consciente, honesto, seguro, tem predicações que justificam o facto de ele ser o defesa titular desta selecção.

CASIMIRO: Também esteve quase um ano em inactividade. No entanto, eu conheço-o bem e sei quanto vale na guarda-a-guarda-redes. Não se aventura demais na ofensiva só o fazendo quando sente que a baliza não corre perigo imediato. A sua experiência poderá vir a ser muito útil.



Júlio Rendeiro (que é engenheiro) não se encontra no melhor da forma: mas a sua inteligência e o respeito que lhe votam adversários e árbitros justificam a inclusão no grupo para Itália, bem como a escolha para «capitão» do cinco

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde Rua Luís de Camões

GARRANCHO: Também fui eu que o moldei: e reúne condições excepcionais para ocupar o lugar de médio. Tem a perfeita noção de como se defende e, quando ataca, sabe aplicar o seu fortíssimo remate. Vai ser um atleta que saberá emprestar toda a experiência a este «combinado»; por isso, será também o efectivo do lugar de médio.

RENDEIRO: Um jogador com uma inteligência extraordinária; indispensável em qualquer equipa ou selecção. Não se encontra na melhor forma: por isso será o suplente de Garrancho ou Casimiro, como será também o «capitão». Apenas (e só) porque é muito respeitado, tanto entre os adversários como até pelos árbitros.

LIVRAMENTO: Roubei-o ao

futebol e até sinto remorsos por o ter privado de ganhar muito dinheiro: aquele que arrecadaria se tem continuado no futebol. Que dizer de Livramento que (até) é unanimemente considerado como o melhor jogador do Mundo? Só se pode dizer que ele é indiscutível e que será igualmente o titular como avançado-centro.

CHANA: Está numa forma excepcional. Depois, reúne uma condição muito particular: é um esquadro nato e isso desorienta qualquer defesa. Dai o ter escolhido para efectivo. E (também) porque combina muito bem com Livramento.

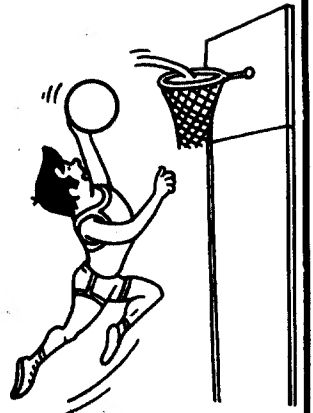
CRISTIANO: Um atleta voluntarioso, que igualmente se encontra numa forma apurada. Ficaria bem como efectivo,

mas a verdade é que efectivos só podem ser cinco. No entanto, ele irá ser muito utilizado, já que o campeonato vai ser duro, principalmente na sua parte final. Suspeitou-se que ele tinha fractura de um menisco; mas o dr. Maia Ferreira tirou todas as dúvidas. Cristiano está em perfeitas condições de render Livramento ou Chana.

FERNANDO GOMES DA COSTA: Desfizum mito: o deque os irmãos Gomes da Costa só jogavam bem um com o outro. Isso não passava de lenda e, agora, Fernando Gomes da Costa vai ter oportunidade de o confirmar. No seu jeito tão característico, ele vai dar nas vistas em Viareggio. Quando se agarra à bola, ou ao adversário, não os larga mais.

ORLANDO DIAS AGUDO

O TRAÇO DE PARGANA



Treino de atirar ao cesto



TOTALISTA DESTA SEMANA

**o totobola
já teve 2.428.413 vencedores.
-esta semana é você!**

E para a outra semana, talvez também. De qualquer maneira, você ganha sempre, porque as receitas do Totobola são gastas em obras de interesse colectivo.



totobola
ganha você e ganha o país!

Geral

MANIFESTAÇÃO CONTRA O "D.N."

Centenas de pessoas desfilaram ontem do Rossio ao n.º 266 da Avenida da Liberdade, para protestar junto às instalações do «Diário de Notícias», contra a «manipulação partidária» do jornal. Tratava-se da grande manifestação dos 24 (saneados do «D. N.») e que contou com o apoio do P. S., P. P. D., P. P. M., C. D. S. e M. R. P. P., e, ainda, com a solidariedade de retornados de Angola. Na verdade, pouca gente para alterar o ritmo de trabalhonaempresa. Aconteceu justamente o contrário: o «Diário de Notícias» saiu mais cedo para a rua.

Com concentração na Praça do Rossio, pelas 19 horas, a manifestação viria a alcançar as instalações do jornal já depois das 20 e após breve paragem defronte ao Ministério da Comunicação Social para soltar algumas palavras de ordem do género «Informação Siml Manipulação Não».

Ao chegarem, finalmente, ao «Diário de Notícias», os manifestantes depararam com um

cordão de militares que naturalmente se anteciparam e protegiam as instalações do jornal. Eram forças do RALIS, com chaimites, na Avenida da Liberdade, e da Polícia Militar na Rua Rodrigues Sampaio (traseiras).

Ainda assim, criadas as condições para um comício, já previsto, usaram da palavra vários dos saneados para pedir solidariedade e fazer, mais uma vez, a denúncia do que consideravam *manipulação partidária*. Num dos cartazes empunhados punha-se em causa a honestidade de um jornal russo: «Verdadeira Informação, «PRAVDA» é que NÃO».

O AMBIENTE LÁ DENTRO

Lá dentro, no «Diário de Notícias», trabalhava-se. O ambiente não foi, de facto, afectado pela manifestação-comício. Fechadas as janelas, as vozes mais exaltadas não chegavam ali, onde cerca de 600 trabalhadores mantinham o seu ritmo

normal ou aguardavam, no último piso, a hora de pegar de turno.

Curiosamente, notava-se que os trabalhadores se mantinham profundamente solidários no seu posto de trabalho, para além das posições políticas de cada um. No «Diário de Notícias» há simpatisantes ou militantes do P. S., do P. P. D., do C. D. S., do P. P. M. e do M. R. P. P. No conhecimento das razões que levaram ao saneamento dos 24, aqueles trabalhadores não trocaram o seu jornal pela manifestação onde os respectivos partidos se faziam representar. A opção apontava para a união dos trabalhadores, em qualquer caso acima da militância partidária.

Entre dois turnos, jogou-se cartas, xadrez ou aguardava-se calmamente, a projecção do filme anunciado pela CGT: «O Couraçado de Potemkine».

Por volta das 23.30, a tosse seca das G-3 interrompeu o serão, lá em cima, e pôs muita gente a correr, cá em baixo



Os manifestantes dizem «lá para cima» de sua justiça. Mais uma vez, Igrejas Caieiro, militante do Partido Socialista, portou-se bem. Como um homem de Teatro

na rua. As rajadas de metralhadoras que então se ouviram, eram apenas um aviso aos mais ousados, que pretendiam transformar uma manifestação em algo que não estava no programa.

Surgiram, entretanto, versões desencontradas a justificar o incidente.

Para alguns, tudo começou quando uma mulher, retornada de Angola, insultou um militante, seguindo-se tentativa de agressão física.

Outra versão faz supor que as rajadas (para o ar) foram consequência da atitude de um outro manifestante, apostado em tirar a arma a um militar.

Finalmente, houve quem afirmasse que as G-3 funcionaram imediatamente a seguir a um tiro de pistola, disparado por um manifestante, no propósito de lançar a confusão. As pessoas teriam tentado avançar e as rajadas serviram para desmoralizar um pouco os mais «corajosos».

Entretanto, o ricochete das balas estilhaçou os vidros de

montras próximas e foram estes estilhaços que produziram alguns ferimentos ligeiros em meia dúzia de pessoas. Aliás, neste momento encontra-se hospitalizado apenas um indivíduo, Júlio Graça Simões, de 47 anos, e a sua situação não inspira cuidados especiais.

De notar que, conforme referimos, a «manifestação dos 24» foi engrossada, a certa altura, por retornados de Angola que chegaram a pedir na Embaixada dos Estados Unidos, a intervenção americana em Portugal. Um destes retornados dizia, a plenos pulmões, estar farto de ver «Berliets» e G-3 à sua frente e que nunca lhe meteram medo. Daí, que não se tenha percebido muito bem o recuo geral, quando as forças do RALIS usaram as metralhadoras, que cuspiram para o ar.

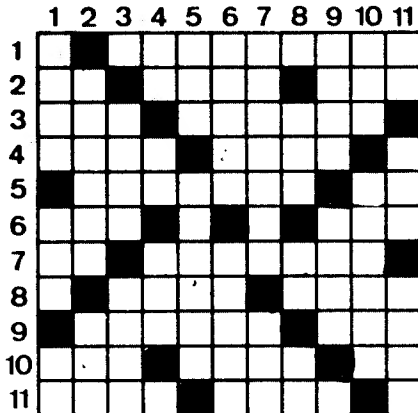
Esta manhã, o «Diário de Notícias» saiu para a rua uma hora mais cedo. 107.500 exemplares.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11 177

HORIZONTAIS

- 1 Aumentavam.
- 2 Antes do meio-dia. Rio da Polónia. Levanto.
- 3 Freguesia do concelho de Penafiel. Misturo.
- 4 Homem de baixa estatura. Despacha.
- 5 Fizeram novelas. Artigo definido.
- 6 Cabelos brancos. Mau cheiro.
- 7 Ribeira da Ásia Russa. Pisaria.
- 8 Cidade de Itália. Rã (pop).
- 9 Defuntos. Rio da Suíça.
- 10 Progenitor. Pegas. Milimetro.
- 11 Após. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.



VERTICAIS

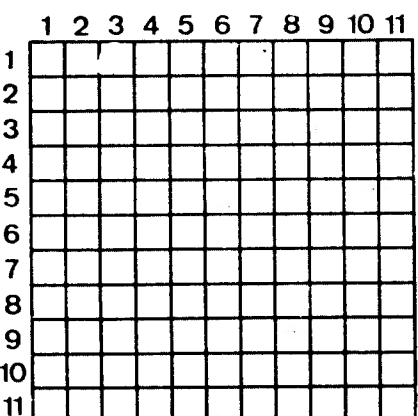
- 1 Cura. Coração. Platina (s. q.).
- 2 Dirigem. Abismo.
- 3 Sádios. Qualquer corpo fluante.
- 4 O lado do vento. Rio da Rússia. Oceano.
- 5 Nome de mulher. Desvia.
- 6 Mover os remos. Zeloso.
- 7 Fixara. Sádias.
- 8 Anuência. Batráquio. Abreviatura de Santíssimo.
- 9 Aponta a arma contra. Encolizera.
- 10 Ferro temperado. Escavaram.
- 11 Moderato. Emprega. Equipos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7336

HORIZONTAIS

- 1 Freguesia do concelho de Portimão. Puxas.
- 2 Cidade do Egipto. Sacrifício.
- 3 Pronome demonstrativo. Desmontar.
- 4 Prende. Chefe etíope (inv.).
- 5 O mesmo que três. Futeis.
- 6 Carvão incandescente. Suar o leite materno.
- 7 Medida itinerária do Japão. Freguesia do concelho de Penafiel. Catedral.
- 8 Marcas o peso da tara em.
- 9 Rio de Portugal. Hidrato de sódio.
- 10 Indivíduo cujas elevadas pretensões resultaram em desastre. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday.
- 11 Planos. Empregara.



VERTICAIS

- 1 Bolor. Gritar.
- 2 Pêlos de certos animais. Prefixo que designa três. Levanta.
- 2 Referira-se. Após.
- 4 Loucos. Ilha do Pequeno Belt.
- 5 Nome de mulher. Prefixo que designa ar. Ósmio (s. q.).
- 6 Está morto.
- 7 Irmãs da mãe. Oceano. Mulo.
- 8 Soluçava. Pegas.
- 9 Retaram. Bebida do Peru.
- 10 Fiteiras. Sádias. Oferecer.
- 11 Parte aquosa que se separa do leite. Nome de mulher.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 176

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. Casaca.
- 2 Urrar. Sema.
- 3 Erários. CALA.
- 4 Ro. To. Arras.
- 5 Pé. Ano. Da.
- 6 La. Cro. Ta.
- 7 Vistão. Pu.
- 8 Estai. Sr. Ge.
- 9 Nial. Tremer.
- 10 Covas. Agora.
- 11 Aoro. Arão.

VERTICAIS:

- 1 Quero. VENCE.
- 2 Urro. Lisio.
- 3 Era. Pastava.
- 4 Rio. Talão.
- 5 Rio. Cai. Sr.
- 6 Aro.
- 7 As. Ano. Sra.
- 8 Sacro. Prega.
- 9 Amar. Tu. Moi.
- 10 Calada. Gera.
- 11 Asa. Serão.

PROVERBIO: QUEM CALA, VENCE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7335

HORIZONTAIS:

- 1 Braço. Usara.
- 2 Aira. Atamos.
- 3 Romperam. La.
- 4 As. Irar. Ter.
- 5 Eta. Agita.
- 6 Olá. Ana.
- 7 Sumos. Eva.
- 8 Aro. Alie. Ir.
- 9 Re. Elástico.
- 10 Alugar. Arai.
- 11 Mamas. Isara.

VERTICAIS:

- 1 Barão. Saram.
- 2 Rios. Ourela.
- 3 Arm. Aelmo. Um.
- 4 Capitão. Ega.
- 5 Era. Salas.
- 6 Ara. Lar.
- 7 Utara. Eis.
- 8 Sam. Gavetas.
- 9 Am. Tira. Ira.
- 10 Roleta. Içar.
- 11 Asara. Praia.

BARS BOITES

NINA Dancing com atrações. Rua Pava de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946
HIPOPOTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384



AMANHÃ

NASCE AS 7.10
OCASO AS 20.00



DIA 5 DIA 12 DIA 20 DIA 28



EMISSORA 1.º Programa

- 17.00 Rádio estudantil
- 18.00 Música variada
- 19.00 Informação de trânsito — Música Variada
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Orquestras
- 21.45 Observação de cinema, por Maria Cristina, Damas Nunes e Moreira dos Reis
- 22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
- 22.30 Música popular
- 23.00 Música variada
- 00.00 Último jornal
- 00.30 Retrospectiva
- 01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
- 02.00 Música na noite
- 02.15 Temas de educação

2.º Programa

- 16.00 Uma obra, duas interpretações
- 16.50 Música de câmara
- 17.30 O compositor da semana: Arthur Bliss
- 19.00 Música portuguesa
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
- 22.00 «A Paixão Segundo S. Mateus», de Bach (2.ª parte)
- 00.00 Música de câmara
- 00.20 Solos de piano

01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

- 20.30 Solos de piano
- 21.05 Música de câmara
- 22.00 Instrumentos diversos
- 22.30 Concerto sinfónico
- 00.30 Duas obras de Vivaldi
- 01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 Movimento
- 21.17 Música para meditar
- 21.31 Quando o telefone toca
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo
- 23.30 No mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 01.00 Madrugada
- 01.15 «A Morgadinha dos Canaviais»
- 06.03 Diário rural
- 07.03 Talismã

Modulação de Frequência

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 O nosso programa
- 19.05 Em órbita-1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Clube à gô-gô

- 00.05 Em órbita-2
- 01.05 Banda sonora Sonipol
- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Madrugada
- 06.00 Diário rural
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa — 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Peninsular

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 12.00 às 14.30

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO 0-1
TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69 (tel. 841779)

ALVALADE
Marbel, Av. de Roma, 131-A (tel. 776235)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Tel. 790969)

ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32/36 (Tel. 845513)

AREIRO
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 (tel. 49479)

AREIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nobrega, 5-A (à Praça do Areeiro) (tel. 727300)

AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel. 847019)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (tel. 666971)

OLIVAS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade de Lusó, lote 199 (tel. 313610)

RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (tel. 611814)

S. BENTO
Fenix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (tel. 608531)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (tel. 778439)

TURNO 0-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Belo, Av. de Roma, 53-A (tel. 776314)

AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 773043)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)

BAIXA
Estácio, Rossio 60 (tel. 327067-324224)

BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (tel. 703697)

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Tabor, 28 (tel. 680931)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955)

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 791131)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395)

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947)

SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 1-9 (tel. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Toda a noite

CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas

PARADE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Toda a noite

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116). Toda a noite

MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas

CASCAIS
Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 22 horas; Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)

MEM MARTINS
Químia, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (Telef. 2930391)

COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 259 (T. 2073012)

«COVA DA PIEDADE»
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTJOIO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)

«EETUBAL»
Soromenho, P. Machado Santos (T. 22691); Alice, P. do Quebedo (T. 23743)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 10

ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832; Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463; Invicta, Rua do Bonfim, 330; Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37; Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Monteiro, 475; Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696; Sá, Rua Vale Formoso, 181 e Sarabando, Largo dos Lóios, 36

A PARTIR DAS 22 HORAS

Sá, Rua Vale Formoso, 181; Sarabando, Largo dos Lóios, 36; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832 e Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463

COIMBRA

Luciano e Matos, R. da Sofia, 11 (T. 22147); Machado, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767); Sitália, L. da Sé Velha, 14 (T. 23234)

Cinemas

Cinemas

Cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.21.15

Não acons. a menores de 13 anos

o filme de Norman Jewison

JESUS CRISTO
SUPERSTAR

36.ª Semana

O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O excepcional filme de Mel Brooks

BALBÚRDIA NO OESTE

Hoje às 24 h. o filme da meia-noite

Grupo D-18 anos

HONRA A UM HOMEM MAU

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

3.ª Semana

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos

CARROCEL
WALT DISNEY

em 2.ª semana

RESTELO

T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

JESUS CRISTO SUPERSTAR

Em 37.ª Semana

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Int. a menores 18 anos

3.ª Semana

PECADOS EM FAMÍLIA

Colorido

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Um drama de impacto explosivo!

VEREDICTO

Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL

T. 264621 As 17.00 e 21.15

Grupo D (18 anos)

O NOSSO AMOR ONTEM

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

FRANKENSTEIN JUNIOR

POLITEAMA

T. 326305 Hoje estreia às 21.30

Interdito a menores de 18 anos

O TIGRE DO KARATÉ

A melhor farsa do ano

ROMA

T. 727778 15.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A MARIARCA

Tudo os dias às 18.30

NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

2.ª semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

ONDE SE METEU
A 7.ª COMPANHIA?

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

A partir de hoje

Para todos - colorido

Clássicos de comédia

PINTORES E RAPARIGAS

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

BURCH CASSIDY

E O KID

DOIS HOMENS E UM DESTINO

c/ Paul Newman, Robert Redford

Em 2.ª semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interd. a menor. 18 anos.

4.ª mês de êxito triunfal

15.ª semana e última

DECAMERON

PROIBIDO

com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JOHN AND MARY

c/Dustin Hoffman

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O último filme de Pasolini

AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30 e 21.15

Não acons. menores 13 anos

A ÚNICA SAÍDA

com Martin Potter e Jane Seymour

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

6.ª semana

CINEARTE

T. 660446 As 21.15

Interdito a menores de 18 anos

OH! CALCUTÁ!

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos

O PROSTITUTO

Colorido!

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas event. chocantes

6.ª semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15

Grupo A M. 6 anos

MÚSICA NO CORAÇÃO

Colorido!

IMPÉRIO

T. 555134 As 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

QUEDA NO ABISMO

As 15.15 e 18.30 18 anos

O TRIPLO ECO

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Grupo B - 10 anos em 70 mm.

LONGE DA MULTIDÃO

A projecção do filme inicia-se após a abertura da sessão

Outros Espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES

21.45 (18 anos)

«As escandalosas»

TEATRO DO BAIRRO ALTO

21.15 (13 anos)

«A Noite dos Assassinos»

MONUMENTAL

20.30 e 22.45 (18 anos)

«Lisboa Acordou»

MARIA MATOS

21.30 (13 anos)

«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

VARIEDADES

21.15 (13 anos)

«Adeus Valentina»

A.B.C.

20.30 e 22.45

«Pra Trás Mija a Burra»

CAPITÓLIO

20.30 e 22.45 (18 anos)

«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA

21.15 (14 anos)

«Gigantes do Mar



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBDA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

CAPITÃO VITALI LUTTI:

Dinheiro para o P.C.P. calúnia de "A Luta"

«A histórica vitória do povo português em 25 de Abril de 1974 abriu as portas à cooperação de Portugal com todos os países do Mundo — declarou o senhor Mário Soares em Moscovo, na sua qualidade de ministro do Governo português. Porque razão é que estas palavras, ditas então, divergem agora do comportamento concreto de círculos próximos do Partido Socialista?»

A interrogação foi proposta aos jornalistas presentes, durante a conferência de imprensa ontem à tarde realizada a bordo do porta- contentores «Anton Gubarev», pelo capitão Vitali Lútti, representante da Marinha Mercante soviética em Portugal.

Lútti expôs pormenorizada- mente os motivos da pergunta formulada. Passamos-lhe a palavra:

«Na semana passada, o jornal «A Luta», baseando-se em notícias oriundas da Agência Reuter e de um jornal belga, publicou em primeira página, sob um título «sensacional», matéria dirigida contra o representante da empresa marítima soviética «Morflot» em Lisboa e contra os seus colegas.

«Um acto tão normal como uma transferência bancária destinada à instalação desta representação (para compra de casa em Lisboa, móveis, dois automóveis e para o pagamento dos empregados), foi apresentado aos leitores portugueses como se se tratasse de um «envio de dinheiro para o P.C.P.».

«Para que necessitava «A Luta» desta «sensação»?

«A representação da «Morflot» foi criada ao abrigo do acordo de navegação concluído entre a República portuguesa e a U.R.S.S., com o objectivo de desenvolver as relações comerciais entre os nossos dois países.

«Só este ano, os portos de Portugal, nomeadamente o de Lisboa, já foram visitados por 156 barcos soviéticos, que, segundo o acordo comercial existente, não só trouxeram carga soviética como levaram produtos da exportação portuguesa. O total da carga atingiu 115 000 toneladas. O tempo completo de permanência dos barcos soviéticos nos portos de Portugal, no referido período, correspondeu a 442 dias. Os pagamentos que efectuámos, pelo trabalho de estiva e outros serviços portuários, somaram 700 000 dólares.

«15 desses barcos, ou seja, quase a décima parte, foram navios de passageiros, que transportaram a bordo turistas de vários países.

«Durante esse período, a representação da «Morflot» organizou 14 viagens de navios tanques, que transportaram vinho português para a U.R.S.S.

«A representação da «Morflot», tal como as outras organizações comerciais soviéticas, está pronta a trabalhar em prol da continuação do comércio entre os nossos países, de um comércio que contribua para o desenvolvimento da economia portuguesa.

«Quem é que não quer que o comércio luso-soviético se desenvolva? O jornal «A Luta», que se intitula «socialista» e «independente», ou alguém mais?»

Pergunta e responde o capitão Lútti, que tinha aliás uma história para contar:

«Quando eu fui à redacção de «A Luta» e apresentei ao redactor do departamento económico, senhor Baltasar, provas irrefutáveis, bem como toda a documentação relativa às operações financeiras da agência marítima, verifiquei que o senhor Baltasar já conhecia toda a verdade e dispunha mesmo de dados que, em qualquer país do Mundo, constituem «segredo bancário». Contudo, o senhor Baltasar deu preferência a novas notícias, que, mais uma vez, tendiam a ensombrar o trabalho da «Morflot».

«Após a minha visita à redacção, onde deixei expresso o meu protesto, «A Luta» publicou, em página interior, uma informação encimada pelo seguinte título escarnecedor: «Vitali Lútti não espera mais dinheiro». Nela se fazem várias referências de segunda ordem, mas não se publica nenhum desmentido à calúnia do «envio de dinheiro para o P.C.P.», nem se apresentam desculpas à agência representada.

«Significará isto uma «vendeta» privada de «A Luta» contra organizações comerciais soviéticas?»

A PEDIDO DE COSTA GOMES

V GOVERNO PROVISÓRIO MANTÉM-SE ATÉ FORMAÇÃO DO NOVO GABINETE

O Presidente da República, através de um comunicado distribuído ontem pelo Ministério da Comunicação Social, informa ter solicitado ao Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves e ao Governo Provisório em exercício, que se mantinham em funções até se achar completada a formação do Governo presidido pelo almirante Pinheiro de Azevedo.

Nesse comunicado da Presidência da República assina-se ainda que «todos os diplomas legislativos emanados do V Governo Provisório até agora promulgados se encontram dentro das linhas de acção governativas que lhe foram cometidas».

Entretanto, o V Governo Provisório, mantendo-se alheio a todos os ataques de que tem sido alvo, continua na sua tarefa exemplar de não permitir que a gestão administrativa deste País paralise, trabalhando e produzindo como nenhum dos anteriores Governos o fez. Ontem, como anunciamos, o Conselho de Ministros reuniu mais uma vez sob a presidência do general Vasco Gonçalves, tendo apreciado alguns diplomas e tomado várias decisões. No final, foi distribuído o seguinte comunicado sintetizando as medidas tomadas:

«1. Aprovado um projecto de decreto-lei da Secretaria de Estado da Saúde regulando a extensão das carreiras médicas estabelecidas pelo Decreto-Lei 414/71 de 27 de Setembro aos casos dos hospitais anteriormente classificados de concelhios e que passaram à categoria de hospitais distritais.

«Este processo envolve a integração nas referidas carreiras do pessoal que actualmente presta serviço nesses estabelecimentos desde que habilitado com os requisitos legais exigidos, e a consideração das legítimas expectativas de alguns médicos que, embora não possuindo tais requisitos, têm desde há muito garantido o funcionamento hospitalar e prestado indiscutíveis serviços às populações.

«2. Projecto de decreto-lei da Secretaria de Estado do Tesouro com um artigo único com a seguinte redacção:

«O pessoal dos matadouros e casas de matança municipais que era subscritor da Caixa Geral de Aposentações e que de harmonia com o estabelecido no n.º 3 do Decreto-Lei n.º 661/74, de 26 de Novembro, foi integrado na Junta Nacional dos Produtos Pecuários, não perde, por esse facto, o seu direito de inscrição na mesma caixa, continuando por isso em todo subordinado ao estatuto da aposentação, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 498/72, de 9 de Dezembro.»

MÁRIO RUIVO RECEBEU UM MEMBRO DO P.C. ROMENO

Ontem, no Palácio das Necessidades, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Ruivo, recebeu um membro do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Romeno, Stefan Andrei, que se encontra em Portugal em visita de informação.

No decurso da audiência, houve uma troca de impressões sobre assuntos de

interesse comum, tendo sido referida a cooperação em curso entre os dois países.

Mais tarde, Mário Ruivo recebeu também o embaixador da Hungria acreditado em Lisboa, que lhe confirmou o convite, já anteriormente formulado pelo seu Governo, para visitar aquele país.

A audiência concedida ao embaixador húngaro integra-se também no âmbito da preparação da próxima visita do ministro dos Negócios Estrangeiros da Hungria a Portugal.

UNIDADE POSSÍVEL

Continuação da pág. 1

emanado de Luanda e da autoria de oficiais, sargentos e praças das FAP estacionadas em Angola».

Tendo em conta a «problemática política nacional e do aparelho militar» o general Fábão considera que o citado comunicado «mais não é do que outra baixa e suja manobra política que, criminosamente, brincando com a vida de mais de 300 000 portugueses metropolitanos e cerca de seis milhões de africanos se procura desacreditar uma representação que veio a Lisboa com a intenção firme e determinada de fustigar a consciência nacional para o drama inenarrável que se vive neste momento em Angola».

Mais adiante, no seu comunicado, o general Fábão fundamenta a legitimidade da representação vinda de Luanda, e denuncia, de novo, o acto como manobra destinada a «afastar a atenção dos portugueses dos graves problemas que se desenrolam em Angola, e faz um apelo à unidade verbalizando o «verbalismo e oportunismo», o «aventureirismo político», as «políticas ávidas de poder», «as informações tendenciosas e partidárias» e as «lutas e intrigas políticas que visam, fundamentalmente, provocar a divisão das classes trabalhadoras e oprimidas» e

«a opressão, coacção e sectarismo».

E o comunicado conclui: «Organizemo-nos e unamo-nos em torno de um ideal comum: a construção do Socialismo no seu verdadeiro significado, isto é, uma sociedade sem classes, com o poder nas mãos dos trabalhadores e estruturada em torno da aliança operário-camponesa. Preservemo-nos a nossa unidade e independência nacionais. Reconquistemos as nossas virtudes e o velho humanismo português que, mais do que as armas, nos abriu as portas de todo o Mundo. Sejam livres, dignos e portugueses.»

ASSEMBLEIA DA FORÇA AÉREA

Continuação da pág. 1

realizados nas bases n.ºs 1, 2, 3, 5, 6 e 7 foram dados por grande maioria votos de apoio ao general Moraes e Silva.

A situação está no entanto longe de ser clara tanto mais que os sectores postos em causa pela directiva do C.E.M.F.A. são justamente aqueles que há meses o propuseram para o cargo que actualmente ocupa. Segundo muitos observadores os saneamentos à esquerda dentro das Forças Armadas já começaram. É a partir daí que, na opinião desses observadores, começa o perigo das grandes divisões e não em inevitáveis e naturais divergências ideológicas.

Recorda-se que, de acordo com a Portaria n.º 453/75 de

24 de Julho de 1975 a Assembleia da Força Aérea era composta por 130 oficiais, 65 sargentos e 35 praças. A participação na Assembleia do M.F.A. estava confiada a 42 oficiais, 14 sargentos e 4 praças. Era um misto da conservação de um núcleo revolucionário inicial (desde o 25 de Abril) com um sistema de participação alargada a todas as actividades e órgãos pela via democrática. De acordo com a directiva de 31 de Agosto do C.E.M.F.A. os participantes na Assembleia da Força Aérea e na Assembleia do Movimento das Forças Armadas passaram a ser: a hierarquia com 36 oficiais superiores e gerais, os representantes das unidades e órgãos da F.A. com 50 oficiais,

50 sargentos e 25 praças, resultando excluído o núcleo revolucionário para a Assembleia da Força Aérea; para a Assembleia do M.F.A. a hierarquia participa com 15 oficiais comandantes de unidades a que separam 22 oficiais, 16 sargentos e 13 praças de todas as secções do M.F.A. das unidades e órgãos. Foram excluídos por essa directiva os componentes do Gabinete de Coordenação do M.F.A. na Força Aérea, a Comissão Coordenadora de Sargentos e a Comissão das Praças.

Enormes contradições surgem em torno de toda esta questão e das tomadas de posição de alguns elementos, absolutamente desligados da imagem revolucionária que criaram e à qual agora deixaram de corresponder não pela sua maneira de encarar a revolução dos diversos problemas mas pelas opções de fundo tomadas.

Como resultado parece ter-se caracterizado a Assembleia da F.A. por novo empastelamento num acúmulo de tensões e dificuldades. Pelo menos uma coisa é lícito pedir aos homens do 25 de Abril: que falem franco uns com os outros e mesmo em campos ideológicos diferentes saibam distinguir os revolucionários da perigosa terceira força reacçãoária que a todos esmagará se lhe derem oportunidade ainda que o venham a executar por fases e dentro do mais frio calculismo.

Na NAZARE o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

INTELECTUAIS E CIENTISTAS COM A REVOLUÇÃO PORTUGUESA

Um grupo de trinta e cinco cientistas, escritores e artistas de primeiro plano, no âmbito mundial, subscreveram um documento em que se solidarizam — incondicionalmente — com as massas trabalhadoras portuguesas, na sua luta pela construção de uma sociedade socialista. O documento denuncia igualmente o modo como o «imperialismo e os seus lacaios europeus das sociedades-democracias manobram às claras nos bastidores dessa campanha». E a propósito sublinha:

«A Imprensa dos nossos países — salvo honrosas ex-

cepções — segue, com respeito a Portugal, uma política informativa que roça a pouca vergonha: selecciona acontecimentos mais ou menos anecdóticos e marginais, aumenta-os durante dias e semanas de uma forma publicitária, e silencia ou minimiza as transformações fundamentais que estão a ter lugar neste País.»

E prossegue, mais adiante: «Esta Imprensa dos nossos países, que agora se apresenta como defensora da democracia portuguesa é a mesma que durante decénios evitou emitir-se nos assuntos de Portu-

gal no período de Caetano, embora as crueldades do seu regime afectassem milhões de seres humanos. Agora, em compensação, arroga-se o direito de fiscalizar à sua maneira tudo o que se passa em Portugal. E, para levar a cabo esta fiscalização tendenciosa, começa por criar um instrumental retórico, cujo termo chave é a palavra «pluralismo», entendendo por tal a possibilidade de vinte proprietários de agências e empresas jornalísticas europeias e norte-americanas manipularem a informação e gozarem do direito de impor a sua opinião ao resto da Hu-

manidade». O documento termina com um apelo aos jornalistas, no sentido de que «continuem com a luta para impor a coesão nas empresas editoriais onde trabalham, para obterem, o direito de codificar na escolha das notícias e no modo como são feitos os comentários».

Subscrevem o documento de solidariedade nomes como os de Hans Magnus Herzberger, poeta e ensaísta da República Federal Alemã, Alberto Moravia, um dos mais destacados ficcionistas europeus, Pier Paolo Pasolini, também de nacionalidade italiana e autor de